



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE  
CENTRO DE HUMANIDADES  
UNIDADE ACADÊMICA DE HISTÓRIA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA**

**ELIELMA DA SILVA NÓBREGA**

**GARIMPANDO MEMÓRIAS: O TRABALHO E AS REPRESENTAÇÕES DOS  
GARIMPEIROS PICUIENSES (1943-1970)**

**Campina Grande – PB**

**2024**

**ELIELMA DA SILVA NÓBREGA**

**GARIMPANDO MEMÓRIAS: O TRABALHO E AS REPRESENTAÇÕES DOS  
GARIMPEIROS PICUIENSES. (1943-1970)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Campina Grande, como requisito para obtenção do título de Mestre em História, na linha de pesquisa: Cultura e Cidades.

**Orientador: Prof. Dr. Severino Cabral Filho**

**Campina Grande – PB**

**2024**

N754g

Nóbrega, Elielma da Silva.

Garimpendo memórias: o trabalho e as representações dos garimpeiros picuienses (1943-1970) / Elielma da Silva Nóbrega. – Campina Grande, 2024.

99 f. : il. color.

Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Humanidades, 2024.

"Orientação: Prof. Dr. Severino Cabral Filho".

Referências.

1. História Cultural. 2. Memória. 3. Trabalho e Memória – Garimpo – Picuí-PB. I. Cabral Filho, Severino. II. Título.

CDU 930.85(043)



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE  
CENTRO DE HUMANIDADES  
UNIDADE ACADÊMICA DE HISTÓRIA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA**



Às 9h (nove horas) do dia 30 (trinta) de setembro de 2024 (dois mil e vinte e quatro), de forma remota via videoconferência, a Comissão Examinadora da Dissertação para obtenção do grau de Mestre apresentada pelo(a) aluno(a) **Elielma da Silva Nóbrega**, intitulada: Garimpando Memórias: O Trabalho e as Representações dos Garimpeiros Piauienses. (1943-1970), em ato público, após arguição feita de acordo com o Regimento do referido Curso, decidiu conceder ao mesmo o conceito **“Aprovado”**, em resultado à atribuição dos conceitos dos professores doutores: Severino Cabral Filho - Orientador(a), Joachin Azevedo Neto - Examinador(a) Interno(a), Élio Chaves Flores - Examinador(a) Externo(a). Assina também a presente Ata o Secretário do PPGH Yaggo Fernando Xavier de Aquino e a Coordenadora do PPGH Michelly Pereira de Sousa Cordão, para os devidos efeitos legais.


Parecer:

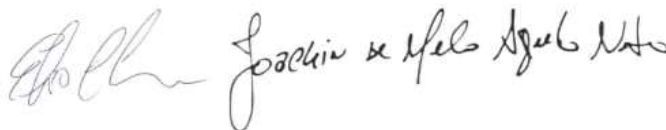
Consideramos que a dissertação de Elielma da Siva Nóbrega, com o título GARIMPANDO MEMÓRIAS: O TRABALHO E AS REPRESENTAÇÕES DOS GARIMPEIROS PICUIENSES - (1943-1970), cumpriu todos os requisitos necessários exigidos pelo PPGH/UFCG, onde se destacam a boa escrita da autora e as opções teóricas e metodológicas adequadas pela abordagem historiográfica.

**Lista de Presença**

Campina Grande, 30 de setembro de 2024.

Orientador(a)	Severino Cabral Filho	PPGH/ UFCG	
Examinador(a) Interno(a)	Joachin Azevedo Neto	PPGH/ UFCG	
Examinador(a) Externo(a)	Élio Chaves Flores	PPGH/UFPB	
Secretário	Yaggo Fernando Xavier de Aquino	 Documento assinado digitalmente YAGGO FERNANDO XAVIER DE AQUINO Data: 03/10/2024 08:36:02-0300 Verifique em <a href="https://validar.iti.gov.br">https://validar.iti.gov.br</a>	
Coordenadora	Michelly Pereira de Sousa Cordão	 Documento assinado digitalmente MICHELLY PEREIRA DE SOUSA CORDAO Data: 02/10/2024 12:00:24-0300 Verifique em <a href="https://validar.iti.gov.br">https://validar.iti.gov.br</a>	

 Documento assinado digitalmente  
SEVERINO CABRAL FILHO  
Data: 01/10/2024 05:23:26-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>



## DEDICATÓRIA

*Para minha família, meu alicerce e fonte de amor.*

*Para minhas amigas, minha fonte de luz e afago.*

*Para os trabalhadores anônimos dos garimpos.*

*Dedico.*

## AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por ser meu refúgio e fonte infinita de amor. Por conceder a alegria de chegar até aqui, por me conceder a graça de realizar esse sonho, iluminando a minha mente e me concedendo sabedoria para que fosse vivenciado. A ele toda honra, glória e louvor.

A minha Avó, Valdecir Lima da Silva, por todo amor, zelo e cuidado. Amo-te!

Agradeço a minha mãe, Eliane Lima da Silva, por todas as orações, amor e ternura. És uma fonte de inspiração.

Ao meu pai Hélio Eliel Gomes da Nóbrega e a minha madrastra Maria de Fátima Pereira da Nóbrega, pelo carinho e incentivo aos estudos.

Aos meus irmãos, Vitória Sacha, Elisselma Silva, por sempre me fortalecerem, vibrarem com as minhas conquistas. Amo muito vocês.

Aos meus amados sobrinhos, Arthur Gabriel, Laura Beatriz e Anthony Moises, pela leveza e por serem luz nos meus dias, obrigado por todo amor que aquece a minha alma.

A minha amiga Maria Artenisia, pela partilha de conhecimentos, sonhos e companheirismo no processo da realização das entrevistas.

A minha amiga, Andreia Arruda por todo incentivo, dedicação, companheirismo e afago. Por não me permitir desistir quando o caminho ficou difícil, quando não havia forças para prosseguir, por acreditar na minha capacidade. Amo muito você.

A minha amiga, Silvana Maria por toda força e incentivo, para que esta pesquisa se concretizasse, por não medir esforços para me auxiliar nos momentos de angústia. És preciosa para mim.

As minhas amigas e colegas de trabalho, Luana Cristina, Alice Vieira e Deyziane Oliveira, Renato Oliveira e Maria Ioneris, pela torcida e entusiasmo.

Ao meu namorado, Samuel de Macedo Dias, por me incentivar e tornar o caminho mais leve.

Ao meu professor orientador, Severino Cabral Filho, pela atenção, compreensão e contribuição para a pesquisa e escrita deste trabalho, és um profissional ímpar.

Aos membros da banca avaliadora, obrigado pela disponibilidade e contribuições.

Aos professores vinculados ao Programa de Pós-Graduação em História, por todos os conhecimentos compartilhados ao longo do curso, os quais foram muito significativos para a construção desse trabalho.

Aos funcionários da UFCG, pela prestação de serviços essenciais para a formação dos discentes desta instituição. Em especial aos servidores da coordenação do PPGH.

Aos que de alguma forma contribuíram para a concretização deste sonho, o qual é a obtenção do título de Mestre em História.

Agradeço!

## RESUMO

A extração mineral foi por décadas uma das principais fontes de renda de muitas famílias agricultoras picuienses. Lugares de trabalho intenso e relações sociais, as banquetas também eram palco de conversas, práticas e saberes. A presente pesquisa tem por objetivo contribuir acerca da história do trabalho, bem como dialogar com as temáticas envolvendo cotidiano e cidade, atentando para as suas memórias e experiências vivenciadas entre os anos de 1943 e 1970, recorte temporal marcado pela intensificação da extração mineral no contexto da Segunda Guerra Mundial, assim como, o contexto de regressão tecnológica no período pós-guerra. Nosso interesse consiste em analisar as transformações socioculturais e econômicas, ocorridas na cidade de Picuí–PB, observando as mudanças e permanências ocorridas nesse espaço de tempo, envolvendo as relações de trabalho e seu cotidiano, tal como, os impactos causados tanto no meio ambiente, quanto na vida dos trabalhadores desses garimpos. Para tanto, dialogamos com as discussões de Sandra Pesavento (a respeito da cidade) e Jacques Le Goff, Maurice Halbwachs e Ecléa Bosi (com o conceito de memória), com as reflexões de Pierre Nora, Pollack e Ricouer (sobre os lugares de memória). Para pensarmos a história dos antigos garimpeiros picuienses, utilizamos as suas memórias, iconografias, documentário, áudio visual e reportagens de jornais. Até o momento, constatamos que estes trabalhadores carregam um conjunto de saberes e fazeres acerca do processo da extração mineral, possuindo assim um caráter de exclusividade sobre o trabalho que realizavam.

**Palavras–chave:** Trabalho; Memória; Garimpo; Picuí.



## ABSTRACT

**For decades, mineral extraction was one of the main sources of income for many farming families in Picuí. Places of intense work and social relations, the banquetas were also the scene of conversations, practices and knowledge. The aim of this research is to contribute to the history of work, as well as to dialogue with themes involving everyday life and the city, paying attention to their memories and experiences between 1943 and 1970, a period marked by the intensification of mineral extraction in the context of the Second World War, as well as the context of technological regression in the post-war period. Our interest lies in analyzing the socio-cultural and economic transformations that took place in the city of Picuí-PB, observing the changes and continuities that occurred in this time frame, involving work relations and daily life, as well as the impacts caused both on the environment and on the lives of the workers in these mines. To do this, we dialogued with the discussions of Sandra Pesavento (about the city) and Jacques Le Goff, Maurice Halbwachs and Ecléa Bosi (about the concept of memory), with the reflections of Pierre Nora, Pollack and Ricouer (about places of memory). In order to think about the history of the old miners from Picuí, we used their memories, iconographies, documentaries, audiovisuals and newspaper reports. So far, we have found that these workers carry a body of knowledge and know-how about the mineral extraction process, thus possessing an exclusive character about the work they did.**

**Keywords: Work; Memory; Mining; Picuí.**

## LISTA DE FIGURAS

<b>Figura 1:</b> Localização da cidade de Picuí-PB no mapa da Paraíba.....	23
<b>Figura 2:</b> Centro da cidade de Picuí na década de 40. ....	35
<b>Figura 3:</b> Vista da parte de trás do mercado público municipal, ficava localizado na av. 24 de novembro no centro da cidade de Picuí.....	35
<b>Figura 4:</b> Mostra de minerais extraídas pelos garimpeiros, guardadas como recordação.....	48
<b>Figura 5:</b> instrumento rudimentar utilizado pelos garimpeiros para extrair minério. ....	48
<b>Figura 6:</b> Enchentes trouxeram grandes prejuízos para Picuí.....	51
<b>Figura 7:</b> Construção da ponte rio Picuí, 1969.....	52
<b>Figura 8:</b> Construção da ponte rio Picuí, 1969.....	52
<b>Figura 9:</b> Ponte rio Picuí, construída na adm. Do ex-prefeito José Mariano no ano de 1969. Ao lado da foto temos os galpões da Samba. ....	52
<b>Figura 10:</b> Garimpeiros apurando tantalita .....	58
<b>Figura 11:</b> Vergoneta sobre seus trilhos, na saída de uma galeria. ....	60
<b>Figura 12:</b> Garimpeiro colhendo tantalita. ....	62
<b>Figura 13:</b> Criança na cata de tantalita na II Guerra em Picuí-PB.....	64
<b>Figura 14:</b> Garimpeiros picuienses.....	74
<b>Figura 15:</b> Garimpeiros picuienses .....	75
<b>Figura 16:</b> Garimpeiros Picuienses .....	76
<b>Figura 17:</b> Decreto municipal de autorização da criação de um museu mineralógico na cidade de Picuí-PB - 1964	80
<b>Figura 18:</b> sr. Nozinho Santos em seu museu particular.....	81
<b>Figura 19:</b> Bandeira da cidade de Picuí - PB .....	82
<b>Figura 20:</b> Praça Getúlio Vargas, em Picuí. A base do monumento constituída por quartzo branco e rosa, a base do busto de cristais de ortose branca. ....	86
<b>Figura 21:</b> Busto da praça Getúlio Vargas.....	86
<b>Figura 223:</b> Praça dos garimpeiros (Severino Pereira Gomes).....	87
<b>Figura 23:</b> Paineis da praça dos garimpeiros .....	87
<b>Figura 24:</b> Busto da praça Severino Pereira Gomes .....	89
<b>Figura 25:</b> Relógio de Pedras, Picuí - PB .....	91
<b>Figura 26:</b> Alto do Cruzeiro.....	92
<b>Figura 27:</b> Capela de Nossa Senhora Aparecida, construída sobre o Alto do Cruzeiro.....	92

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>12</b>
<b>CAPÍTULO 1: O AUGES NA MINERAÇÃO PICUIENSE: MUDANÇAS TECNOLÓGICAS E OPERACIONAIS E AS PERMANÊNCIAS NA EXPLORAÇÃO DO TRABALHO.....</b>	<b>25</b>
<b>1.1 Tecendo memórias, extraindo histórias: extração mineral no território picuiense .....</b>	<b>25</b>
<b>1.2 Nova dinâmica da extração mineral: Impactos do pós-Guerra em Picuí-PB.....</b>	<b>42</b>
<b>CAPÍTULO 2: GARIMPANDO LEMBRANÇAS: VIDA E TRABALHO.....</b>	<b>57</b>
<b>2.1 Mineração artesanal: as formas de extração mineral nos garimpos de Picuí-PB .....</b>	<b>57</b>
<b>2.2 A inserção precoce de crianças nos garimpos picuienses.....</b>	<b>63</b>
<b>2.3 Desbravando Riscos: A Realidade Invisível dos Garimpos.....</b>	<b>67</b>
<b>CAPÍTULO 3: PERSPECTIVAS E NARRATIVAS: AS REPRESENTAÇÕES DOS GARIMPEIROS DE PICUÍ-PB .....</b>	<b>79</b>
<b>3.1 Guardiões do tempo: lugares de memória e a construção da identidade coletiva.....</b>	<b>84</b>
<b>3.2 Construindo com História: O Legado dos Garimpos no paisagismo das praças picuienses .....</b>	<b>86</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>94</b>
<b>REFERENCIAS BIBLIOGRAFICAS .....</b>	<b>97</b>

## INTRODUÇÃO

As experiências vivenciadas nos garimpos têm sido estudadas por pesquisadores do campo da Geografia, Mineralogia, Antropologia, Geologia, Ecologia, História e Sociologia, bem como tem sido assunto recorrente em abordagens cinematográficas, a exemplo das reportagens em noticiários e em documentários.

Os garimpos a céu aberto consistem em espaços de trabalho, sociabilidade e troca de experiências. Estas unidades produtivas, em sua maioria, se caracterizam pelo trabalho manual, rudimentar e de risco elevado que envolve uma rede de contratações informais. Geralmente tocados por grupos marcados pelas relações familiares e de compadrio, que realizavam essa atividade de modo sazonal, isto porque a maioria dos garimpeiros eram trabalhadores rurais que, em virtude das condições climáticas, dedicavam-se ao plantio durante os curtos períodos chuvosos e nos meses seguintes se dedicavam ao garimpo. O que fez da mineração uma oportunidade a mais de emprego e geração de renda.

A atividade mineral possuiu uma grande importância social e econômica, ao longo do tempo e tem chamado a atenção de estudiosos das diversas áreas do conhecimento científico. A inserção na atividade mineral do garimpo remete a uma estratégia familiar, muitos garimpeiros eram filhos de garimpeiros que adentraram a mineração para garantir condições necessárias à sua sobrevivência. Entretanto, poucos dos trabalhos desenvolvidos acerca da temática, tem preocupação com a percepção dos garimpeiros e a conservação de suas memórias. Em linhas gerais, os garimpeiros sempre foram associados às práticas de devastação ambiental, invisibilizando as suas lutas diárias e o seu papel social na economia local e regional, uma vez que, contribuíram para o desenvolvimento da região, que sempre foi fortemente afetada pela seca.

De acordo com Certeau (2011, p.56), toda pesquisa historiográfica se articula com um lugar de produção socioeconômico, político e cultural.”<sup>1</sup> Portanto, abordar essa atividade trazer à tona algumas problemáticas. Diante do exposto, convém perguntar, como as mudanças de hábitos e costumes provocados pela intensificação da extração mineral modificaram a dinâmica social e econômica da cidade de Picuí-PB?

Para compreendermos as dimensões dos impactos socioculturais, ambientais, políticos e econômicos inerentes à prática do garimpo, é importante uma abordagem histórica desse

---

<sup>1</sup> CERTEAU, Michel de. A Escrita da História; tradução de Maria de Lourdes Menezes. 3. Ed. Rio de Janeiro: Forense, 2011, P.56.

processo, construída através da perspectiva dos próprios garimpeiros. Ao ouvirmos as experiências dos trabalhadores dos garimpos, estaremos privilegiando uma forma de enxergar um contexto histórico, no qual estes sujeitos participaram diretamente do processo, em que presenciaram, tal como, experimentaram as rotinas, os imprevistos, as transformações e as sensibilidades, tornando-se testemunhas da sua época. Ao propormos contar, nesta pesquisa a história da mineração em Picuí-PB, sob o ponto de vista dos próprios garimpeiros, por meio das suas lembranças, foi possível acessar um leque de possibilidades para o desenvolvimento da pesquisa histórica.

Esta pesquisa dialoga com o conceito de memória delimitado por Jacques Le Goff, o qual considera de fundamental importância quando nos propomos a enveredar pela relação entre passado e memória para a escrita da história. Portanto, concordamos com Le Goff quando ele afirma que: “tornar-se senhores da memória e do esquecimento é uma das grandes preocupações das classes, dos grupos, dos indivíduos que dominaram e dominam as sociedades históricas”. (Le Goff, 2003, p.422).

Essa preocupação atravessa a história das sociedades humanas, tanto no nível coletivo, quanto no individual. Refletindo a busca pelo controle sobre o passado e sua interpretação, bem como o desejo de moldar narrativas que sirvam a determinados interesses. Desse modo, a presente pesquisa é uma escavação no passado, na busca das memórias soterradas nas lembranças dos garimpeiros, que representa uma das tantas dimensões da história da cidade de Picuí-PB. Como afirma Marilena Chauí (1995) “a memória é uma evocação do passado. É a capacidade humana de reter e guardar o tempo que se foi, salvando o da perda total” (Chauí, 1995, p. 125).

Também recorremos ao conceito de memória, proposto por Bosi (1992. p.47), o qual enfatiza que, “a memória seria o lado subjetivo de nosso conhecimento das coisas que viabiliza a relação do corpo presente com o passado e, ao mesmo tempo interfere no processo “atual” das representações”. A memória desempenha um papel fundamental em nossa compreensão de mundo e de nós mesmos. É através da memória que acessamos e interpretamos experiências passadas, emoções e informações. Essa nossa capacidade de lembrar e relembrar não apenas nos conecta ao nosso passado, mas também molda nossa percepção e interpretação do nosso presente.

Tornar-se senhores da memória e do esquecimento é uma das preocupações centrais para as classes dominantes e os grupos poderosos em uma sociedade. O que acarreta a criação de uma memória oficial, por meio do controle da narrativa histórica, da legitimação do poder e

do esquecimento seletivo. Os esquecimentos e os silêncios da história são reveladores destes mecanismos de manipulação da memória coletiva. (Le Goff, 2003). Essa busca pelo controle da narrativa histórica tem profundas implicações para a identidade coletiva, a legitimidade do poder e a justiça social. Contudo, também há espaço para resistência e contra narrativas que desafiam essa hegemonia e buscam uma compreensão mais inclusiva e justa do passado.

Por meio desta perspectiva, a análise dos diálogos produzidos pela memória dos garimpeiros, acerca do recorte temporal proposto, nos possibilitará reconfigurar nuances de experiências de vida desses trabalhadores. Maurice Halbwachs<sup>2</sup> aborda o conceito de memória como o armazenamento de informações acerca das experiências vividas no coletivo e as ligações existentes com as lembranças individuais. Para o autor, a memória divide-se em dois tipos, uma que corresponde à vida pessoal e outra que configura à vida social.

Halbwachs (2006) afirma que a memória individual é uma construção do meio, e estas memórias influenciam a “pluralidade de memórias coletivas”, ou seja, o indivíduo se refaz e desfaz se apropriando de elementos da sua memória ou de outra, sua amplitude, é o que dá conta da vida da sociedade. A memória coletiva é de grande interesse para o historiador, pois apesar de se tratar de recordações vivenciadas pelo indivíduo ou repassadas para ele, são compreendidas como pertencentes de uma comunidade. Essas memórias, apesar de servir-se uma da outra, são entendidas pelo autor, como de naturezas distintas.

Em seu ensaio “*O tempo e os tempos*” Bosi (1992) afirma que é a linguagem que possibilita a memória articular-se formalmente e duradouramente na vida social. Ainda de acordo com Bosi:

Pela memória, as pessoas que se ausentaram fazem-se presentes. Com o passar das gerações e das estações, esse processo cai no inconsciente lingüístico, reafirmando sempre que se faz uso da palavra que evoca e invoca. É a linguagem que permite conservar e reavivar a imagem que cada geração tem das anteriores. Memória e palavra, no fundo inseparáveis, são a condição de possibilidade do tempo reversível. Eu me lembro do que não vi porque me contaram. Ao lembrar, reatualizo o passado, vejo, historio o que outros viram e me testemunharam... O diálogo com o passado torna-o presente. O pretérito passa a existir, de novo. (BOSI, 1992, p. 19).

Ao destacar a interconexão entre memória e linguagem, Bosi (1992) ressalta como a palavra é fundamental na preservação e reativação das lembranças, permitindo que as pessoas ausentes se tornem presentes e que o passado seja revivido. Enfatizando como a memória e a linguagem estão intrinsecamente ligadas na preservação e reativação do passado. Por

---

<sup>2</sup> HALBWACHS, M. A memória coletiva. Trad. de Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2006.

intermédio do poder da palavra, as lembranças são transmitidas ao longo do tempo, permitindo que o passado se torne presente e influencie a nossa compreensão do mundo e de nós mesmos.

Segundo Ricoeur, “[...] não temos outro recurso a respeito de referências ao passado, senão a própria memória.” (Ricoeur. 2012, p. 40). Para o autor, a memória está estritamente ligada a História, às experiências e às vivências. Para Thompson (1992, p. 25–26) “uma vez que a memória das experiências de vida das pessoas de todo tipo possa ser utilizada como matéria-prima, a história ganha nova dimensão”. ou seja, a memória possibilita grandes contribuições para uma reconstrução mais ampla do passado. Sua importância reforçada pela compreensão do passado está diretamente ligada ao presente, assim como, o presente para com o passado.

As histórias de vida dos trabalhadores são extremamente significativas, pois seus relatos “[...] constroem e reelaboram percursos, imagens e representações de si e de eventos que se desviam e se deslocam a todo o momento, inelutavelmente situados a partir dos lugares sociais e culturais ocupados pelos sujeitos” (Silva & Paulilo, 2008. p.45).

O conceito de trabalho será focado de modo central em nossa pesquisa, portanto, se faz necessário uma discussão acerca dessa atividade humana na história e como tem sido abordada pela historiografia. O conceito de trabalho ao longo da história adquiriu contornos exclusivos, são contornos que se assemelham aos costumes culturais de épocas e nações distintas. A noção de trabalho passou por diversas modificações ao longo dos séculos. Deste modo, cada período encarou o trabalho de acordo com os pensamentos da sua época. As discussões fomentadas por Karl Marx e Hannah Arendt, nos possibilitará refletir sobre a concepção de trabalho e as perspectivas inerentes a este, em épocas distintas.

Marx, entendia que o trabalho, antes de tudo era uma relação entre o homem e a natureza, processo esse, que o ser humano consegue controlar, manipular, regular seu metabolismo junto à natureza. Para o autor, o trabalho é o elemento que define a espécie humana das demais, por ela produzir seus próprios meios de existência, os quais, conseqüentemente, produzem de forma indireta sua própria vida material. O pensador enfatiza, ainda, que o trabalho humaniza o ser humano, tornando-o diferente dos demais animais. É por meio das suas atividades de trabalho, que o ser humano se estabelece como ser social.

Acerca do trabalho como diferenciador, Marx (1988) nos diz que:

Pressupomos o trabalho numa forma em que pertence exclusivamente ao homem. Uma aranha executa operações semelhantes às do tecelão, e a abelha envergonha mais de um arquiteto humano com a construção dos favos de suas colméias. Mas o que distingue, de antemão, o pior arquiteto da melhor abelha é que ele construiu o favo

em sua cabeça, antes de construí-lo em cera. No fim do processo de trabalho obtém-se um resultado que já no início deste existiu na imaginação do trabalhador, e, portanto idealmente. (Marx, 1988. p. 142).

Para Arendt (2016), o trabalho é uma das três atividades fundamentais da vida humana. Pois é ele que garante a sobrevivência de cada indivíduo, deste modo, perpetuando a vida da espécie humana.

O trabalho é a atividade que corresponde ao processo biológico do corpo humano, cujos crescimento espontâneo, metabolismo e resultante declínio estão ligados às necessidades vitais produzidas e fornecidas ao processo vital pelo trabalho. A condição humana do trabalho é a própria vida. (Arendt, 2016. P.9).

Na sua obra, a autora explica a noção de trabalho na antiguidade, e o modo como essa atividade era vista como desprezível, nesse contexto, havia uma aversão ao desempenho de atividades que não resultassem em obras merecedoras de serem lembradas, bem como, exigissem grandes esforços. Diferente da era moderna, na qual ocorreu uma inversão das tradições, em que o trabalho passou a ser fonte de todos os valores.

Ao que tange as questões do trabalho na historiografia, as abordagens acerca da história do trabalho estão intimamente ligadas ao campo da história social. Nessa perspectiva, as tensões sociais, a repercussão das abordagens estruturais e o constante aprimoramento metodológico que marcaram as décadas de 1950 e 1960, resultaram em desdobramento no campo da própria ciência histórica. Durante a década de 1960 ocorreu uma renovação interna da História Social: a história do trabalho. De acordo com Van der Linden (2009), *A Formação da Classe Operária*, de Thompson, influenciou diretamente nos estudos posteriores sobre este campo, “[...] ao enfatizar cultura e consciência, transformou a história do trabalho em história da classe trabalhadora” (Linden, 2009. p.12). Desse modo, o autor explicita o enriquecimento historiográfico com a ampliação das possibilidades a serem estudadas, que, com a nova história do trabalho, passaram a ir além dos processos trabalhistas.

A obra de Thompson foi a referência mais relevante no período da passagem da denominada velha história do trabalho, para a nova história do trabalho. Linder ressalta que a velha história do trabalho era marcada pelas instituições, greves, debates políticos, e por sua descrição organizacional. A nova história do trabalho buscou dar uma maior atenção às lutas dos trabalhadores. É importante destacar que a velha história do trabalho também deu atenção a classe trabalhadora, Linder, destacou que:



Não se pode negar que a Nova História do Trabalho dos anos 1970 e 1980 introduziu uma drástica renovação da disciplina. Não apenas os processos de trabalho e cultura cotidiana, mas também as relações de gênero, etnia, raça e idade finalmente ganharam a atenção que mereciam, ao lado das estruturas domésticas, sexualidade e políticas informais. A Nova História do Trabalho assinalou uma genuína revolução intelectual. (Ibidem., p.12).

Thompson ao publicar seu artigo intitulado “*The History From Below*”, popularizou o conceito de “história vista de baixo”, que passou a ser recorrentemente abordado pelos historiadores. Essa perspectiva possibilitou aos profissionais da história a abertura para novos campos da pesquisa, a saber, aos que tinham a pretensão de expandir os caminhos delimitados por esse campo, possibilitando aos historiadores enveredarem pelos percursos dos excluídos e marginalizados pelas abordagens da historiografia tradicional.

De acordo com Thompson (2001), através do seu conceito de experiência, o principal objeto de estudo é o trabalhador. Em seus escritos, Thompson pensou a cultura como um papel determinante e como força motivadora das transformações históricas, esse pensamento consiste em uma crítica à visão do determinismo econômico. Na sua obra, o escritor contesta a ideia de que a história dos comuns era irrelevante ou apenas “um fardo social que o governo teria que lidar”.

Os estudos devolvidos por Thompson foram realizados a partir das experiências das pessoas, do modo que viveram. E é deste modo que pretendemos analisar o trabalho nos garimpos da cidade de Picuí-PB, observando suas experiências, dentro do contexto em que estavam inseridas. De acordo com Benjamin (1994, p. 11) “a memória garante a existência de uma experiência coletiva ligada a um trabalho e um tempo partilhados, em um mesmo universo de práticas”.

No final do século XX, aconteceram mudanças significativas no Campo da História, com a efervescência da Terceira Geração dos Annales, que foi denominado por Peter Burke de “A Revolução Francesa da Historiografia” (Burke, 1992), esse evento gerou uma revolução na abordagem da história, ao implementar novas propostas para a construção do conhecimento histórico, deste modo, modificando a produção historiográfica. A Nova História possibilitou outras abordagens historiográficas, sob uma atual perspectiva, por um viés que por anos foi deixado de lado, uma ótica vista de baixo. Nesse sentido, temas como: as relações de gênero, sociabilidade, trabalho, cidades, sensibilidades, cotidiano, entre outros, passaram a compor a abordagem da História Cultural.

Segundo Burke (1997) “Talvez fique mais claro dizer que a grande inovação é a incorporação ou, ao menos, a tentativa de incorporar a vida cotidiana na história cultural”<sup>3</sup>. Portanto, a nova História Cultural, possibilitou ao historiador, trilhar novos caminhos, diante da vastidão de práticas culturais. O campo da historiografia encontra-se aberto as inúmeras possibilidades, como afirma Barros:

O oceano da historiografia acha-se hoje povoado por inúmeras ilhas, cada qual com a sua flora e a sua fauna particular. Ou, para utilizar uma metáfora mais atual, podemos ver a historiografia como um vasto universo de informações percorrido por inúmeras redes, onde cada profissional encontra a sua conexão exata e particular. (Barros, 2011, p.9).

Diários, recortes de jornais, memórias e fotografias, assim como outros documentos, colocam a disposição do historiador, uma multiplicidade de métodos, abordagens, personagens e histórias para o estudo das cidades. De acordo com Maria Izilda (2002):

[...] Os estudos do cotidiano passaram a atrair os historiadores desejosos de ampliar os limites de suas disciplinas, de abrir novas áreas de pesquisa e acima de tudo de explorar as experiências históricas de homens e mulheres cuja identidade foi tão frequentemente ignorada ou mencionada apenas de passagem (Matos, 2022, p. 24).

O exercício de pensar o cotidiano destes garimpeiros, nos leva a outras linhas que coexistiam com o trabalho. Silvia Petersen (1995) considera que o cotidiano é um território que compreende todo o ser humano. De modo que a vida cotidiana é como se fosse uma dimensão, na qual ocorre o desdobramento de ações, caracterizando as reproduções individuais e sociais. Para Petersen (1995), a vida cotidiana não é limitada pela rotina, que o caracteriza, tendo em vista que o cotidiano é também o momento da vida que

“[...] se dão as interações, onde se produzem sentidos, onde surgem os amores, onde se substituem os interlocutores, onde sobrevém a catástrofe, onde a surpresa está presente, onde um sorriso, uma palavra, um ato provocam subversões imprevistas” (Petersen, 1995.p.10).

A autora enfatiza a profundidade e a riqueza da vida cotidiana, que às vezes é erroneamente reduzida à rotina. A vida cotidiana não é apenas uma série de eventos monótonos

---

<sup>3</sup> Publicada na revista Diálogos, BURKE 1997. As ideias discutidas nessa palestra estão diluídas no livreto BURKE 2008, P.5.

e repetitivos, mas um espaço que revela a complexidade e a diversidade da vida. É aqui que ocorre a interação humana e o significado é constantemente construído e reconstruído.

Na vida cotidiana, encontramos não apenas a estabilidade da rotina, mas também a imprevisibilidade das surpresas. É onde os relacionamentos se formam e se transformam, onde o amor floresce e onde a tragédia acontece. É um espaço cheio de encontros e desentendimentos, onde a cada momento pode trazer reviravoltas inesperadas.

Também recorreremos ao uso do conceito de cotidiano proposto por Agnes Heller (1998, p.20), para a qual “A vida cotidiana não está ‘fora’ da história, mas no ‘centro’ do acontecer histórico”, formando “a verdadeira ‘essência’ da substância social”. Através das entrevistas será possível analisar o que Heller denomina de partes orgânicas da vida cotidiana, que consiste na organização do trabalho, da vida privada, bem como, nas relações de troca e experiência.

Para Heller (1998), são poucas as atividades extraordinárias, as quais alguns homens, ou grupos, representando toda a humanidade, conseguem ir para além do plano cotidiano, escrevendo suas ações. Assim, gerando o surgimento ou desenvolvimento de normas, valores, atitudes, práticas políticas para a humanidade. É notório que esses acontecimentos excepcionais, não são corriqueiros, não partem da simples vontade ou desejo humano, são o resultado da complexidade da inter-relação de elementos e fatores, os quais possibilitam a poucos desempenharem isso conforme as suas escolhas, e, sobretudo, com as oportunidades que, como consequência, instauram um novo cotidiano.

De acordo com Heller:

Na vida cotidiana, o homem atua sobre a base da probabilidade, da possibilidade: entre suas atividades e as conseqüências delas, existe uma relação objetiva de probabilidade. Jamais é possível, na vida cotidiana, calcular com segurança científica a conseqüência possível de uma ação. Nem tampouco haveria tempo para fazê-lo na múltipla riqueza das atividades cotidianas. (Heller, 1998, p.30).

A autora ao destacar a natureza probabilística e incerta da vida cotidiana humana, evidencia que é no cotidiano que as decisões são tomadas, com base em estimativas de probabilidade e possibilidade, ao invés de certezas absolutas. Essa realidade implica em tomar decisões rápidas e adaptativas, muitas vezes sem a possibilidade de análise.

Para o desenvolvimento desta pesquisa, as histórias de vida desses sujeitos foram analisadas a partir da metodologia da história oral. Entrevistamos garimpeiros que trabalharam nos garimpos, e se transformaram em testemunhas do seu tempo. O critério de escolha dos participantes foi a sua participação na atividade de extração mineral nas minas picuienses, durante o período estabelecido pela pesquisa. As entrevistas foram gravadas e posteriormente

transcritas e analisadas, considerando as disposições que o entrevistado quis manifestar através de suas declarações, pois o que se exterioriza dos depoimentos não pode ser entendido, nem como uma reprodução da realidade tal como foi, nem como uma falsificação delas.

Portanto, deve ser entendida como uma construção que cada indivíduo elabora, a partir de uma realidade que foi possível conhecer. Nesse sentido, os depoimentos viabilizaram o acesso a uma realidade delimitada pelas vivências de cada entrevistado. Logo, os depoimentos devem ser analisados considerando que no curso de suas vidas, essas pessoas desempenharam e continuam desempenhando um conjunto de papéis sociais.

Logo, a História Oral, como referencial teórico-metodológico na abordagem qualitativa, apresenta-se como uma possibilidade útil à realização desta pesquisa. Esta, caracteriza-se como uma metodologia de pesquisa que objetiva ouvir e registrar as falas dos sujeitos silenciados da história oficial e inseri-los dentro dela. Assim, pretende-se incorporar as falas dos antigos garimpeiros à história da cidade de Picuí-PB, considerando que “a História oral permite o registro de testemunhos e o acesso a ‘histórias dentro da história’ e, dessa forma, amplia as possibilidades de interpretação do passado”. (Alberti, 2005 p.155).

Segundo Ferreira (1994, p.12) a história oral enquanto método de pesquisa tem-se revelado um instrumento importante no sentido de possibilitar uma melhor compreensão da construção das estratégias de ação, bem como das representações de grupos ou indivíduos em uma dada sociedade. Para Verena Alberti, a História Oral “consiste na realização de entrevistas gravadas com indivíduos que participaram de, ou testemunharam, acontecimentos e conjunturas do passado e presente” (Alberti, 2005, p. 155).

A entrevista é a ferramenta principal para o levantamento de dados. Nessa perspectiva, a mesma, revela-se como um método pertinente para este objetivo, uma vez que, não existem nos arquivos oficiais, registros que trouxessem o ponto de vista dos garimpeiros sobre a história desse período da cidade.

Desse modo, a principal ferramenta desse estudo é a entrevista, que requer uma preparação prévia, um projeto que delimite os caminhos a serem percorridos pelo pesquisador ao longo da investigação. O projeto de pesquisa do historiador é pautado no seu problema inicial, a partir dessa problemática central, deve-se elaborar o questionário, escolher os entrevistados, bem como, organizar em quanto tempo essas entrevistas serão realizadas.

Isso significa que os entrevistados são tomados como unidades qualitativas, e não como unidades estatísticas. Para selecioná-los é necessário um conhecimento prévio do universo estudado; é preciso conhecer o papel dos que participaram ou participam do tema investigado, saber quais os mais representativos e quais são reconhecidos

pelo grupo, além de conhecer os que são considerados “desviantes” (Alberti, 2005, p. 172).

Em uma pesquisa qualitativa preza-se mais pelas opiniões e pontos de vista, do que pelo número de entrevistas a serem coletadas. Dessa maneira, a escolha dos entrevistados deve ser minuciosa, de modo que os entrevistados tenham conhecimento prévio ou contato direto com o tema. Consideremos que tratar-se de uma pesquisa de cunho interpretativo, por seu caráter subjetivo, trará algo de novo, “não apenas o que o povo fez, mas o que queria fazer, o que acreditava estar fazendo e o que agora pensa que fez” (Portelli, 1997, p. 31).

Sobre a especificidade do documento final da fonte oral, Alberti (1998), afirma que:

Uma entrevista de história oral não apenas fornece relatos de ações passadas, mas é ela mesma um conjunto de ações que visa determinados efeitos - efeitos que se pretende que ajam sobre o interlocutor na própria entrevista, e efeitos que se pretende que repercutam para além da relação de entrevista, no público que a consulta e eventualmente na sociedade como um todo. (Alberti, 1998, p. 34).

Os garimpeiros entrevistados foram o senhor Miguel (Miguel Vitalino), o Sr. Francisco Borges e o Sr. Cicero Machado. Os entrevistados compartilharam experiências, histórias de vida e trajetórias profissionais, bem como suas próprias visões de mundo e de que modo se enxergavam na sociedade. A utilização dos nomes verdadeiros foi permitida pelos participantes entrevistados abaixo. Um quadro foi elaborado para sistematizar a apresentação destes:

**Quadro 1:** Entrevistados

<b>Entrevistado</b>	<b>Idade</b>	<b>Localidade</b>
<b>Miguel Vitalino</b>	93	Picuí /Zona Urbana
<b>Francisco Borges</b>	79	Picuí /Zona Urbana
<b>Cícero Machado</b>	80	Picuí /Zona Urbana

**Fonte:** NÓBREGA, 2024

Para além dos relatos orais de memória, também utilizaremos como auxílio matérias publicadas acerca da extração mineral no território de Picuí–PB, do Jornal a União, fotografias e o documentário Urânio Picuí. O documentário que foi utilizado, pode ser encontrado no Youtube, uma plataforma digital de vídeos em que a maioria das suas produções são publicadas de forma gratuita. O documentário intitulado de Urânio Picuí, tem duração de 4 min48s.

Em virtude da distância do nosso recorte temporal, houve a dificuldade de encontrarmos homens que trabalharam nos garimpos, os quais estivessem vivos e lúcidos. Desse modo,

também se fez necessário recorrermos às fontes audiovisuais, através dos relatos de memória contidos no Documentário “Urânio Picuí”. Consistindo em valiosos relatos de memória de antigos garimpeiros registrados no referido documentário, como também, as memórias de trabalhadores que dedicaram anos das suas vidas à extração mineral, que em sua maioria não se encontram vivos.

Consideremos que:

Nem o conteúdo da fonte audiovisual se limita aos parâmetros verbais, nem a realidade por eles registrada ou encenada é bruta e livre de qualquer filtro de linguagem ou de escolhas por parte dos realizadores (produtores, editores, diretores, roteiristas, jornalistas etc). Essas características das fontes audiovisuais e sonoras não são limites para o historiador, mas o ponto de partida para o trabalho de crítica historiográfica. (Napolitano, 2008, p.268)

Há também a entrevista concedida ao canal do Técnico em mineração, Antonio de Pádua Sobrinho, em 2012, intitulada o garimpo: marco da história mineral de Picuí- entrevista nozinho dos santos, com duração de 4 minutos e 48 segundos, concedida pelo garimpeiro Nozinho Santos<sup>4</sup>, na época com 77 anos.

As imagens também fazem parte do nosso aporte metodológico, através de sua observação, analisarem o cotidiano, as sensibilidades, as memórias, os corpos que compõem a imagem e o período em que foi registrada.

Mauad (1996) sugere que,

Nunca ficamos passivos diante de uma fotografia: ela incita nossa imaginação, nos faz pensar sobre o passado, a partir do dado de materialidade que persiste na imagem. Um indício, um fantasma, talvez uma ilusão que, em certo momento da história, deixou sua marca registrada, numa superfície sensível, da mesma forma que as marcas do sol no corpo bronzeado, como lembrou Dubois. Num determinado momento o sol existiu sobre aquela pele, num determinado momento um certo aquilo existiu diante da objetiva fotográfica, diante do olhar do fotógrafo, e isto é impossível negar. (Mauad, 1996, p.15).

Para Leite (2015)

[...]a imprensa não apenas interfere nas questões políticas, mas em diversos setores da vida social, na articulação e disseminação de idéias, valores, referências, memórias, ideologias, modos de pensar e agir em sua historicidade, o que a torna uma fonte inesgotável de pesquisa e estudo (Leite, 2015, p.5).

---

<sup>4</sup> Nozinho dos Santos (in memoriam) foi garimpeiro, comerciante, agricultor, vereador e vice-prefeito de Picuí, faleceu em 30 de junho de 2014.

Os jornais também foram elencados como aporte metodológico, as “fontes jornalísticas são para o historiador um importante meio para a reconstituição do passado e explicação dos fenômenos políticos” (Bazaga; Romano, 2012, p. 2). Estes são uma das formas de registro de um cotidiano passado, o qual não experienciamos, meios pelos quais as comunidades representam suas práticas sociais, culturais, econômicas e políticas, conforme a sua época. Entretanto, enquanto documento histórico construído, não deve ser tomado como reflexo exato de um determinado contexto, mas, como uma forma de representação.

De modo que esta pesquisa reúne fontes documentais e orais, caminhos que se cruzam possibilitando o acesso às representações, para analisar e compreender uma realidade social. Deste modo, acreditamos que: “[...] não devemos renunciar a essa história total que une num só conjunto os aspectos múltiplos e solidários de uma mesma realidade, porque isso seria renunciar a compreender. Toda história é, ao mesmo tempo e indissociavelmente, social e cultural” (Prost, 1998, p. 137).

Este estudo visa contribuir acerca da história do trabalho, bem como dialogar com as temáticas envolvendo cotidiano e cidade. A escolha da trajetória de vida dos garimpeiros da cidade de Picuí-PB, justificou-se pelo fato do garimpo fazer parte da memória local da cidade, assim como, da intensificação da extração mineral, ocorrida na década de 40. Desse modo, acredita-se ser relevante valorizar a experiência daqueles que trabalharam por longos anos e detiveram um conjunto de saberes, assim como, histórias marcadas pelo trabalho nas banquetas<sup>5</sup> dos garimpos picuienses, que precisam ser consideradas.

A pesquisa contribui com os estudos da linha I — História, cultura e cidade, do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Campina Grande, e para a História da cidade de Picuí-PB, pois fortalecerá o debate acerca da valorização do papel dos trabalhadores, que desenvolveram um papel importante para a cidade. Este trabalho é fruto de uma pesquisa desenvolvida no campo da história local.

O recorte temporal aqui estabelecido (1943-1970) deve-se ao fato deste contemplar o período de modernização e regressão da mineração em Picuí-PB, com isso historizaremos as transformações ocorridas na referida cidade, a partir das narrativas e representações dos trabalhadores dos garimpos, as suas vivências nas banquetas e na cidade.

Nesse contexto, propomos estruturar nosso trabalho em três capítulos. No primeiro capítulo, intitulado, O auge na mineração picuiense: mudanças tecnológicas e operacionais e as permanências na exploração do trabalho, investigaremos as mudanças socioculturais e

---

<sup>5</sup> Lugar onde um buraco é cavado e instala-se os equipamentos para a extração mineral.

econômicas, que ocorreram na cidade de Picuí–PB, devido à intensificação da extração mineral, visando observar as mudanças e permanências ocorridas nesse espaço de tempo, e o contexto da sua intensificação e regressão tecnológica.

No segundo capítulo, intitulado Garimpendo lembranças: vida e trabalho, abordaremos o dia a dia dos trabalhadores garimpeiros picuienses, considerando suas formas de trabalho, analisaremos as suas experiências nesse ofício, as relações de trabalho no processo da extração mineral, atentando-se para seus saberes e fazeres. Investigaremos, ainda, as condições de serviços, os efeitos que a rotina de trabalho causou na saúde e na vida dos trabalhadores, bem como as mudanças provocadas pelo desaquecimento comercial da produção.

No terceiro capítulo, Perspectivas e narrativas: as representações dos garimpeiros de Picuí-PB, observaremos as representações desses garimpeiros, ao nos depararmos com as histórias desses trabalhadores, compreenderemos o olhar sobre a sua própria trajetória de vida. Além das condições das suas relações de trabalho.

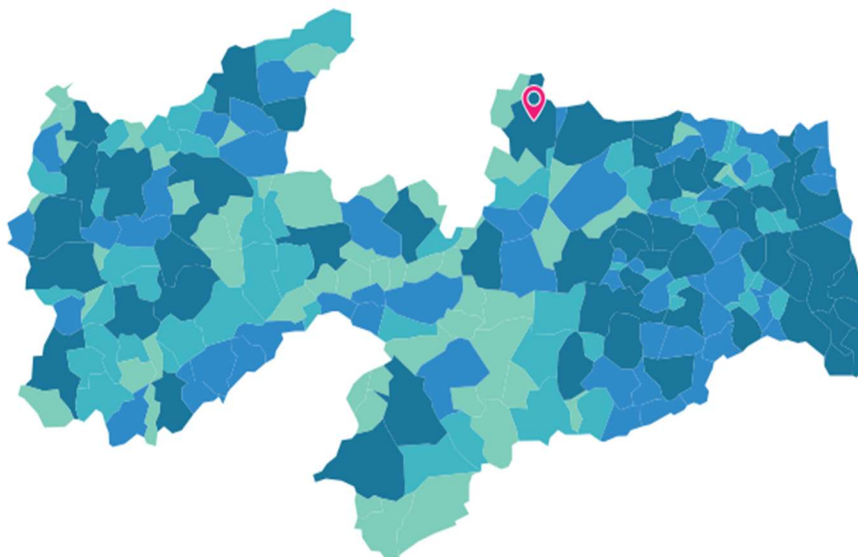


## CAPÍTULO 1: O AUGES NA MINERAÇÃO PICUIENSE: MUDANÇAS TECNOLÓGICAS E OPERACIONAIS E AS PERMANÊNCIAS NA EXPLORAÇÃO DO TRABALHO

### 1.1 Tecendo memórias, extraindo histórias: extração mineral no território picuiense

A cidade de Picuí-PB está situada na região do Seridó Oriental Paraibano, localizada acerca de 270 km de distância da capital paraibana João Pessoa. De acordo com dados do último censo realizado em 2022, Picuí-PB possuía cerca de 18.333 habitantes. Como podemos observar na figura 1.

**Figura 1:** Localização da cidade de Picuí-PB no mapa da Paraíba



**Fonte:** IBGE, 2022.

Localizada no centro-norte do Estado da Paraíba, mesorregião da Borborema e microrregião do Seridó oriental paraibano, a cidade de Picuí-PB está situada geologicamente na província pegmatítica<sup>6</sup> da Borborema, isso significa que Picuí-PB possui em seu território

---

<sup>6</sup> A província pegmatítica da Borborema/Seridó, também conhecida como região JuncoEquador, está localizada nos Estados da Paraíba e Rio Grande do Norte, abrange os municípios paraibanos de Junco do Seridó, Salgadinho, Taperoá, Juazeirinho, Cubatí, São Vicente do Seridó, Pedra Lavrada, Nova Palmeira, Picuí e Frei Martinho, enquanto no Estado do Rio Grande do Norte a área principal circunscreve os municípios de Equador, Santana, Jardim do Seridó, Acari, Carnaúba dos Dantas, Parelhas, até as proximidades de Currais Novos. (SILVA & DANTAS, 1997).

uma grande ocorrência de minérios<sup>7</sup> para diversos fins comerciais. E desde a sua descoberta, a mineração tornou-se uma atividade econômica de grande relevância para os seus habitantes, os quais tinham na agricultura a sua maior fonte de renda, e eram fortemente afetados com os longos períodos de estiagem, característicos da região.

No ano de 1930, Getúlio Vargas chega ao poder como chefe de Governo Provisório. Nesta conjuntura, o Brasil era um país de base econômica agrícola, apoiado na monocultura. Durante o seu governo, Vargas estabeleceu uma política nacional desenvolvimentista, que tinha a intencionalidade de superar o então modelo agrário-exportador, por meio de incentivos e estímulos para implantação e expansão das atividades industriais no país. Uma das principais medidas do seu governo foi a criação do Ministério do Trabalho, Indústria e Comércio. Com a expansão de um parque industrial nacional, fez com que o setor da mineração ganhasse estímulos, incluindo a região do Seridó paraibano, deste modo a cidade de Picuí-PB.

No tocante à conjuntura mundial, as tensões com a expansão nazista na Europa ocidental, gerou uma competição acirrada entre as potências alemã e estadunidense. Ambas buscavam interferir na América Latina, por meio das suas influências políticas e econômicas. Diante desse contexto, o Brasil despertou interesses, tornando-se um país desejado pelas potências mundiais. Um dos fatores determinantes foi a localização estratégica da região Nordeste, haja vista sua importância para os países envolvidos no conflito mundial.

No decorrer dos primeiros anos do conflito, o Brasil era oficialmente considerado um país neutro, não havia declarado guerra a nenhum dos blocos, entretanto, nas suas práticas, o governo brasileiro revelou-se astucioso enquanto permeava pelos dois lados da guerra. Embora o Brasil demonstrasse uma postura ideológica mais adepta ao fascismo, não realizou um movimento de distanciamento do bloco dos Aliados, ao contrário, manteve-se aberto a uma aproximação com os países do bloco dos Aliados.

A composição dos ministérios do governo Vargas era o reflexo desse impasse ideológico. Tendo em vista que o então Ministro da Justiça, Francisco Campos, e o Ministro do Exército, Eurico Gaspar Dutra, mostravam-se simpatizantes das ideologias do Eixo, enquanto o Ministro das Relações Internacionais, Oswaldo Aranha, mostrou-se adepto dos Aliados. Em meio a essa conjuntura, o Brasil tirou proveito da sua neutralidade, beneficiando-se através das suas relações comerciais no exterior, sobretudo com a Alemanha e os Estados Unidos, por uma política de livre comércio.

---

<sup>7</sup> Minério: É um agregado de minerais rico em um determinado mineral ou elemento químico que é economicamente e tecnologicamente viável para extração (mineração).

O Brasil, ao adotar uma política de livre comércio, favoreceu a comercialização em larga escala da matéria-prima brasileira, com ênfase para o setor da mineração na região do Seridó paraibano e norte-rio-grandense. Com seu potencial mineralógico disponível para o livre comércio internacional, os recursos minerais do país, despertaram o interesse de vários países, em virtude da disponibilidade de determinados recursos minerais que ganharam importância no comércio internacional, em decorrência dos esforços de guerra, destacando-se a produção de mica, berilo e tantalita-columbita, entre outros. Em toda a região do Seridó ocorreu um processo de intensificação produtiva, resultante da demanda externa.

Diante dos sinais que se mostravam favoráveis ao Eixo, o Governo dos Estados Unidos intensificou os esforços para firmar um acordo com o Brasil. Os norte-americanos compreendiam que uma aliança com o Brasil seria determinante, seus interesses eram evitar que o Brasil disponibilizasse seus recursos minerais ao Eixo. Os Estados Unidos almejavam dominar todo o mercado mineral da América Latina, a fim de assegurar que todos os minerais estratégicos produzidos no território americano fossem vendidos exclusivamente para sua nação. O Brasil foi um dos principais alvos das principais negociações devido à sua localização e às suas riquezas agrícolas e minerais. No entanto, os interesses eram divergentes. Enquanto os Estados Unidos queriam o envio de tropas para supervisionar a construção, a transformação, a gestão e a proteção da base, o governo brasileiro queria receber armas e recursos dos Estados Unidos para reforçar as suas capacidades defensivas.

Com esse intuito, foi assinado um contrato de aquisições de minérios estratégicos, como berilo, titânio, manganês, ferro-níquel, bauxita, quartzo e diamantes industriais. Em contrapartida, o governo brasileiro, tencionou o governo dos Estados Unidos, por seus recursos naturais em troca de créditos e assistência técnica para aquisição de armamentos, tanques, munições, aviões e equipamentos de comunicação e engenharia, a fim de impulsionar a implantação de projetos voltados para o setor industrial. Diversos fatores econômicos convinhavam para a formalização de uma aliança entre o Brasil e os Estados Unidos.

Em virtude da localização estratégica do nordeste brasileiro, os estadunidenses almejavam as instalações de bases no arquipélago de Fernando de Noronha, em Natal-RN, bem como, Belém-PA, o Brasil aspirava alcançar o máximo de concessões do governo norte-americano, em troca das facilidades militares, para o uso das bases do Norte e do Nordeste brasileiro.

Diante da conjuntura mundial, ficou notório a impossibilidade de o Brasil continuar sob proteção do teto da neutralidade pan-americana. Em dezembro de 1941, o governo japonês

atacou a base militar norte-americana de Pearl Harbor, no Havaí, sem haver emitido nenhuma declaração de guerra. O então presidente dos Estados Unidos, Franklin Roosevelt, declarou guerra ao Eixo. A partir dessa situação, os norte-americanos não mediram esforços, intensificando a produção em larga escala de milhares de navios, aviões e tanques de guerra.

Os Estados Unidos, ao declarar guerra contra o Eixo, requisitaram uma tomada de posição dos demais países americanos, tornando-se inviável manter-se na neutralidade. Assim, a partir de 1941, a guerra ganhou dimensões mundiais, impossibilitando qualquer tentativa de se manter neutro diante da conjuntura mundial. Sob influência e forte pressão norte-americana, uma grande parcela dos países latino-americanos romperam suas relações diplomáticas com os países do Eixo.

No ano de 1942, o Brasil rompeu definitivamente suas relações diplomáticas com o Eixo, aliando-se aos Estados Unidos, sob a circunstância das constantes investidas do governo norte-americano, bem como, pelo afundamento de diversos navios brasileiros torpedeados por submarinos alemães. Em agosto de 1942, o Brasil declarava guerra ao Eixo. Cabe salientar que qualquer escolha tomada pelo governo brasileiro colocaria o Brasil na guerra, mudando apenas os antagonistas, desse modo, os percursos trilhados pelo governo Vargas implicaram na aliança com os Aliados, mas não esteve distante de ter sido com o Eixo, logo, o Brasil estaria definitivamente na guerra, independentemente de quais fossem as alianças. Analisar o contexto de intensificação mineral em Picuí-PB durante a Segunda Guerra Mundial possibilita compreender como um evento histórico interfere no curso e na história de um lugar.

No que tange ao processo de produção mineral, a Primeira Guerra Mundial (1914–1918) é o marco inicial das explorações dos recursos minerais em toda a região do Seridó, incluindo a cidade de Picuí-PB. Através da extração de mica<sup>8</sup>, sem grande expressão comercial, desenvolveram-se as primeiras técnicas e instrumentos de trabalho utilizados pelos garimpeiros.

Os instrumentos técnicos e as técnicas de trabalho eram precárias, feitas por improviso e adaptações, onde muitas vezes eram utilizados instrumentos de uso agrícola na mineração como a enxada e chibanca. Era um trabalho intuitivo, desprovido de qualquer estudo capaz de dar orientação técnica adequada no processo produtivo mineral. Essas eram as primeiras ações locais empreendidas no fazer da atividade mineral, o que significa dizer que era o momento de aquisição do conhecimento empírico do agente minerador em formação, ou seja, o garimpeiro. (Vasconcelos, 2006, p. 82)

---

<sup>8</sup> (Baltar, 2008) Mica, do latim micare (brilho), é um termo genérico aplicado ao grupo dos minerais constituído por silicatos hidratados de alumínio, potássio, sódio, ferro, magnésio e, por vezes, lítio, cristalizado no sistema monoclinico, com diferentes composições químicas e propriedades físicas. Dentre outras, podem ser citadas: clivagem fácil, que permite a separação em lâminas muito finas; flexibilidade; baixa condutividade térmica e elétrica; resistência a mudanças abruptas de temperaturas. Tais características conferem a esse mineral múltiplas aplicações industriais.

A atividade mineral em Picuí-PB, geradora de empregos para a população, remete ao início do século XX, com relatórios e mapeamentos realizados por especialistas norte-americanos, que vieram para esta região conhecer suas potencialidades minerais. Após tais descobertas, a mineração passou a compor a dinâmica econômica da cidade, e teve seus níveis de produção atrelados à conjuntura mundial.

Entretanto, foi no decorrer do período da Segunda Guerra Mundial (1939 –1945) que os minerais de todo o Seridó, assim como de Picuí-PB, alcançaram elevados níveis de exploração: “Nesse período, os americanos necessitavam adquirir, a qualquer preço, minérios estratégicos, uma vez que as suas fontes de abastecimento haviam sido ocupadas pelos alemães na Europa e pelos japoneses na Ásia Oriental” (Andrade, 1987, p. 14). Diante das necessidades do contexto de beligerância mundial, tal como das dificuldades em manter o abastecimento de minérios estratégicos, os Estados Unidos, enxergaram no território da América Latina, o fornecedor necessário para assegurar o desenvolvimento da indústria bélica estadunidense. Esse período é considerado a fase mais importante do ciclo mineral do Seridó.

Nesse cenário, o Brasil passou a ganhar destaque e importância, assim como os materiais estratégicos extraídos da região do Seridó, que foram atrelados a conjuntura da Segunda Guerra, por meio da “batalha de produção”. De acordo com Ferraz (2005, p.18), em 28 de setembro de 1942, pouco menos de um mês depois da declaração de guerra, o Governo Federal criou a Coordenação de Mobilização Econômica, órgão que deveria dirigir a mobilização de todos os recursos nacionais para a guerra. Conforme Nóbrega (2021, p.22) os trabalhadores picuienses, contribuíram para a chamada “Batalha da Produção”, desse modo atendendo a uma mobilização nacional. A aliança firmada entre a nação brasileira e a nação estadunidense, tinha como acordo a troca de benefícios, dentre eles, os materiais mineralógicos do Seridó.

Essa mobilização compreendia o esforço de aumentar a produção nacional, especialmente de matérias-primas agrícolas e minerais para o consumo dos Aliados. Era a “Batalha da Produção”. Materiais estratégicos tinham sua produção ou extração intensificadas, como manganês, bauxita, cobalto, tungstênio, níquel, berilo, cromo, cobalto, cristais de quartzo, diamantes industriais [...] tinham como destino preferencial, quando não único, os Estados Unidos. (Ferraz, 2005, p.18)

A extração mineral tornou-se um suporte financeiro para a população, visto como uma opção rentável para as famílias de agricultores que ficavam vulneráveis nos períodos chuvosos da região, momentos marcados pela irregularidade de chuvas e escassez de água, refletindo na

baixa produção agrícola. Ferraz (2005, p.19) enfatizou que a guerra significou mudanças também no cotidiano dos trabalhadores nas cidades.

A mão de obra para a extração mineral foi recrutada na região, como também, em regiões vizinhas. Em sua maioria eram trabalhadores agrícolas que desenvolviam a agricultura de subsistência, da qual retiravam o sustento da família, e em anos chuvosos comercializavam a produção de excedentes agrícolas. Marcada por chuvas irregulares, a localidade era cultivada pelos trabalhadores durante o período chuvoso, ficando ociosos durante o período de estiagem, que correspondia a boa parte do ano. Esse trabalho agrícola poderia ser desenvolvido pelos demais membros da família, enquanto o chefe recebia uma melhor remuneração nos garimpos.

O primeiro estudo que se tem conhecimento sobre o potencial mineralógico de toda região do Seridó, data do ano de 1899, realizado pelo então geólogo Julles Destrod que, de acordo com Oliveira (1963, p.45), foi designado pelo Governo do Estado da Paraíba para elaboração de um relatório acerca da existência de recursos minerais na região. O referido relatório tinha por finalidade desvendar as possíveis riquezas minerais do Seridó. Como é possível observar a partir do fragmento do relatório transcrito, em que o engenheiro fez a seguinte descrição. O relatório de Destrod descreveu e mapeou o potencial mineral de toda a região, servindo como fonte para o Governo do Estado, assim, abriu espaço para o desenvolvimento de outros estudos.

“O primeiro terreno que explorei em minhas excursões pelo Distrito de Picuí, foi a colina do chapéu. Nessa colina- a parte superior- que é completamente despida de vegetação, se compõe de micaxisto, talascisto e, coisa rara e extraordinária em tais terrenos, de gêsso. Como mineral metálico encontrei ali mercúrio em um sulfureto que é o cinabre, aliado a um sulfureto de ferro que lhe comunica uma côr morena, tirando-lhe assim o colorido vermelho característico que lhe faz dar o nome de vermelhão da China. O mercúrio também se acha discriminado em glóbulos microscópicos nos talascistos e nos crés. No andar superior dessa colina também encontrei o terreno siluriano superior, composto de rochas arenosas, de argila de xistes e de calcário semi-cristalina. Nesta parte encontrei cobre, vitro e manganês, conhecido em mineração pelo nome de hausmanita. [...]

“A Colina do Chapéu, bem como as duas vizinhas que ela se ligam, é de origem vulcânica. Como demonstra perfeitamente a parte cônica da parte superior. As rochas encaixantes, assim como os minérios já encontrados nelas, fazem supor a existência de grandes riquezas minerais, como a prata, o chumbo e o arsênico que são próprios desses terrenos. Os outros terrenos que examinei são as “malacachetas” ao poente e distante um quilometro da cidade, “Alto do Urubu” também a oeste e distante dois quilômetros e “Morro do Umbuzeiro cabeludo”, para o sul e distante dois quilômetros da cidade. São cristalizados, formam enormes massas sem disposição regular por camadas e são compostos de sílica associada a alumínio, aos álcalis e as terras alcalinas. Os minerais que se encontram como base fundamental, são os feldspatos, a granada, o quartzo, a mica, o anfíbolito, a turmalina etc. No andar inferior dessas colinas encontrei ainda os terrenos sedimentares da camada seluriana, que se acham

nas mesmas condições de metamorfismo, daquelas que encontrei na colina do chapéu. Êsses terrenos de calcário tornam-se cristalinos e são impregnados de minerais, tais como as granadas, que também encontrei na colina de “volta do Rio”, do mesmo modo que aparecem ser de origem argiloso sentem transformado em xistos, penetrando neles a granada e o disteno. Êsses terrenos são ricos de minerais. Também descobri o estanho oxidado no môrro da Malacacheta; o estanho, a mica, a turmalina (Verde e preta) e a apatite, na colina do Urubu; o estanho, o manganês, o níquel e a granada, no “Alto do Umbuzeiro Cabeludo”.

O estanho é de todos esses minérios o mais importante. O próprio terreno demonstra à primeira vista de existência do minério. Creio que as jazidas, cuja existência real verifiquei nesta parte que denominei “Bacia do Acauã”, se acham a pouca distância da cordilheira da Borborema, em cuja vizinhança as ações mecânicas, devido ao resfriamento da crista da terra e a contração que foi a consequência dêles, produziram fendas, algumas vezes muito extensas, outras vezes muito pequenas, e por essa razão a mim aparece em diversos lugares da superfície da terra. As granadas, as gemas e o ferro alogista que encontrei, me fizeram crer na existência de ouro nestas paisagens em que a natureza do terreno permite encontrar toda família das pedras preciosas, principalmente o topázio, que sempre acompanha as jazidas.<sup>9</sup> (Destrod *Apud* Oliveira, 1963, Pp. 45-47).

Posterior a realização do relatório por Julles Destrod, foram desenvolvidos outros trabalhos, como os de Crandall (1910), Crandall & Williams (1910), Small (1913; 1914) e Sopper (1913; 1914), desse modo, intensificando os estudos e fomentando “[...] os alicerces básicos do conhecimento geológico do nordeste, em todos os sentidos e em amplo espectro.” (Silva e Dantas, 1984, p. 242).

O Departamento Nacional de Produção Mineral (DNPM), foi criado no ano de 1934, por meio do Decreto nº 23.979, de 08/03/1934, sua criação foi determinante para que os minerais da região do Seridó ocupassem espaço no cenário nacional, como uma importante fonte produtora de minerais pegmatitos, bem como, destacando-se no cenário internacional, em virtude da significativa produção de tantalita-columbita e do berilo que foram explorados no Seridó. Durante o século XX, o DNPM<sup>10</sup> impulsionou o desenvolvimento de diversos estudos, os quais abordaram a região do Seridó, com o intuito de realizar descobertas acerca do potencial econômico mineralógico. Nesse contexto, o DNPM vai desempenhar uma participação direta no processo de exploração e comercialização dos materiais mineralógicos produzidos na região, em virtude das demandas do mercado internacional.

Segundo Andrade (1987)<sup>11</sup> naquela época o DNPM era

---

<sup>9</sup> Estudos mineralógicos, realizado pelo engenheiro francês Jules Destrod, determinado pelo decreto estadual nº 133, de 8 de março de 1899.

<sup>10</sup> DNPM-Departamento Nacional de Produção Mineral.

<sup>11</sup>Manuel Correia de Oliveira foi um escritor, historiador, geógrafo, advogado e professor. Um dos principais pensadores das ciências humanas do Brasil, Manuel foi Professor Emérito da Universidade Federal de Pernambuco e autor de vários livros de referência, principalmente na área de geografia, considerado o pioneiro na chamada geografia moderna brasileira.

[...] localizado em Campina Grande, centro principal de comercialização de minérios, por dispor de armazéns, de laboratórios e de um corpo técnico de alto nível. Daí sairia, no pós-guerra, engenheiros de minas que desenvolveriam a exploração de minérios em outras áreas do Nordeste e do Brasil. As análises feitas no Distrito de Campina Grande ganharam logo prestígio internacional, facilitando o comércio de minério. (Andrade, 1987, p.15).

Nos primeiros anos da década de 40, a cidade de Picuí estava sob a administração do então prefeito Cel. José Maurício da Costa<sup>12</sup>, um dos homens de confiança do então interventor do Estado, Ruy Carneiro, o mesmo foi nomeado Prefeito de Picuí por dois mandatos consecutivos. Durante o período em que houve a intensificação da extração mineral, em virtude dos esforços de guerra, o Cel. José Maurício da Costa foi um prefeito que se mostrou um dos entusiastas envolvidos no desenvolvimento do setor mineral na cidade. (OLIVEIRA, 1963, p. 51 – 52) nos conta que:

O Tte. Cel. José Maurício da Costa, quando prefeito de Picuí (1940-1945), muito se interessou pelo desenvolvimento da mineração, chegando a administrar 14 “altos” (jazidas). Nesse setor, foi ele auxiliado pelo austríaco, Frans Buchegger - homem pratico e conhecedor profundo de minérios e pelo Prof. Josué Gomes da Silveira. Diversas amostras, cientificamente classificadas, teve ele de enviar para o Exército Nacional e para algumas autoridades, no Rio de Janeiro. (OLIVEIRA, 1963, p. 51-52).

O Decreto n.º 12.104, de 26 de março de 1943, autorizou o senhor Avelino Cunha de Azevedo e José Maurício da Costa a pesquisar substâncias minerais no município de Picuí. Os resultados destas pesquisas foram enviados para o exército nacional e para autoridades do governo, conforme os escritos de Oliveira (1963). O documento é composto por quatro artigos, nos quais são discriminadas as substâncias minerais a serem estudadas, em sete áreas do município, e outorgado nos termos estabelecidos no Código de Minas. Conforme o artigo 1º do referido decreto:

“Art. 1º - Ficam autorizados os cidadãos brasileiros Avelino Cunha de Azevedo e José Maurício da Costa a pesquisar, em terrenos situados no distrito e município de Picuí, do Estado da Paraíba, as substâncias minerais discriminadas nas sete áreas seguintes, perfazendo cento e vinte e seis hectares, dez ares e oitenta e dois centiares (126,1082 Ha)”.<sup>13</sup>

---

<sup>12</sup> Cel. José Maurício da Costa, foi nomeado Prefeito de Picuí por dois mandatos consecutivos (1940 – 1942 / 1943 – 1945).

<sup>13</sup> Poder Executivo Federal. Decreto nº 12.104, de 26 de Março de 1943. Página 9 da Seção 1 do Diário Oficial da União (DOU) de 30 de Março de 1943



O garimpo era visto por muitos trabalhadores como um trabalho alternativo, buscado quando não existia períodos regulares de chuvas, favoráveis à produção agrícola. Dessa maneira, o trabalho nas minas estava condicionado ao período de chuvas ou a sua ausência, como podemos observar a partir dos escritos de Rolff, técnico do DNPM (1946b, p.31), “[...] Em maio, o número de minas em lavra decresceu muito, devido às chuvas; no início de junho começou a subir lentamente, motivado pelo regresso dos homens das lavouras, e pelo propalado aumento no preço da tantalita e berilo [...]”. Por meio dos escritos de Rolff, é notório que existia uma atenção voltada para o setor agrícola, que não tinha maior rendimento pelas questões climáticas que são características da região do Seridó.

Em entrevista, o Sr. Cícero Machado, ao ser questionado sobre a importância do garimpo para a sua vida, expressou a relação que havia com ambas as atividades, “O importante era a agricultura. Era devagar mesmo, ninguém nunca arrumou recurso dessas coisas não, era só para comer mesmo.”<sup>14</sup> Diante dessa colocação, compreende-se o papel que ambas as atividades desenvolviam na vida dos trabalhadores. Para o Sr. Cícero, a atividade que dava gosto de realizar era o trabalho agrícola, ele enfatiza que o lucro que obteve com o garimpo era suficiente apenas para manter as necessidades do seu lar, destacando que nunca adquiriu algum bem material de grande valor com o dinheiro obtido no seu trabalho no garimpo.

A fim de impulsionar a exploração dos minerais estratégicos encontrados no Seridó, os Estadunidenses enviaram uma comissão para o território do Seridó nordestino, com a finalidade de desempenharem uma exploração elaborada e planejada para a efetivação da extração de minérios apropriados para a indústria bélica.

De acordo com Andrade (1987),

Os altos preços oferecidos pelos americanos estimularam os proprietários de terra a iniciarem uma exploração, sob a forma de garimpagem de pegmatitos no Seridó norte-rio-grandense e paraibano. A mão de obra necessária, que não requeria grande especialização, [...] foi facilmente recrutada entre os agricultores que se dedicavam à cultura da terra, no curto período chuvoso, e ficavam a maior parte do ano ociosos (Andrade, 1987, p.14).

Durante a década de 1940, foi implementado no Seridó uma fase mais dinâmica na produção dos minerais. Apesar de serem atividades desenvolvidas na Zona rural, áreas de maior

---

<sup>14</sup> Trecho da entrevista realizada com o ex garimpeiro Cicero Machado em: 08/07/2023.

produção mineral, o garimpo era uma atividade que movimentava o centro urbano da cidade, em virtude da compra e venda dos materiais, além do aquecimento econômico gerado pela circulação dos lucros da produção. “O Seridó passou a ser, neste período, o maior distrito mineral do Nordeste.” (Ramos, 2017, p.143).

Os garimpeiros que trabalhavam durante toda a semana, comercializavam a produção semanal no dia da feira livre em Picuí-PB. Como relatou o Sr. Francisco Borges, “No sábado, a gente vendia a quem pagava mais, vamos dizer que tive três a quatro ou cinco comprador, a gente andava em todo mundo, para vender pelo melhor preço.”<sup>15</sup> A fala do Sr. Francisco, mostra a variação de preço que existia dentro do setor mineral, em que o mesmo produto era vendido por preços variados, dependendo dos interesses dos compradores e da necessidade dos trabalhadores, esse discurso também demonstra a procura, a demanda existente dentro do setor mineral, além de evidenciar o processo de comercialização da produção material dos garimpeiros picuienses.

Realizada aos sábados, a feira constituía-se em um grande encontro, que contava com a participação de moradores da zona rural e dos distritos de paz de Picuí-PB, além de atrair comerciantes e moradores das cidades circunvizinhas, pelo fato de fazer divisa com o estado do Rio Grande do Norte. Assim, a compra e a venda dos minerais constituíam-se em um comércio próspero, além de atrair empresários que seguiam nesse ramo.

As feiras livres são marcadas por relações humanas, sociais e econômicas. Nos dias de feira aconteciam os encontros, no mercado, nos bares e esquinas da cidade. A venda da produção agrícola e das criações de animais também aconteciam nesse espaço. O sábado era o dia da semana em que toda a família se deslocava para a cidade, as crianças, os mais jovens e seus pais, dia de fartura para muitas famílias, considerando que nesse período todos os membros da família faziam parte da composição da renda do lar. Ademais, os dias de feira se tornavam um dia de lazer no centro da cidade, o passeio na praça, as conversas no mercado público, tal como, a tradicional celebração da santa missa na manhã dos sábados. Por meio da figura 2 observa-se os movimentos e a dinâmica social do centro da cidade na década de 40.

---

<sup>15</sup> Trecho da entrevista realizada com o ex garimpeiro Francisco Borges Amaro de Araújo em: 02/09/2023.

**Figura 2:** Centro da cidade de Picuí na década de 40.



**Fonte:** Museu Virtual Picuí Antigo

**Figura 3:** Vista da parte de trás do mercado público municipal, ficava localizado na av. 24 de novembro no centro da cidade de Picuí.



**Fonte:** Museu Virtual Picuí Antigo

Ao lado direito da figura 2, o mercado público, construído no ano de 1908, essa edificação constituiu-se em um importante centro comercial local até a década de 80, quando houve a demolição total da sua estrutura. Ao lado esquerdo a sinuca, local de sociabilidade e encontros.

A imagem trata-se de uma fotografia de meados do século XX, a qual retrata o centro urbano da cidade de Picuí. Na imagem é possível observar, em primeiro plano, senhores

conversando na esquina, os homens vestiam calças e camisas sociais, além disso, faziam uso de chapéus, também é possível, em segundo plano, observar homens e mulheres caminhando e dialogando no espaço público.

Na figura 3, que é uma fotografia, observa-se a sensibilidade e a dinâmica da rua do mercado público municipal. Na fotografia é possível notar pessoas circulando, um pequeno comércio nas laterais da foto, assim como, crianças brincando ao ar livre, evidenciando o contexto histórico, em que as crianças não tinham uma preocupação com o trânsito constante de automóveis. Ao fundo é possível perceber a fachada do antigo mercado público.

As imagens possibilitaram a compreensão do contexto em que foram produzidas dessa maneira, pois as mesmas denotam uma cidade pacata, sem intensa movimentação de transportes, com um centro urbano mais arborizado.

No Seridó paraibano, a cidade de Picuí-PB tornou-se um dos principais polos urbanos e comerciais. Medeiros (1950), aborda os dados do recenseamento de 1940, mostra que o município de Picuí-PB contava com uma população de 20.037 habitantes, assim distribuídos: 1.207 urbanos, 415 suburbanos e 17.835 rurais. O autor descreveu em seu *Dicionário Corográfico do Estado da Paraíba*, que na cidade de Picuí-PB, existia: “Uma avenida, 14 ruas, 6 travessas e 4 praças [...] conta o município uma rodovia ligando a capital, passando por Areia, Alagoa Grande. Internamente, e para o Rio Grande do Norte ou Município do alto sertão, dispõe somente de estradas carroçáveis, algumas delas de trânsito difícil.” Medeiros (1950, p. 202).

Na década de 40, na sede da cidade de Picuí-PB, existia o Banco Rural, Telégrafos, instalado desde 1917, e a “Companhia de Energia Electrica de Iluminação”. Considerando que, neste período, a região não contava com sistema de energia elétrica. A energia da cidade era impulsionada por um motor gerador, que era movido a óleo para o seu funcionamento. A iluminação da cidade acontecia durante as três primeiras horas da noite, e era desligada durante o resto da noite, período em que as casas eram iluminadas pelos lampiões de querosene.

Nesse contexto, o município de Picuí-PB compreendia além da sede, aos distritos de paz de Cubati e Pedra Lavrada. Depois das vilas, as principais povoações do município eram: Frei Martinho, Nova Palmeira e Baraúna. Os territórios foram desmembrados décadas posteriores, com as emancipações políticas das referidas cidades. Essas localidades também tiveram o seu subsolo explorado e marcado pela atividade mineral.

Conforme Silva e Dantas (1984) esse aumento da produção é atribuído, principalmente, à criação do DNPM, no fomento técnico e logístico à exploração dos minerais estratégicos e à atuação da Comissão Americana Nacional de Compras, que possibilitou a vinda de técnicos da

U.S. Geological Survey Company, para atuarem conjuntamente com os pesquisadores do DNPM, na análise de minerais e rochas provenientes do Seridó.

Em consonância com Rolff

“Só no princípio de 1943 devido a então circunstância atravessada pelo mundo, é que começaram a ser diretamente trabalhadas, sob a orientação do DNPM, em cooperação com a Comissão de Compras do Governo Americano.” (ROLFF, 1946, p. 30).

Conforme Scorza (1944) estima-se que nos sete primeiros meses do ano de 1942, a firma Silveira Brasil & Cia, produziu mensalmente 12 toneladas de tantalita–columbita e 150 toneladas de berilo, a qual mantinha empregando cerca de 3.000 mil operários-garimpeiros. Acerca da empregabilidade ocasionada pelos esforços de guerra, é possível compreender que houve uma grande ampliação do mercado de trabalho. O Sr. Miguel Vitalino Medeiros<sup>16</sup>, durante a sua entrevista, recordou como iniciou a sua trajetória na mineração, no início da sua adolescência, através da chegada da Companhia Americana à cidade de Picuí-PB.

Em 1943, eu trabalhei na companhia americana, com idade de treze a quatorze anos, por causa dos meus tios que eram muito amigos dos donos de uma mina aqui no alto do urubu. Aí colocou eu ganhando dinheiro como fosse um operário, só para colocar fogo nas panelas, como fosse um trabalhador da mina. Aí começou, os americanos já queriam um bem a mim muito grande, só chamava o Vitalino. <sup>17</sup>(Medeiros, 07/07/2023)

A intensiva extração desses minerais foi imprescindível para o crescimento de toda a região do Seridó em termos populacionais e econômicos. Trabalhadores de outras regiões do estado da Paraíba se deslocaram para o Seridó em busca de trabalho. Além da venda dos materiais e da mão de obra dos trabalhadores, havia a venda dos chamados Altos, localidades que detinham os materiais minerais em vasta quantidade.

Como afirma Luz (2003) e outros autores<sup>18</sup>:

“É importante salientar que toda a operação foi conduzida pelo DNPM. e pela Comissão Americana de Compras, com o suporte técnico do U.S. Geological Survey. Em razão das demandas do esforço de guerra. a prioridade era produzir a qualquer custo, induzindo na região uma cultura de lavra ambiciosa e predatória. (Luz, 2003, P.30)

---

<sup>16</sup>Miguel Arcaño de Medeiros (in memoriam) garimpeiro, faleceu em 21 de julho de 2024, aos 94 anos.

<sup>17</sup> Trecho da entrevista realizada com o ex garimpeiro Miguel Vitalino de Medeiros em: 07/07/2023.

<sup>18</sup> LUZ et. all., 2003, p. 30. Disponível em: <<http://mineralis.cetem.gov.br/bitstream/cetem/581/1/srmi09.pdf>. Acesso em: 20 de agosto de 2023.

Nessa conjuntura de intensa exploração e acentuado processo de comercialização dos minerais estratégicos, ocasionou o registro das mudanças técnicas e métodos de extração nos garimpos. Os estudos destacam que os investimentos realizados por essas organizações, como a Silveira Brasil & Cia, não tinha a intenção de organizar o processo produtivo, através da capacitação profissional dos trabalhadores, visando apenas o maior controle da produção, como nos mostra Forte:

[...] não atuaram como empresas de mineração, mas sim como “firmas garimpeiras ou de garimpagem” se é que se pode assim denominar. Suas atividades estavam voltadas para a comercialização de bens minerais produzidos pelos garimpeiros e para controle dos principais garimpos da região. Não havia uma preocupação maior da parte delas em tentar desenvolver nessas áreas uma mineração organizada sob o ponto de vista técnico, a despeito de possuírem, ao que parecia, capacitação. (Forte, 1994, p.21-22).

Conforme Nóbrega (2021), as evidências que demonstram a troca de conhecimento entre os estadunidenses e os picuienses, enfatizam que esses conhecimentos facilitavam o trabalho dos garimpeiros da época, e foram repassados para as gerações seguintes. Passados de pais para filhos, deram-se através da continuidade do ofício ensinado por seus pais, que encontravam no garimpo o seu ganha pão. Tais conhecimentos se perpetuaram e foram consolidados, tornando-se uma prática, um saber fazer da população do Seridó, o que não foi diferente para os picuienses.

Conforme pode-se perceber no trecho de artigo do jornal *A União*, publicado em 22 de julho de 1942: A cidade de Campina Grande é marcada historicamente pelas fortes relações comerciais e por ser um polo tecnológico, não sendo diferente no período elencado pela referida pesquisa. Como podemos compreender a partir do trecho a seguir:

Procurando prestar informações e assistência aos mineradores, o Ministério da Agricultura instalou, em Campina Grande, no interior paraibano. Um moderno laboratório apto a executar todo e qualquer exame mineral. Possui essa dependência fornos para análise de minérios de ouro, aparelhos de eletrolise para minérios metálicos, etc. (A UNIÃO, 1942, p.06).

A produção de toda a região era transportada para a cidade de Campina Grande-PB, local em que era realizado o processo de beneficiamento da produção. “O laboratório tinha como finalidade prestar informações e assistência técnica aos mineradores de todo o Estado. Tendo em vista que Campina Grande é um dos polos regionais mais importantes do Estado, além da questão de logística” (Nóbrega, 2021, p.22).

O Jornal *A União*, publicado no dia 22 de julho de 1942, reproduziu a reportagem da Gazeta de Notícias do Rio de Janeiro, que publicou em suas páginas, o ritmo intenso do desenvolvimento da mineração em território nacional, a notícia deu ênfase para os municípios Paraibanos, dentre eles, destacou o nome do município de Picuí-PB.

A mineração está se desenvolvendo de maneira impressionante em todo o território nacional. Até há pouco tempo, não se ouvia, por exemplo, falar em pesquisa mineral no Norte e Nordeste. Hoje, é intensa a exploração em vários pontos dessa região, sobretudo nos municípios de Picuí, Teixeira e Piancó, na Paraíba, onde existem o cobre, o estanho e até o ouro. (A UNIÃO, 1942, p.06).

Por meio da observação dessa reportagem, percebemos que os olhares para as riquezas minerais da região ocorreram de forma repentina. Considerou-se que nesse contexto a população nordestina vivia às margens das políticas públicas, sem que houvessem preocupações com os longos períodos de seca, fome e pobreza que marcaram o século XX.

O Jornal *A União*, publicado no dia 9 de agosto de 1944, reproduziu uma entrevista publicada no jornal *O Diário* de Santos. O Sr. Alvaro de Carvalho, destacou que, embora estivessem diante de um longo período de estiagem, o Estado da Paraíba estava vivendo no mais completo equilíbrio econômico, graças às atividades econômicas desenvolvidas no território paraibano. Dentre as atividades, o prof. Alvaro de Carvalho enfatizou a extração mineral desenvolvida no território picuiense, como podemos observar no trecho descrito abaixo:

De 40 a 44... três anos de estiagens longas, completas e a bem dizer. Generalizadas. Raras lhe molharam a terra combusta e, todavia, a Paraíba viveu explorando seus minérios o ouro, a mica, o cristal de rocha, o berílio, tungstênio [...] é claro que encareceram os gêneros de primeira necessidade: que as dificuldades de transporte agravaram a situação dos mercados locais. E a guerra se tornou o tema obrigatório de todas as queixas é a causa precípua da alta generalizada. [...] Os minérios, empregados nas indústrias de guerra o ouro, bateado em terras de Picuí e Teixeira [...] Tudo lhe vem preparando êsse equilíbrio econômico em que a vida se expande e se atenuam os efeitos desastrosos das sécas prolongadas. (O Diário Oficial da União, 09/08/1944, p. 3).

Esta alegação, ressalta a importância do trabalho desenvolvido no setor mineral nestas regiões, consistindo em uma das principais fontes de renda no estado da Paraíba, durante a década de 40, juntamente com a cultura do agave, do algodão, da criação de animais e da produção agrícola desenvolvida no brejo paraibano.

Essa afirmação aborda que:

Ali se conjugam de modo surpreendente, o esforço de um governo vigilante de que é chefe o interventor Ruy Carneiro, um revolucionário de 30 o grande empenho, quase filial do presidente Vargas, e a capacidade de trabalho do povo, que acorda cedo e não se descarta dos labores do que vive. (O Diário Oficial da União, 09/08/1944, p. 3).

As proporções da produção mineral desenvolvida na cidade foram tão elevadas a ponto de ganhar destaque em âmbito nacional. Evidenciou-se a necessidade dos altos índices de produção a curto prazo, pois tais esforços corresponderam ao período de beligerância mundial. Os dados do DNPM/DFPM (Cf. Forte, 1994) demonstram uma modificação significativa na Produção mineral advinda dos pegmatitos da Província Pegmatítica Borborema – Seridó, os dados expressavam a quantidade de toneladas de minerais (tantalita – columbita e Berilo) que foram extraídas em cada ano, dentre o período que foi de 1938 a 1944. No ano de 1938 foi extraído 38 (t) de Tantalita – Columbita e 262 (t) de Berilo, observou-se que a extração teve um aumento gradual nos anos posteriores, e no ano de 1944, foram extraídos 180 (t) de tantalita – Columbita e 1.500 (t) de Berilo.

Com o fim da Segunda Guerra Mundial, o setor mineral picuiense e toda região do Seridó passou por um processo de desaquecimento da produção. Os minerais da região, tinham adquirido grande relevância apenas pelos esforços da guerra. Como enfatizou Nóbrega (2021)

Após o fim da guerra, os profissionais e especialistas voltaram para os Estados Unidos, sem deixarem grandes contribuições para haver avanços nas pesquisas e exploração de minérios na região. Não fazia parte dos interesses dos pesquisadores norte-americanos, que os garimpeiros locais dessem continuidade ao trabalho que vinha sendo desenvolvido ao longo do período de beligerância. Ao deixarem os solos picuienses, levaram consigo todas as tecnologias, isso deixa claro que os interesses giravam em torno dos recursos minerais, em prol da sua Nação. (Nóbrega, 2021, p.51).

É compreensível que os profissionais e especialistas retornassem para os Estados Unidos, pois a prioridade de muitos países após um conflito é reconstruir e reajustar suas economias e sociedades. No entanto, o fato de não deixarem grandes contribuições para avanços nas pesquisas e exploração de minérios na região pode ser visto como uma oportunidade perdida.

O desinteresse dos pesquisadores norte-americanos em possibilitar que os garimpeiros desta localidade dessem continuidade ao trabalho iniciado durante o período de beligerância pode ser atribuído ao fato de que o foco dos pesquisadores era proteger os interesses econômicos e estratégicos de sua própria nação. Muitas vezes, as potências mundiais buscam manter um controle e monopolizar recursos minerais em regiões estratégicas, como meio de assegurar sua própria segurança e vantagem competitiva.



Em sua obra, Oliveira (1963) recordou que o governo estadunidense elaborou mapas de toda a região mineralógica, mapeando todas as jazidas, responsáveis pela produção de minérios, contribuindo para a vitória dos Aliados, durante a Segunda Guerra Mundial. O autor sustenta que os municípios de Picuí e Pedra Lavrada- PB foram amplamente conhecidos em todo o mundo, sobretudo nos Estados Unidos.

A verdade é que os municípios de Picuí e Pedra Lavrada são hoje, conhecidos em todas as partes do mundo, principalmente nos Estados Unidos da América do Norte, onde foram, até, confeccionados mapas da região mineralógica, que produziram minérios para a vitória dos Aliados. (Oliveira, 1963, p. 52).

Ao levar consigo todas as tecnologias desenvolvidas durante o período de pesquisa e exploração, os pesquisadores norte-americanos efetivamente encerraram a continuidade no desenvolvimento local. Em certa medida isso não apenas foi prejudicial para o progresso econômico da região, mas também impactou negativamente os trabalhadores locais, privando-os de oportunidades de emprego e desenvolvimento. Observemos que os minerais produzidos na região já não possuíam o mesmo valor estratégico para os norte-americanos. Concordaremos, pois, com Berman (2007, p. 120) quando ele salienta que: “[...] tudo o que não é atraente para o mercado é reprimido de maneira drástica, ou se deteriora por falta de uso, ou nunca tem uma chance real de se manifestar.”

Conforme o mesmo autor,

“Tudo que é sólido” – das roupas sobre o nossos corpos aos teares e fábricas que as tecem, aos homens e mulheres que operam as máquinas, às casas e aos bairros onde vivem os trabalhadores, às firmas e corporações que os exploram, as vilas e cidades, 27 regiões inteiras e até mesmo as nações que as envolvem – tudo isso é feito para ser desfeito amanhã, despedaçado ou esfarrapado, pulverizado ou dissolvido, a fim de que possa ser reciclado ou substituído na semana seguinte e todo o processo possa seguir adiante, sempre adiante, talvez para sempre sob formas cada vez mais lucrativas. [...] ainda as mais belas e impressionantes construções burguesas e suas obras públicas são descartáveis, capitalizadas para rápida depreciação e planejadas para se tornarem obsoletas. (Berman, 2007, p. 123).

O desenvolvimento tecnológico no setor mineral não está distante dessa ocorrência do abandono, com a retirada dos maquinários. O processo produtivo voltou a ser tradicional, rude e de base empírica, como anteriormente. A modernização técnica desapareceu por completo, com o término da sua participação na guerra e as companhias de mineração deixaram de atuar em Picuí-PB, assim como, em toda a região mineral do Seridó.

Essa situação evidencia como os interesses giram em torno dos recursos minerais e como as grandes potências mundiais podem agir em benefício próprio, mesmo que isso

signifique negligenciar o desenvolvimento sustentável, tal como, a prosperidade de comunidades locais. Somente por meio de uma cooperação internacional, que respeite os interesses e necessidades de todas as partes envolvidas, será possível garantir um desenvolvimento mais equitativo e sustentável.

## **1.2 Nova dinâmica da extração mineral: Impactos do pós-Guerra em Picuí-PB**

Os estudos acerca da produção mineral no Seridó, em suma, afirmam que existe o desaquecimento da produção mineral, o que é evidenciado pelos dados do DPNM (1967), todavia, é importante enfatizar que apesar dos estadunidenses terem realizado a retirada dos maquinários, assim como as tecnologias implementadas no setor de produção mineral do Seridó paraibano, os mesmos mantiveram os olhares atentos as riquezas minerais da região, bem como a comercialização com as empresas locais de mineração.

Segundo Brasil/DNPM (1967),

apesar da diminuição da demanda de minerais metálicos, após II Guerra, na década de 1950, ainda havia alguns estímulos para o setor de metálicos do Nordeste. Dois fatores influenciaram a alta dos preços dos minérios, o primeiro foi um grande conflito bélico, a Guerra da Coreia, e o segundo foi a prática de alguns países com política de estoques reguladores, e assim tornou-se um pouco mais estável o mercado de minerais metálicos, repercutindo no Seridó, destaque minerais estratégicos.

Ramos (2017) afirma que entre 1958 e 1965, os estoques dos EUA estiveram acima de 30.000t, enquanto o consumo mundial não ultrapassava 10.000t. Essa informação demonstra que os Estados Unidos montaram um estoque três vezes maior do que a quantidade que estava sendo consumida pelo mundo inteiro. Os estadunidenses sentiram a necessidade de manter uma reserva eficiente desses materiais. Em uma carta ao jornal *O Semanário*, publicada na edição de 26 de julho de 1962, Dr. Medeiros relatava sobre o comércio mineral, no período posterior a conjuntura de beligerância mundial, como podemos observar no trecho transcrito abaixo:

Durante a II Guerra, as atividades do “Comércio de pedras” aumentaram extraordinariamente e de lá até agora, não decresceram, ao contrário, pedras que eram vendidas a 200 e 300 cruzeiros o quilo, estão valendo atualmente de 3 a 5.000 cruzeiros. Diante desta situação, é claro que os donos do comércio Internacional lançassem os olhos para aquela região no sentido de levar a parte do leão, como realmente está acontecendo. (O Semanario, 1962 p.06).

Mesmo com a saída dos estadunidenses do território do Seridó, a mineração manteve-se sendo uma das principais atividades econômicas da cidade, durante as décadas posteriores. Nóbrega (2021, p.52) destaca que as poucas companhias que permaneceram na região

restringiam apenas às operações na compra, sem interesses no processo de produção, que passou a ser responsabilidade dos garimpeiros, os quais voltaram a usar técnicas de extração com instrumentos de pouca eficiência e sem auxílio das máquinas.

Ainda com relação ao período posterior a 1945, Ramos (2017, p.146) abordou que, comparativamente, os trabalhos do DNPM foram pouco significativos nos pegmatitos, em relação aos desenvolvidos na década de 1940. No Seridó, manteve-se a atividade de garimpagem manual com auxílio de equipamentos artesanais. Ainda de acordo com Ramos (2017, p.148) houve a incorporação dos conhecimentos adquiridos com os estadunidenses, tais conhecimentos se perpetuaram dentro dos garimpos, de acordo com as possibilidades e recursos dos garimpeiros.

Assim, com regressão tecnológica, após guerra, e, mesmo praticando garimpo artesanal, o conhecimento foi incorporado à prática da lavra e do beneficiamento, tais como caixa concentradora, utilização da bateia e o manuseio de material explosivo, além de instrumentos de artesanias projetados pelo garimpeiro como o carretel. (Ramos, 2017, p.148).

Os registros históricos e as histórias contadas pelos picuienses ao longo dos anos evidenciam que desde os primeiros estudos desenvolvidos em território picuiense e cidades circunvizinhas, as riquezas minerais do Seridó despertaram interesses de homens de diferentes nacionalidades. Geralmente homens de negócios que viam o território como um local propício para os seus investimentos. Durante a entrevista com o Sr. Miguel Vitalino, ao ser perguntado sobre a presença de homens de outras nacionalidades no território picuiense, além dos estadunidenses, ele mencionou a estadia do Sr. Halid, um árabe que estabeleceu residência em Picuí-PB.

Veio, mas outros mandados pelos americanos. Veio Dr. Antônio Neto, Sr. Halid que era um árabe, eu trabalhei com ele. É muitos e mais muitos que vinham do exterior para o Brasil, os americanos, dava pra esse povo ficar tudinho, era tudo na mão do americano. E então seu Halid era um árabe, queria muito bem a mim, mostrava muito qualidade de minério, comprei muito minério para ele. Me dava o carro e dinheiro para comprar minério para ele, fora daqui, Parelha, Currais Novos, Carnaúba dos Dantas. Comprava o minério, entregava bem direitinho, me gratificava bem. <sup>19</sup> (Medeiros, 07/07/2023)

De acordo com Oliveira (1963, p.51) em 1938, chegaram à cidade de Picuí-PB, como modestos feirantes, os irmãos árabes Halid e Haja Faiad Mahommed Soleiman. Ainda sobre os

---

<sup>19</sup> Trecho da entrevista realizada com o ex garimpeiro Miguel Vitalino de Medeiros em: 07/07/2023.

irmãos, Oliveira conta que no ano seguinte a sua chegada em solos picuienses, passaram a dedicar-se a garimpagem e posteriormente a compra de minérios, construindo uma grande fortuna em pouco tempo.

Ainda com relação a fala do Sr. Miguel Vitalino, ele reforça que os estadunidenses continuaram fazendo relações comerciais no interior paraibano, sem realizar participação direta no processo produtivo, mas como compradores. “No Seridó, houve utilização de tecnologias diversas, houve modernização e regressão tecnológica, mas ao mesmo tempo uma das características foi a permanência, causada pelas precárias condições de trabalho, pois pouco se modificaram nos “cem anos” de mineração (Ramos, 2017, p.155).

Nóbrega (2021, p.51) após o fim da guerra, os profissionais e especialistas voltaram para os Estados Unidos, sem deixarem grandes contribuições para que houvessem avanços nas pesquisas e explorações de minérios na região. Entretanto, os estadunidenses mesmo após a retirada de todos os investimentos tecnológicos implementados no contexto da guerra, mantiveram a predação dos minerais extraídos no nordeste brasileiro, incluídos os materiais extraídos da cidade de Picuí-PB. Ao falar sobre a estadia dos oficiais no território, o Sr. Miguel Vitalino, rememorou a passagem dos misteres durante o período de beligerância mundial e o cenário da mineração no período pós guerra.

Agora, os três mistes eu conheci, trabalhavam aqui nesse alto do cruzeiro. A sede deles era no centro da cidade. De 42 e 43 até aproximadamente a guerra de 45, aí foram simhora. Abandonaram, mas deixaram muita gente sobre a mineração, a Brasinet, a Raimundo Pimenta e a Silveira Brasil, ficaram encarregada dessa mineração para mandar para os Estados Unidos.<sup>20</sup>(Medeiros, 2023)

Em 26 de julho de 1962, o Jornal *O Semanário* publicou uma carta enviada de autoria de Dr. Medeiros Dantas: um médico picuiense que residia no Recife. A referida carta continha uma denúncia sobre exploração de minérios pelos americanos no município de Picuí-PB, a mesma expôs a informação de que homens de nacionalidade alemã e norte-americana, estariam firmando negócios com as riquezas minerais de Picuí-PB, sem que houvesse controle por parte das autoridades brasileiras. Como é possível observar a partir do trecho aqui transcrito,

[...] o estranho é que no negócio não figure brasileiro, de vez que apenas aparece o americano William Blackburn e o alemão Rudolf Lugmayer. Adianta a reportagem que Herr Rudolf andava em New York, certamente, fazendo turismo, proporcionado pelos bons negócios feitos no Brasil, quando se encontrou com Mr. Willliam e conversa vai, conversa vem, acabaram entabulando um negócio de mica, cuja jazida está localizada em Picuí-Paraíba. A transação foi tão bôa que Mr.Blackburn,

---

<sup>20</sup> Trecho da entrevista realizada com o ex garimpeiro Miguel Vitalino de Medeiros em: 07/07/2023.

presidente da firma “Blackburn Internacional Corporation”, de New York, veio correndo ao Brasil e juntamente com Herr Rudolf trataram no Rio, ou em Brasília, de regularizar a papelada junto às autoridades brasileiras, o que foi feito sem qualquer embaraço, voando imediatamente para o nordeste, conforme se deduz pela reportagem. Daqui Mr. William viajou a Picuí a fim de dar início a exploração e aqui o termo deve ser tomado em toda sua extensão e profundidade. Eis aí a história de um bom negocio que começou em New York e está continuando em Picuí na Paraíba e no qual o brasileiro não figura nem como testemunha. (O Semanario, 1962 p.06)

Agra (2015, p.138) ao analisar o cotidiano local de Picuí-PB da década de 1960 e início de 1970, pondera a passagem de Rudolf Lugmayer no território picuiense, homem de naturalidade alemã, que recebeu a naturalidade brasileira, junto a dezenas de estrangeiros, conforme o Decreto de 27 de novembro de 1962, publicado no *Diário Oficial da União*,

Presidente da República, usando O. da faculdade que lhe confere o artigo 7 9, da Lei nº 818, de 18 de setembro de 1949, alterada pela de número 3.192, de 4 de julho (de 1957, resolve CONCEDER NATURALIZAÇÃO: Na conformida'ae do item IV do artigo 19 da Lei nº.818, citada, a fim de que possam gozar dos direitos outorgados pela Constituição e leis do Brasil, a: [...] Rudolf Lugmayer, natural da Alemanha, nascido a 14 de abril de 1918, filho dp Joseph Lugmayer e de Helena Zugmayer, residente no Estado de Pernambuco. (Processo 55.795-62). (O Diário Oficial da União, 04/12/1962, p.15).

Os escritos de Agra (2015), sobre a passagem do empresário alemão no território foi realizado mediante as recordações do Sr. Luis Costa Lima, o picuiense era um dos trabalhadores do empresário, que prestou serviços por mais de dez anos a empresa Minérios Picuí Ltda. A empresa de beneficiamento de mica passou a funcionar no antigo prédio da SAMBRA. A quantidade de mica produzida na referida cidade tornou-se insuficiente para suprir os negócios do empresário. Diante da necessidade de atender as demandas do mercado, Rudolf desenvolveu algumas pesquisas, obtendo êxito ao descobrir a existência de uma grande mina no território do Estado do Ceará, de onde a mica era extraída, beneficiada e comercializada pela empresa Minérios Picuí Ltda., muitos trabalhadores das minas eram picuienses que saiam da Paraíba para desempenhar esse trabalho no garimpo do Ceará, administrado pelo Rudolf Lugmayer.

Observemos o relato do depoente Miguel Vitalino.

Trabalhei no Ceará um bocado de tempo, Curalina, um bocado ali do Ceará eu conheço, até Senador Pompeu. Tive que fazer exportação de lá, comprava minério, em Senador Pompeu. Quem abarcava lá era eu e Dr. Rodolfo, ele trabalhou em minério também aqui em Picuí, me levou com ele, porque eu era muito inteligente, só bastava eu ver uma pedra que se fosse preciosa ou industrial eu sabia de onde saía, ia bater em cima, aí eles ficavam admirados. Turmalina, Água Marina, Topázio, toda qualidade de mineral.<sup>21</sup> (Medeiros, 2023)

---

<sup>21</sup> Trecho da entrevista realizada com o ex garimpeiro Miguel Vitalino de Medeiros em: 07/07/2023.

Embora o território não tenha suprido os anseios de produção da mica em grande quantidade, sendo considerada insuficiente para os negócios da referida empresa, Rudolf Lugmayer encontrou na cidade de Picuí-PB a mão de obra necessária para realizar o trabalho dentro e fora dos garimpos picuienses, desde o processo de extração, transporte e beneficiamento da Mica.

Para Agra (2015)

Após o beneficiamento do minério nos armazém da empresa, Luis Costa levava toda a produção de mica para o Departamento Nacional de Produção Mineral (DNPM) em Campina Grande, onde era feita a classificação; em seguida era feito o embarque do produto para Boston, nos EUA, a partir do porto de Recife; a cada Viagem, era embarcadas 100 150 toneladas de produto. (Agra, 2015, p. 139).

Há registro da passagem de outros estrangeiros que também despertaram interesse pelas riquezas minerais da região, alguns desses senhores chegaram a fixar residência na cidade de Picuí-PB, outros apenas estabeleceram relações comerciais e visitavam a cidade para fazer o controle de produção, bem como a comercialização. Também percebe-se como essas pessoas marcaram o imaginário da população da cidade, por terem uma cultura diferente, além de causarem estranhamento a população, ou seja pela cultura ou pela curiosidade em compreender os reais interesses em torno da sua estadia.

### **1.3 Nas Profundezas da Memória: Lembranças dos Antigos Garimpeiros**

Ao propormos abordar o recorte temporal delimitado na pesquisa, também nos propomos a realiza-la com um público que vivenciou e experimentou tal período. Levando em conta o nosso recorte temporal, as testemunhas desse período são senhores da terceira idade. Na apresentação da obra *Memória e sociedade: lembranças de velhos*, da escritora Ecléa Bosi, a filósofa Marilene Chauí, ao apresentar a obra, discorre sobre os trabalhos de memórias realizados com pessoas mais velhas e resume toda a obra de Bosi na frase "O velho não tem armas. Nós é que temos de lutar por ele" (Chauí in: Bosi, ano p.18).

Cabe a nós a manutenção das memórias das pessoas mais velhas que são consideradas guardiãs do passado, sendo desvalorizadas na medida que já não tem uma vida ativa no mercado de trabalho. Homens e mulheres que outrora venderam sua força de trabalho ao capitalismo durante a sua juventude, contribuíram para a manutenção do sistema, o mesmo que oprime,

segrega e exclui aqueles que já não são servis em termos de força humana. É por essa necessidade de se sentirem úteis, que muitos idosos após a aposentadoria, continuam desenvolvendo serviços que costumavam realizar, ou outros relacionados a atividade agrícola, como a agricultura e a criação de animais.

Em virtude de uma vida inteira marcada pelo trabalho, os idosos sentem a necessidade de desempenhar alguma atividade, por não conseguirem lidar com a ideia de viver sem a dinâmica da carga horária de trabalho, agindo assim, como uma forma de resistir ao sistema que os silenciam de maneira sutil. Chauí considera que,

Oprime-se o velho por intermédio de mecanismos institucionais visíveis (a burocracia da aposentadoria e dos asilos), por mecanismos psicológicos sutis e quase invisíveis (a tutela, a recusa do diálogo e da reciprocidade que forçam o velho a comportamentos repetitivos e monótonos, a tolerância de má fé que na realidade, é banimento e discriminação), por mecanismos técnicos (as próteses e a precariedade existencial daqueles que não podem adquiri-las), por mecanismos científicos (as “pesquisas” que demonstram a incapacidade e a incompetência social do velho). (Chauí in: Bosi, 1987, p.18).

Ao longo das entrevistas os depoentes relataram a continuidade na atividade mineral, por meio da compra e venda desses materiais, mesmo tendo a aposentadoria assegurada. O senhor Miguel Vitalino, aos 93 anos de idade, falou que se manteve no comércio por um bom tempo, deixando a atividade por um pedido dos filhos. como podemos observar no trecho do seu relato.

Trabalhei demais nesse meio do mundo, andei muito mais meus filhos, tinha uma nora que andava mais eu e meu filho, comprando minério em toda a região. Os sacos de dinheiro fazia gosto, agora só andava com segurança. Agora da nada é muito pouco, eu comprei alguma que aparecia. Mas, aí, os meninos, papai deixe isso, o senhor não precisa disso mais não, fica correndo atrás de minérios, pra comprar não, estar.<sup>22</sup>(Medeiros, 2023)

Durante as entrevistas os garimpeiros fizeram questão de apresentar algumas mostras e minérios existentes na região, alguns deles guardaram como objeto de recordação ou decorativo. Conforme a Figura 4, existe por parte de garimpeiros e ex garimpeiros, um hábito de guardar pedras. Eles tinham em suas casas uma pedra de Berilo e Tântalo, os materiais que foram extraídos em maiores quantidades no território picuiense. O Sr. Miguel Vitalino nos deu uma mostra de Berilo e um de Tântalo. O Sr Cícero Machado, nos trouxe uma mostra de Berilo, uma de Tântalo e Água Marina. Além disto, mostrou um de seus equipamentos de trabalho, que guarda de recordação. “Isso aqui é berilo, sabe? Isso aqui é o berilo, e agora vou tirar um

---

<sup>22</sup> Trecho da entrevista realizada com o ex garimpeiro Miguel Vitalino de Medeiros em: 07/07/2023.

pedacinho para você levar.”<sup>23</sup> Na velhice, quando já não há mais lugar para aquele “fazer”, é o lembrar que passa a substituir e assimilar o fazer. Lembrar agora é fazer (BOSI, 1987, p.398). O depoente fez uso do instrumento, para extrair pedacinhos pequenos para que eu também tivesse como recordação, o material mineral. Como podemos observar na Figura 4.

**Figura 4:** Mostra de minerais extraídas pelos garimpeiros, guardadas como recordação.



**Fonte:** Acervo pessoal, 2023.

**Figura 5:** instrumento rudimentar utilizado pelos garimpeiros para extrair minério.



<sup>23</sup> Trecho da entrevista realizada com o ex garimpeiro Cícero Machado em: 08/07/2023.



**Fonte:** Acervo pessoal, 2023.

As mãos com as marcas do tempo e do trabalho, mostram o produto que resultou do seu trabalho, apesar de poder ter comercializado, o entrevistado preferiu guardar consigo pequenas mostras do produto. Na imagem 5, pode-se observar um instrumento rudimentar que é utilizado para a realização da extração mineral, uma ferramenta de trabalho que tem um peso considerável, tendo em vista que a mesma é usada para realizar movimentos repetitivos, possibilitando assim, a compreensão do tamanho esforço que esses trabalhadores exerciam para realizar a extração mineral.

Segundo a descrição de Bosi, tais objetos se configuram como biográficos,

São estes os objetos que Violette Morin, chama de objetos biográficos, pois envelhecem com seu possuidor e se incorporam à sua vida: o relógio da família, a medalha do esportista, a máscara do etnólogo, o mapa-múndi do viajante. Cada um desses objetos representa uma experiência vivida. Penetrar na casa em que estão é conhecer as aventuras afetivas de seus moradores. (Bosi, 1987, p.360)

Ao ser questionado sobre a importância da mineração para a cidade de Picuí-PB, o Sr. Cícero enfatizou “Eu achei que agora está melhor do que estava, foi importante”<sup>24</sup>, o mesmo aponta que o setor mineral teve relevância para o desenvolvimento local. O gesto de mostrar o material de trabalho e as mostras de minerais, levaram a subentender que o depoente compreendeu que a sua contribuição para a pesquisa era para conhecer os minerais. Nesse sentido, o entrevistado não considerou que sua fala teria grande relevância, no entanto, o mais precioso para a nossa pesquisa, são as suas vivências.

Por vezes, os habitantes de um lugar tendem a pensar que apenas os políticos, os senhores de melhor status social, desempenham funções e criam histórias que devem ser lembradas. Para Pesavento (2007) nessa linha ascensional, desde o passado até o presente da cidade, constrói-se o desfile ou a evolução cronológica dos governos municipais com seus momentos marcantes e suas realizações fundamentais.

Concordamos com Thompson (1992, p. 184) quando salienta que “Em suma, a história não é apenas sobre eventos, ou estruturas, ou padrões de comportamento, mas também sobre como são eles vivenciados e lembrados na imaginação.” A história de um lugar passa por cada um dos que compõem a sua dinâmica cotidiana, possivelmente, existem tantos outros trabalhadores crédulos, para os quais, o passado não precisa ser lembrado, por terem sido tempos difíceis.

---

<sup>24</sup> Trecho da entrevista realizada com o ex garimpeiro Cicero Machado em: 08/07/2023.

Dessarte, a cidade de Picuí-PB tem a dinâmica social que tem hoje, se é um lugar que dispõem de melhores condições de vida para os seus habitantes, é porque aos poucos ela foi sendo construída e cada geração de trabalhadores dos diversos setores da sociedade deixou a sua contribuição.

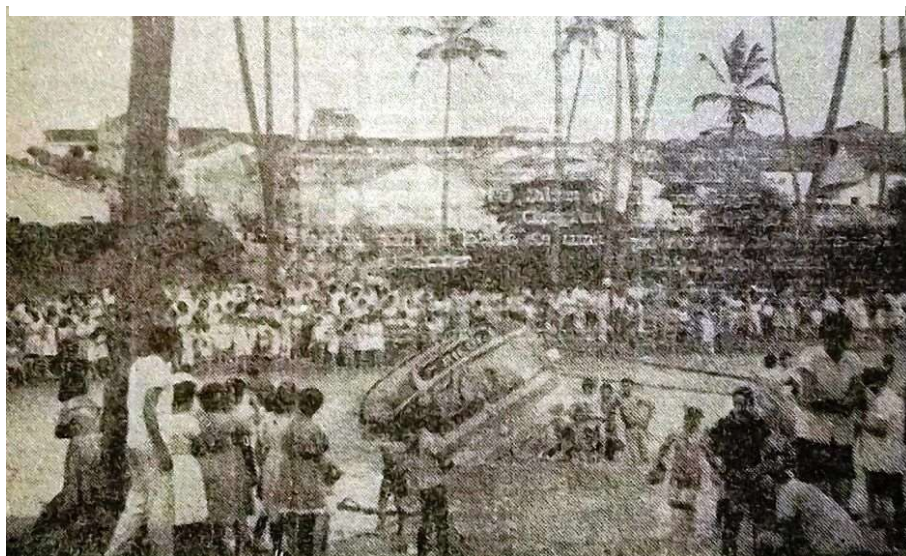
Pesavento (2007) destaca a cidade como o coração de um *boom* populacional, um centro ativo da vida das pessoas em toda a sua diversidade. Assim, para a autora,

A cidade é concentração populacional, tem um pulsar de vida e cumpre plenamente o sentido da noção do ‘habitar’, e essas características a tornam indissociavelmente ligada ao sentido do ‘humano’: cidade, lugar do homem; cidade, obra coletiva que é impensável no individual; cidade, moradia de muitos, a compor um tecido sempre renovado de relações sociais. (Pesavento, 2007, p.14)

A cidade é essencialmente uma habitação humana, porque se trata da essência das pessoas, não é apenas onde vivem, mas o lugar em que podem expressar os seus potenciais e trabalhar em conjunto com outros, para criar algo além das realizações individuais. Por ser composta por uma abundância de habitantes, as cidades resultam em uma grande variedade de interações sociais, devido à sua natureza fluida e em constante alteração. As cidades também passam por transformações, decorrentes de vários fatores, sejam esses, sociais, econômicos, climáticos, dentre outros, como foi o caso da cidade de Picuí no ano de 1964.

A cidade de foi afetada por fortes cheias, o centro ficou isolado de outras localidades, todo veículo que entrasse pelo curimataú, era obrigado a passar pela “passagem molhada” do rio Picuí, ao final da Rua Ferreira de Macêdo, o transporte de mercadorias e pessoas tornou-se inviável em virtude das águas do Rio Picuí. Segundo Agra (2015), a manchete do jornal Diário da Borborema, do dia 13 de agosto de 1964, trouxe a seguinte manchete, “Enchentes trouxeram grandes prejuízos para Picuí”. A manchete foi ilustrada com o ônibus sendo arrastado pelas águas do rio. Como podemos observar na figura 6.

**Figura 6:** Enchentes trouxeram grandes prejuízos para Picuí



**Fonte:** Museu Virtual Picuí Antigo

A fotografia acima retrata um momento atípico na cidade de Picuí-PB. A imagem foi capturada na década de 1960, ao analisá-la, é possível perceber toda a especulação gerada pelos moradores locais, as margens do rio Picuí. O momento foi capturado em um ângulo que o ônibus fosse considerado o elemento central, assim como, pessoas tentando retirá-lo do rio, desse modo, é possível observar muitas pessoas em pé, as margens do rio Picuí, participando da agitação. É notório, também, uma grande quantidade de pessoas de faixas etárias diversas, reunidas para observar este acontecimento, ainda é possível notar a vegetação marcada por grandes coqueirais, bem ao fundo, entretanto, já se vê as construções ao lado da margem do rio.

Em virtude desse acontecimento pluvial da época, o mercado do agave e mineral enfrentaram prejuízos, sem que fosse possível a realização do transporte destas mercadorias. Como evidencia o depoimento do então vereador Edson Sales ao Diário da Borborema:

“[...] é ainda o Sr. Edson Sales, quem revela que se de há muito se projeta construir uma ponte que, de certo modo, resolveria em parte os problemas do trânsito. Essa ponte, cuja construção está a cargo do grupamento de engenharia de Gargalheira, no Rio Grande, ainda não foi construída por motivos desconhecidos. Os prejuízos dos exportadores de agave e minérios foram enormes, mormente na época invernososa quando os transportes de cargas ficaram impossibilitados de se locomover.” (DIÁRIO DA BORBOREMA 13/08/1994).

O anseio da população da cidade era compreensível, considerando que a cidade neste contexto era um dos grandes exportadores de algodão, sisal e minérios. Durante esse período, os motoristas que quisessem escoar seus produtos na praça de Campina Grande, nos períodos de cheias, tinham que fazer o percurso pela estrada que liga Picuí a Carnaúba dos Dantas -RN, prolongando o percurso.

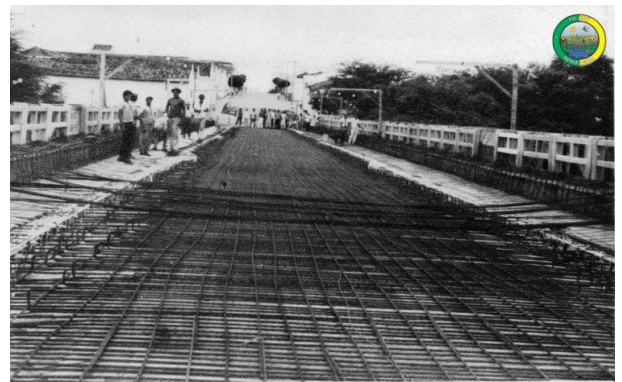
Este episódio reforçou ainda mais o anseio pela construção de uma ponte, em 1969, no governo do então prefeito José Mariano, que ordenou a construção da ponte Rio Picuí, com a inauguração desta em 1970, possibilitando a melhoria da travessia urbana, além de solucionar os problemas ocasionados pelas cheias do rio. Tornando-se um grande marco na modernização e infraestrutura da cidade.

**Figura 7:** Construção da ponte rio Picuí, 1969



**Fonte:** Museu Virtual Picuí Antigo

**Figura 8:** Construção da ponte rio Picuí, 1969



**Fonte:** Museu Virtual Picuí Antigo

**Figura 9:** Ponte rio Picuí, construída na adm. Do ex-prefeito José Mariano no ano de 1969. Ao lado da foto temos os galpões da Samba.



**Fonte:** Museu Virtual Picuí Antigo

As figuras 7 e 8, são fotografias representativas do processo de construção da ponte do rio Picuí, foram registradas no mesmo dia, no mesmo local, mas em ângulos diferentes. São registros importantes para a cidade e sua infraestrutura. Através dessas fotografias é possível observar os traçados urbanos da cidade de Picuí, além do processo de construção de uma obra estruturante como a Ponte Rio Picuí. Ao fundo da imagem 7 é possível ver os relevos das rochas e as vegetações presentes no espaço que ainda não havia passado pelo processo de urbanização, o que permite perceber que os traços rurais perpassavam a espacialidade da cidade, posto que, ao mesmo tempo que tem uma ponte de extensão considerável, uma construção imponente para melhoria da mobilidade urbana, ao final da construção só havia uma extensão de terra sem construções.

Na imagem 8, ao fundo da fotografia, é observável o início da rua 24 de novembro, a avenida ainda possuía árvores nos canteiros, casas dos dois lados da avenida, calçamento, que mostra como o centro era um lugar mais urbanizado, na imagem, também se observa a presença de trabalhadores, realizando uma das etapas da construção.

A imagem 9 é um registro importante da concretização da Ponte do rio Picuí, bem ao lado é possível observar os galpões da SAMBRA que serviu para o armazenamento do algodão que seria transportado para Campina Grande-PB, mais ao fundo é possível ver a torre da igreja católica, as casas e os casarões. A partir da fotografia é possível notar a presença de calçadas e calçamentos, os quais são elementos importantes na delimitação da urbanidade, evidenciando os traços urbanísticos do centro da cidade. Abaixo da ponte, observa-se o rio completamente seco, sem a passagem de água, assim como a presença de algumas vegetações rasteiras.

Ainda com relação a importância da mineração para o desenvolvimento da cidade de Picuí-PB, o depoente Francisco Borges, relatou que houve avanços por meio da intensificação da extração mineral, ou seja, localidades que tiveram um grande retorno financeiro por meio da sua grandiosa produção. Seu Francisco afirma,

Foi bom demais, nossa cidade na época disparou com o garimpo. O garimpo era famoso, tinha gente que pegava em dinheiro que nem folha de mato mesmo. Às vezes, tinha o caba que trabalhava em uma banquetta, aí quando dava certo disparava em um bloco, tirava 500 kg 1.000 kg, como aqui nos tanquinhos eles tiveram de tirar até 15.000 kg em um bloco.<sup>25</sup> (Araújo, 02/09/2023)

---

<sup>25</sup> Trecho da entrevista realizada com o ex garimpeiro Francisco Borges Amaro de Araújo em: 02/09/2023.

Diferente de outros lugares do país, a atividade mineral não trouxe um retorno econômico grandioso para o município, pois a comercialização da produção foi negociada em um primeiro momento, por meio de acordo em âmbito internacional, entre Brasil e Estados Unidos, no qual os Estados Unidos, tinha o intuito de assegurar o desenvolvimento e produção da indústria bélica durante o contexto de beligerância mundial.

Ao Brasil coube impulsionar a exploração de minerais em território nacional, dentre eles, a Província Pegmatítica da Borborema-Seridó, por meio da criação de empregos informais. Os benefícios do acordo foram voltados para outras regiões do Brasil, as quais não contemplaram a região do Seridó. Na região mantiveram-se os empregos informais e a exploração da mão de obra do trabalhador garimpeiro. As empresas de mineração que atuaram na região também não forneceram condições adequadas para o desempenho dos trabalhos nas minas.

As décadas posteriores ao processo produtivo foram marcadas pela presença de atravessadores que compravam o material dos garimpeiros e comercializavam em outras regiões, por um valor maior e até mesmo distorcendo a origem real do material. A prática da informalidade no processo de compra e venda, por vezes, contribuiu para que o município de Picuí-PB não usufruísse do seu potencial mineral, da produção de riquezas retirada do seu subsolo. Em sua obra *Esboço histórico*, Oliveira (1964) relatou que, apesar da riqueza do seu subsolo, Picuí não teve o desenvolvimento que se observa em outras comunas.

Quando os atravessadores realizam a compra informal desse material, isto é, direcionando para empresas de outra localidade, e essa instituição realiza a comprovação deste processo mediante nota fiscal, os impostos colhidos são enviados para esta localidade. Em entrevista o Sr. Francisco Borges falou sobre o processo de compra e venda da produção, os lugares para onde eram destinadas e como acontecia as negociações entre os garimpeiros e os compradores.

Vinha de Currais Novos, Carnaúba, de Parelhas daquela região do Rio Grande do Norte. Para exportação, aí vendia já para as firmas grande. Vamos disser, eu era um comprador, uma comparação, aí comprava para aquela empresa, aí todos eles, cada um comprava para uma empresa né!? Forneciam até o dinheiro para eles comprarem também.<sup>26</sup> (Araújo, 02/09/2023)

Os garimpeiros são os que apresentam as maiores desvantagens, uma vez que cumprem um trabalho desproporcional por uma renda mínima. Enquanto os atravessadores conseguem

---

<sup>26</sup> Trecho da entrevista realizada com o ex garimpeiro Francisco Borges Amaro de Araújo em: 02/09/2023.

manter a extração sem a necessidade de regularização, sem o pagamento de impostos e obtendo lucros mais expressivos.

O depoente Sr. Miguel Vitalino, que possui uma maior familiaridade com entrevistas, por ser um dos poucos senhores lúcidos que testemunharam a passagem dos estadunidenses durante o contexto da Segunda Guerra Mundial no território picuiense, tornou-se referência quando o assunto é o ciclo da mineração em Picuí-PB. O mesmo já concedeu entrevistas para pesquisadores de diversas áreas do conhecimento científico, como economistas, geógrafos, historiadores, dentre outros, assim como, para roteiro de documentários e revistas.

Ao se apresentar ele se intitulou como “Rei da mineração”, em virtude da sua trajetória como minerador da região, o mesmo relata que acabou recebendo esse tratamento pelos lugares que passou: “Agora sou conhecido em todo Brasil como Miguel Vitalino, o rei da mineração.” (Medeiros, 2023) Sua fala evidencia o seu orgulho pela trajetória de vida percorrida pelos trabalhos no garimpo, ao ser chamado de rei da mineração, mostra o quanto seus conhecimentos eram valiosos para o desempenho da atividade mineral e como ele se destacou nesse setor.

O depoente não esboçava reação de dificuldade em fazer as recordações, algumas vezes foi necessário um maior tempo de pausa, para que ele conseguisse ouvir as perguntas a ele feitas, mas, após conseguir ouvir os questionamentos, percebia-se uma certa agilidade nas respostas, consequência de uma mente ágil, de quem já precisou voltar a esses acontecimentos outras vezes, através das entrevistas concedidas aos demais pesquisadores. Para Pesavento (2007) A história oral de uma cidade é tecida e retecida continuamente. O depoente, no caso, é o senhor do tempo, refazendo o que se diz sobre o passado da cidade em cada vez que discorre sobre ele.

Ao longo da história da mineração em Picuí-PB, foram destacados os nomes dos garimpeiros que administravam os garimpos, os que realizavam o reconhecimento de minerais, os que se tornavam políticos, mas a grande maioria dos trabalhadores do garimpo permaneceram no anonimato.

Para Bosi(1987),

As lembranças grupais se apoiam umas às outras formando um sistema que subsiste enquanto puder sobreviver a memória grupal. Se por acaso esquecermos, não basta que os outros testemunhem o que vivemos. É preciso mais: é preciso estar sempre confrontando, comunicando e recebendo impressões para que nossas lembranças ganhem consistência (Bosi, 1987, p.336).

Ao perguntar sobre outros trabalhadores que testemunharam o recorte temporal, contemplado pela referida pesquisa, ambos entrevistados falaram não conhecer mais senhores

da sua faixa etária que tenham realizado trabalhos nos garimpos e estejam vivos ou lúcidos, o Sr. Cícero Machado, relatou que trabalhou por conta própria. Já o senhor Miguel, apesar de ter trabalhado com uma abundância de trabalhadores, se ateve aos nomes dos donos de minas e políticos para quem prestou os seus serviços, em uma tentativa de se afirmar através das relações que manteve com homens poderosos no setor mineral. Ainda com relação aos companheiros de trabalho, o Sr. Miguel relatou:

“Os garimpeiros do tempo da minha idade, que trabalhavam desapareceram. O derradeiro morreu ano passado, chamava João de Bieta, entendia de minério também, mas ele só entendia de lavar terra, sobre a mineração ele entendia muito pouco, aí ele vinha saber qual minério era aquele, aí eu dizia, ficava satisfeito, aí eu dizia vou caçar preço nesse minério que você achou, aí eu pagava o preço, mas deixando o meu.”<sup>27</sup>(Medeiros, 2023)

Quando o Sr. Miguel Vitalino, enfatiza que o seu colega de trabalho entendia pouco sobre a mineração, refere-se aos conhecimentos de identificação dos materiais extraídos, muito trabalhadores dos garimpos conheciam o processo de extração e detinham a força humana para a realização da atividade mineral. Entretanto, existiam os trabalhadores que não conseguiam realizar o processo de identificação dos minerais, o que dificultava no processo de comercialização da produção, tendo que secundarizar o processo da venda para um conhecido que detivesse esse saber, ou realizar uma venda pouco promissora.

---

<sup>27</sup> Trecho da entrevista realizada com o ex garimpeiro Miguel Vitalino de Medeiros em: 07/07/2023.



## **CAPÍTULO 2: GARIMPANDO LEMBRANÇAS: VIDA E TRABALHO**

### **2.1 Mineração artesanal: as formas de extração mineral nos garimpos de Picuí-PB**

A produção mineral em Picuí-PB, teve início na primeira década do século XX, realizada tradicionalmente e manteve-se com o mesmo percentual de produção inalterado por um pouco mais de duas décadas. A extração mineral na cidade em estudo passou a ser alterada quando surgiu uma demanda significativa destes minerais, pelos compradores individuais e pelas companhias de mineração.

Até meados da década de 30, sabe-se que a exploração mineral da região era realizada de forma tradicional e empírica, efetivada através da utilização de instrumentos técnicos ineficazes, marcado pela improdutividade e pelo desgaste físico dos trabalhadores. A exploração tradicional era realizada com instrumentos técnicos, como pás, picaretas, marreta, padiola, peneiras e pixotes. Nesse contexto, praticamente não existiam transportes na cidade, os deslocamentos da produção mineral eram realizados por meio dos animais de carga, que também auxiliavam no trabalho produtivo, desde o processo de extração ao escoamento da produção.

Com a presença das companhias de mineração, foram implementadas algumas tecnologias mais eficientes, como o uso de materiais explosivos. Oliveira (1964, p. 43) afirma que “devido aos processos rústicos de extração dos minérios desta região, sem orientação científica e sem capital, nunca se pôde calcular a capacidade produtiva dessas jazidas”.

“Só no princípio de 1943 devido a então circunstância atravessada pelo mundo, é que começaram a ser diretamente trabalhada, sob a orientação do DNPM, em cooperação com a Comissão de Compras do Governo Americano.” (Rolf, 1946, p. 30).

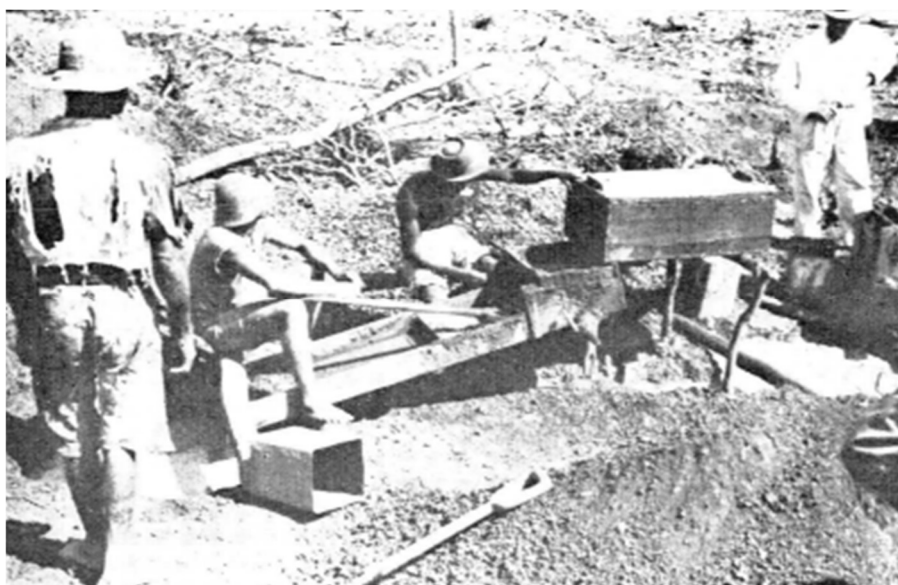
Com o acordo firmado entre Brasil e Estados Unidos, houve uma alteração significativa na produção mineral, a mineração em Picuí-PB passou a ter uma nova dinâmica produtiva, a partir da implementação de técnicas e instrumentos avançados. Após a chegada da comissão americana de compras no território nacional, modernizaram os garimpos, nos quais, anteriormente, eram utilizados meios rudimentares. Os avanços no processo de produção mineral na região tinham o intuito de viabilizar um aumento significativo da produção, em um curto espaço de tempo, a fim de suprir as necessidades beligerantes dos norte-americanos.

Mediante Forte (1994),

O propósito de aumentar num curtíssimo prazo a produção desses minerais [tantalita-columbita, berilo, mica, etc] levou a comissão Americana de compras a introduzir nos garimpos, que até então utilizavam meios rudimentares, vários equipamentos pesados como marteletes, compressores, moinhos, explosivos, etc. (Forte, 1994, p.100)

As práticas de garimpagem próprias dos garimpeiros, na região do Seridó paraibano, constituíram-se basicamente em três formas específicas de trabalho: a exploração mineral nos altos e banquetas; a garimpagem nos riachos e córregos e à cata. Essas formas de garimpagem envolviam ferramentas e processos de trabalho distintos, que acarretavam diversas consequências à saúde e à vida desses trabalhadores. Como podemos observar na Figura 10.

**Figura 10:** Garimpeiros apurando tantalita



**Fonte:** Rolff (1946)

“Imagens fotografadas não parecem manifestações a respeito do mundo, mas sim pedaços dele, miniaturas da realidade que qualquer um pode fazer ou adquirir”<sup>28</sup>. A fotografia 10, apresenta o registro de um momento do cotidiano dos trabalhadores mineiros, como é possível observar, os trabalhadores permaneceram realizando suas atividades laborais sem se voltarem para a fotografia. É admissível ressaltar que não houve uma organização para a captura, a fotografia foi capturada sem aviso ou de forma espontânea, o que evidencia que o autor da fotografia tinha o objetivo de registrar o processo produtivo, em uma das etapas da produção.

Dessarte, a captura constitui-se um importante registro no processo produtivo da tantalita e dos trabalhadores anônimos dos garimpos picuienses, em que, é aceitável observar e analisar as condições de trabalho, as quais os trabalhadores dos garimpos estavam expostos. O uso de chapéus evidencia as condições ambiente, sob as quais estes estavam expostos, as roupas leves em virtude das altas temperaturas, que amenizava o calor, mas não os protegia de

---

<sup>28</sup> (SONTAG, 2004, p. 14-15).

insolação e queimaduras ocasionadas pelos raios solares. A fotografia também retrata uma ferramenta de uso dos garimpeiros utilizada para a realização do processo da apuração da tantalita.

O garimpo, desenvolvido nos altos e banquetas, era uma atividade predominantemente masculina, por ser considerado um trabalho pesado e exaustivo. Essa forma foi uma das mais recorrentes nos garimpos picuienses. Nesse tipo de exploração mineral, eram utilizadas com recorrência, ferramentas mais rudimentares, que, muitas vezes, foram confeccionadas pelos próprios garimpeiros. Desde a marreta, a chibanca, o pixote, o aço e o carro de mão a guinchos artesanais, movidos a óleo ou força mecânica humana e, em alguns casos, compressores de ar.

Nesse modelo de exploração mineral, também eram usados recursos como explosivos, que, para serem manipulados, necessitavam de conhecimentos técnicos, uma vez que o alto risco da sua utilização era um dos fatores de risco dos trabalhos nos garimpos, por causarem graves acidentes de trabalho que, as vezes, custam a vida desses trabalhadores.

Dentre as formas de trabalhos nos garimpos da região, constitui-se um modelo da cata superficial de minerais, tratava-se de um trabalho que envolvia a presença de mulheres, e num contexto não tão distante, constituía-se na porta de entrada de crianças e adolescentes na mineração no Seridó. A cata consistia principalmente na coleta de rejeitos de detonações anteriores, disponíveis na própria superfície das lavras, a respeito da exploração mineral do Seridó, a catagem de tais minerais, tratava-se, sobretudo, da mica, a qual integrava uma das principais possibilidades dessa exploração.

Durante a década de 40, as técnicas para abertura das galerias também foram modificadas, com as instruções e suporte tecnológico do DPNM e da comissão americana de compras. Os desmontes de rochas anteriormente, realizados de forma vertical com a abertura de banquetas foram alterados, as aberturas das rochas passaram a ser realizadas na horizontal, com a abertura de galerias.

Segundo o relato do depoente, senhor Inácio, ele expressa:

Tirei muita columbita nesse túnel aqui. Tiraram muito minério naquela época passada. Agora esses tuneis aqui, não sei onde ele vai dar. Porque já comeram por cima e abriram galerias. Isso aqui era túnel embocado, túnel né? Aí eles abriram galeria por cima. A aqui deu dinheiro demais, aí depois começou particular. O americano trabalhou, trabalhou, teve canto que ele deixou bem rasiinho de columbita. Foi quem ensinou mais o povo a fazer túnel, foi os americanos.

Quando o sr. Inácio depôs que houve lugares que ficaram rasiinhos de columbita, ele descreveu a quantidade de material retirado, e a modificação ambiental ocasionada. A partir da

sua declaração é possível compreender as transformações ocorridas nos garimpos, na forma de extrair o material, no desenvolvimento e na troca de saberes entre homens de nacionalidade e cultura diferentes.

A técnica de abertura de galerias era responsável pela facilitação do acesso e escoamento da produção, através da instalação de trilhos para a utilização de vergonetas, como pode ser observado na Figura 11.



**Fonte:** Rolff (1946)

Foram implementadas nos garimpos picuienses, técnicas e tecnologias mais modernas naquele contexto, equipamentos pesados como compressores, moinhos, marteletes e explosivos, dentre outros. Foi nessa conjuntura que os minérios da região passaram a registrar uma exploração em larga escala, conforme mostra Luz e outros autores:

“É importante salientar que toda a operação foi conduzida pelo DNPM e pela Comissão Americana de Compras, com o suporte técnico do U.S. Geological Survey. Em razão das demandas do esforço de guerra, a prioridade era produzir a qualquer custo, induzindo na região uma cultura de lavra ambiciosa e predatória.”

Apesar da maquinaria representar uma intensificação no processo produtivo, a essa tecnologia foi atribuída uma representação negativa. De acordo com Ramos (2017 p.121), em todo o contexto, houve maior presença do Estado, com aplicação de novas técnicas, com maior produção e demanda por mão de obra, mas as condições de trabalho permaneceram as piores.

Neste contexto, não houve o que Marx percebeu como o sentido positivo da tecnologia, que se trata do uso das máquinas em colaboração com o trabalhador, a fim de diminuir a sua jornada de trabalho e torna-lo mais simples. O autor considera que o aspecto negativo nesta relação é a exploração da tecnologia pelo capital. Para o escritor,

A maquinaria como instrumento que é, encurtar o tempo do trabalho, facilita o trabalho, é uma vitória do homem sobre as forças naturais, aumenta a riqueza dos que realmente produzem, mas, com sua aplicação capitalista, gera resultados opostos. (Marx, 1982, p.509).

De acordo com Max (1982), a finalidade da maquinaria empregada de maneira capitalista não é aliviar a tensão diária dos trabalhadores. Da mesma forma que qualquer outro avanço da força produtiva no capitalismo, a tecnologia moderna deveria reduzir os preços dos produtos e diminuir a carga horária de trabalho necessária pelo trabalhador, para prolongar a parte da jornada, a qual, o trabalhador pode fornecer gratuitamente ao capitalista.

Em sua concepção materialista da história, Karl Marx atribuiu grande relevância às forças produtivas do trabalho. Elas auxiliam na compreensão de como certas relações de produção definem uma sociedade específica. Essa é uma das premissas fundamentais do materialismo histórico.

A grande repercussão da atividade da mineração entre os habitantes da área rural decorreu da realidade vigente e das precárias condições socioeconômicas dos trabalhadores que ali laboravam e sobreviviam, conforme Rolff:

[...] O seu descobridor incontestado foi o flagelado que depois de três ou quatro anos de tremenda seca, estava esgotado e faminto, não tendo onde trabalhar e o que comer, apertava o correião à cintura e quando não o pode mais fazer, descobriu que nos “altos” onde havia “quartzo” havia o mineral preto, feio, pesado que se chamavam “columbita” e que era facilmente vendido nas feiras [...]

[...] Nesses anfiteatros trabalham apressadamente cerca de 10.000 homens, outrora famintos e desgraçados, afim de retirar o mais depressa possível todo o berilo e a tantalita de que estão necessitados os arsenais gigantescos das Nações Aliadas [...]

[...] Os meios mais modernos e compatíveis com as enormes dificuldades de transporte e de água estão sendo usados intensivamente e marcha-se para um sistema de trabalho de 24 horas de um dia [...] (Rolff, 1943, p.289).

Segundo os escritos de Rolff, é possível observar que o trabalho compulsório nos garimpos, no sistema de trabalho, variava conforme a necessidade de suprir o mercado, bem como a tentativa de obter um retorno financeiro melhor. Além disso, é notório que a mão de obra nas minas cresceu devido à escassez de chuvas, aumentando a disponibilidade de mão de obra nas minas e a diminuição do trabalho agrícola.

Sobre o contingente de homens trabalhando nas minas, o sr. Emanuel Remígio relata: “Aqui tinha mais de 1.000 pessoas em cima desse alto. Barraca, era em cima uma da outra.”<sup>29</sup>

---

<sup>29</sup> Trechos de relatos de memórias contidos no Documentário “URÂNIO PICUÍ” Documentário, 2011 Dir. Tiago Melo / Antônio Carrilho.

Quando o depoente enfatiza a quantidade de pessoas que trabalharam no mesmo setor, evidencia a movimentação e as proporções que a extração mineral atingiu. Ao citar as barracas, enfatiza a situação precária do dia a dia dos trabalhadores dos garimpos. Como se pode observar na Figura 12.

**Figura 12:** Garimpeiro colhendo tantalita.



**Fonte:** Rolff (1946)

A partir da fotografia acima é possível observar no centro da imagem homens trabalhando na coleta de tantalita, a esquerda é possível observarmos pequenas barracas feitas com hastes de madeira. Esse tipo de habitação era bastante comum nos garimpos, pois tinha a função de abrigar os trabalhadores, nesses lugares também eram preparadas as suas refeições em fogões à lenha, assim como era o local de repouso e de alimentação. Ainda é possível observar que as barracas constituíam-se em lugares bastante precários. Não existiam alojamentos de alvenaria ou casas, como ocorreu na cidade de currais novos — RN, em que, por volta da década de 50, foi construída a vila operária, para assegurar a permanência dos garimpeiros mais próximos ao trabalho, as barracas de taipas permaneceram coexistindo com as construções de alvenaria.

No ano de 1945, com o final da Segunda Guerra, o setor mineral picuiense passou por um forte e repentino desaquecimento comercial. Todos os impulsos e investimentos feitos durante a Guerra foram retirados com o seu término, os profissionais e especialistas estadunidenses deixaram o solo brasileiro. Assim, com a saída dos estadunidenses, foram retirados os equipamentos tecnológicos e as tecnologias implantadas durante o período de beligerância. No território do Seridó, poucas companhias continuaram na localidade, sendo responsáveis apenas pelas comercializações, sem participação direta no processo de produção,

trabalho que era realizado pelos trabalhadores dos garimpos, sem tecnologia e recorrendo ao uso de instrumentos rudimentares.

Desse modo, a implementação tecnológica durou apenas o período da Guerra, o que resultou na perpetuação da atividade de forma rudimentar e empírica. Perdurando, assim, os velhos paradigmas de garimpagem desordenada, predatória e de baixa remuneração. As poucas companhias que permaneceram na região restringiam suas operações, basicamente na compra, sem interesses no processo de produção, que começou a ser responsabilidade dos garimpeiros, os quais voltaram a usar técnicas de extração com instrumentos de pouca eficiência e sem auxílio das máquinas. Entretanto, apesar do processo de desaquecimento mineral, essa atividade se constituiu nas décadas posteriores, como a principal atividade econômica da cidade.

As empresas que atuaram na região não estavam voltadas para os investimentos no setor da mineração, nem para investir no suporte técnico, também não investiam em capacitação dos profissionais ou em segurança. As companhias de mineração não funcionaram como empresas mineradoras, a sua funcionalidade se reduziu à compra e venda da produção dos garimpeiros e ao controle dos principais garimpos desta localidade. Diante desta situação, o que realmente importava era a elevação da produção a qualquer custo. Em sua visita a Pegmatito em lavra, Vasconcellos enfatizou o seguinte tópico:

[...] É de lastimar a falta para mineração reinante no Nordeste, apesar de nossos insistentes conselhos. Os concessionários se não interessam por exploração racional, a fim de oferecer maior segurança aos operários e eficiência aos trabalhos. Simplesmente querem usufruir do suor do garimpeiro que se expõe a perigos, comprometendo também, o aproveitamento integral da jazida [...] (Vasconcellos, 1946, p.21)

Desse modo, desde o início do movimento dos trabalhos nos garimpos da região, acontecia a situação em que os trabalhadores exerciam o trabalho duro, recebiam uma quantia mais baixa, enquanto os atravessadores e indústrias obtinham uma maior rentabilidade econômica, realizando um trabalho que exigia um menor esforço. De acordo com Agra (2014), não existia preocupação por parte das companhias de mineração em impulsionar o desenvolvimento organizado do setor mineral, em uma perspectiva de vista técnica, embora estas possuíssem recursos financeiros suficientes para realização desta ação.

## **2.2 A inserção precoce de crianças nos garimpos picuienses**

O garimpo também foi marcado pela presença de crianças, que acompanhavam seus pais e familiares para auxiliá-los nos garimpos, local onde adquiriam conhecimentos e

adentravam ao mundo do trabalho. O dinheiro referente à produção contribuía com a renda da família.

Diante da seca e das suas consequências, os pais de família do Seridó paraibano encontraram no garimpo o seu sustento. Ramos (2017, p.147) afirma que, em geral, lavravam-se os produtos minerais metálicos quando o mercado mundial o valorizava e/ou as condições da falta de trabalho do agricultor exigiam. Os filhos imitavam os pais, os netos imitavam os avós; e isso ocorria em todos os aspectos da vida, das experiências da produção até a moral. Essa situação acarretava, entre outras consequências, o prestígio dos anciãos, e a idade se tomava portadora de múltiplos valores (Heller, 2008, p.118).

A presença de crianças nos garimpos é um fenômeno histórico que ocorreu em várias regiões do mundo, onde a mineração artesanal era praticada, incluindo países como Brasil, dentre outros países da América Latina. Na cidade de Picuí-PB e localidades vizinhas, não foi diferente. Essas crianças muitas vezes acompanhavam seus pais e outros familiares para os garimpos, lá auxiliavam nas tarefas, aprendiam o ofício do garimpo e, conseqüentemente, ingressavam no mundo do trabalho desde cedo.

No entanto, é importante destacar que o trabalho infantil nos garimpos é uma questão complexa e controversa. Embora para muitas famílias essa prática consistisse em uma forma de aumentar a renda familiar, para as crianças isso frequentemente significava abandonar a escola, adentrar ao mundo do trabalho, expor-se às condições de risco. A interrupção dos estudos regulares para que crianças adentrassem em um mundo de relações de trabalho preconizadas, tendo de ajudar a complementar a renda doméstica, foi uma constante em todos os setores produtivos do semiárido, desde a mineração, até a agricultura e pecuária. Observemos a Figura 13.

**Figura 13:** Criança na cata de tantalita na II Guerra em Picuí-PB



Fonte: Almeida (1943)



“Fotos fornecem um testemunho. Algo de que ouvimos falar, mas de que duvidamos parece comprovado quando nos mostram uma foto. Numa das versões da sua utilidade, o registro da câmera incrimina.”<sup>30</sup> A fotografia<sup>31</sup> acima, datada da década de 1940, representa o trabalho infantil de centenas de crianças que adentraram aos garimpos da região. A organização da fotografia traz, em primeiro plano, a imagem de uma criança na cata de tantalita, realizando trabalho manual, usando ferramentas pesadas. Assim, é possível observar os instrumentos rudimentares de trabalho, como também as vestimentas se apresentavam inadequadas para a proteção do corpo da criança. O uso de chapéu e a sombra revelavam a exposição solar, a qual a criança estava exposta.

O fotógrafo que estava nessa localidade visou retratar a intensificação do trabalho mineral e como se deu esse processo. Esta fotografia em específico revela que o fotógrafo teve o objetivo de capturar o trabalho da criança, como uma das forças envolvidas no processo extrativista mineral.

A imagem foi produzida para compor boletins, cujo objetivo era desenvolver atividades de pesquisas minerais no Seridó. Os técnicos responsáveis pela produção de artigos estavam a serviço dos Estados Unidos e Brasil. A fotografia não tinha por finalidade denunciar o trabalho infantil, mas constituiu-se um importante documento, demonstrando à cata realizada por crianças no período da II Grande Guerra.

Logo, tal fotografia não foi produzida para evidenciar a realidade das crianças. Embora contenha a presença de uma única criança, ela retrata a exploração do trabalho infantil de crianças e adolescentes nos espaços dos garimpos. Essa imagem evidencia as condições de vida de milhares de crianças no território brasileiro durante meados do século XX, em que, as mesmas iniciavam a vida no mundo do trabalho desde cedo.

Essa cena era frequente e mostra que a criança era criada sem sensibilidade, em função da sociedade não ter um olhar sensível para a preservação social e emocional da infância. Logo, elas não eram preservadas de trabalhar, uma questão que só foi pensada recentemente.

É importante salientar que, ao longo da história ocidental, as crianças foram, por muito tempo, consideradas um adulto em miniatura, uma vez que não havia um olhar atento para a fase da infância. Essa concepção de tratamento fundamentada no cuidado, carinho, direitos e orientação está ligada a um processo gradativo de mudanças comportamentais nos ambientes

---

<sup>30</sup> (SONTAG, 2004, p.16).

<sup>31</sup> ALMEIDA, Sandoval Carneiro de; JONSTHON JR., W. D.; SCORZA, Evaristo P.; LEONARDOS, Othon H. Pegmatitos com Berilo, Tantalita e Cassiterita da Paraíba e do Rio Grande do Norte. Revista Mineração e Metalurgia, Vol. VII, N°39. Rio de Janeiro, 1943.

familiares e sociais, como no século XIX, quando “à infância e a sua particularidade não se exprimia mais através da distração e da brincadeira, mas através do interesse psicológico e da preocupação moral. A criança não era nem divertida, nem agradável”<sup>32</sup>, mas era essencial e deveria ser preservada e disciplinada.

A inserção destes nos garimpos aconteciam inicialmente pela catagem. Esta forma de extração mineral era predominante no início da atividade na mineração da região, tendo em vista que os trabalhadores da agricultura não detinham técnicas para melhor desempenhar a referida atividade. A realização desta, não requeria grandes conhecimentos técnicos, por consistirem em um trabalho simples de cata, com base em técnicas de baixo custo. A cata era uma opção de trabalho, assim como uma forma de subsistência. É possível inferir que o trabalho de garimpar exigia investimentos e técnicas desconhecidas pelos agricultores deste período. Essa forma de trabalho predominou nos garimpos até a década de 1940, quando a extração mineral passou a ser realizada de forma mais intensa através da utilização de maquinários.

A inserção precoce de crianças e adolescentes no mundo do trabalho ocasiona consequências perversas no que tange ao acesso à educação, pois muitas dessas crianças que adentraram aos garimpos durante a fase da infância ficaram reféns desta atividade, por não conseguirem melhores oportunidades pela ausência das etapas educacionais.

Acerca do trabalho infantil nos garimpos, o Sr. Severino Pereira Gomes<sup>33</sup>, rememorou em sua fala, sobre o contexto em que adentrou ao trabalho nas minas:

“Com idade de sete a oito anos, fui trabalhar no minério mais meu pai, é quando os americanos chegou, aí abraçou todo mundo, vinha gente do sertão, do brejo, de todo canto, ninguém sabia trabalhar em minério. Aí quando terminou os americanos em 45, que eles terminaram, eles foram embora, mas aí muitas firmas, instalou-se empresa de mineração de exportação, então passei trinta anos nessa luta.”<sup>34</sup>

A partir da fala do depoente, é possível observar que a sua inserção no garimpo aconteceu mediante a intensificação mineral, em razão dos esforços de guerra, época, na qual houve a intensificação da mineração, por conseguinte, em toda região do Seridó paraibano. Deste modo, é possível compreender que o sr. Severino permaneceu desenvolvendo a atividade de garimpagem por toda sua vida.

---

<sup>32</sup> (ÁRIES, 1986, p. 162)

<sup>33</sup> Severino Pereira Gomes (in memoriam) trabalhou como agricultor, minerador e comerciante, foi Prefeito das cidades de Picuí e Baraúnas. Faleceu no dia 15 de julho de 2010.

<sup>34</sup> Trechos de relatos de memórias contidos no Documentário “URÂNIO PICUÍ” Documentário, 2011 Dir. Tiago Melo / Antônio Carrilho.

Durante a entrevista, pode-se observar que o Sr. Cícero Machado, iniciou seu trabalho no garimpo aos dezoito anos, o mesmo relatou sobre os quantitativos de homens que existiam no garimpo no início dos anos 80. “Tinha, era gente que só, era gente de um lado e do outro. Trabalhava muito no garimpo. Tem uma mina aí em cima da serra, é uma mina de água marina, é uma mina grande lá, agora está parada, porque, eles levam esse minério, mas eles trocam com dólar lá.”<sup>35</sup> É notório que o depoente chama atenção para uma das tantas minas que estão desativadas, segundo o entrevistado é porque o material atende a interesses do mercado externo, que em nosso contexto atual não tem o mesmo valor que tinha nas décadas passadas.

Nos últimos anos, houve esforços significativos por parte de governos, organizações internacionais e ONGs para combater o trabalho infantil nos garimpos e garantir que as crianças tivessem acesso à educação e oportunidades adequadas ao seu desenvolvimento. No Brasil, a implementação de leis trabalhistas mais rigorosas, programas de educação e conscientização, bem como o apoio às famílias em situação de vulnerabilidade, são algumas medidas governamentais adotadas para abordar essa questão, que por muito tempo foi negligenciada pela sociedade e pelos governantes.

### **2.3 Desbravando Riscos: A Realidade Invisível dos Garimpos**

Para Halbwachs (1990): “[...] a lembrança é em larga medida uma reconstrução do passado com a ajuda de dados emprestados do presente, e, além disso, preparada por outras reconstruções feitas em épocas anteriores e de onde a imagem de outrora se manifestou já alterada...” (Halbwachs, 1990, p. 71). O papel da memória caracteriza-se principalmente por ser uma criação baseada em experiências passadas, mas, utilizando informações obtidas da situação presente. Além disso, é processado mediante outras reconstruções que remontam à história, a partir das quais pode ter havido uma distorção de como as coisas realmente eram.

Dessa maneira, a lembrança é uma reconstrução do passado, influenciada por informações do presente e moldada por interpretações anteriores, resultando em uma imagem modificada daquilo que realmente de fato ocorreu. Ainda sobre lembranças, concordamos com Ecléa Bosi (1998) ao evidenciar que:

(...) A lembrança é uma imagem construída pelos materiais que estão, agora, à nossa disposição, no conjunto de representações que povoam nossa consciência atual. Por mais nítida que nos pareça a lembrança de um fato antigo, ela não é a mesma imagem

---

<sup>35</sup> Trecho da entrevista realizada com o ex garimpeiro Cícero Machado em: 08/07/2023.

que experimentamos na infância, porque nós não somos os mesmos de então e porque nossa percepção alterou-se e, com ela, nossas idéias, nossos juízos de realidade e de valor. O simples fato de lembrar o passado, no presente, exclui a identidade entre as imagens de um e de outro, e propõe a sua diferença em termos de ponto de vista. (Bosi, 1998, p.55)

Quando nos propomos a realizar uma pesquisa em história oral, um dos pontos de partida é a elaboração das perguntas, porque, enquanto pesquisadores, temos clareza de que a memória não é algo que é instantâneo, é necessário existir um estímulo, para que as lembranças dessas pessoas se manifestem, consideremos a colocação de Nora ao afirmar que “não existe memória espontânea” (Nora, 1993, p.13).

As lembranças colocadas pelos trabalhadores passam por um julgamento de valor, com base no olhar do presente que se volta para o passado. Ao afirmar isso, evidenciamos que a memória é seletiva, na medida que, ao recordar algo, também esquecemos de informações, sejam elas satisfatórias ou não, de modo involuntário algumas informações naturalmente tendem a ser esquecidas ou lembradas, mas também ocorre um ato consciente de querer omitir ou esquecer uma situação ou informação.

Diante disso, também se faz necessário trabalhar o conceito de esquecimento, pois, consideramos a afirmação de Le Goff (1990) “a memória não pode ser vista só como recordação, mas também pelo lado do esquecimento”. A memória não é unicamente a capacidade de guardar informações, lembranças e imagens passadas. Ela envolve funções psíquicas que possibilitam atualizarmos essas impressões ou informações do passado. Ao abordar sobre esse ponto, Ecléa Bosi menciona:

Cabe-nos interpretar tanto a lembrança quanto o esquecimento. Esquecimento, omissões, os trechos desfiados de narrativas são exemplos significativos de como se deu a incidência do fato histórico no cotidiano das pessoas. Dos traços que deixou na sensibilidade popular daquela época. (Bosi, 2003, p.18)

Bosi (2003) destaca a importância tanto da lembrança quanto do esquecimento na interpretação e compreensão da história. Salientemos que os esquecimentos, as omissões e os fragmentos de narrativas são elementos significativos que revelam como os eventos históricos tem o poder de influenciar o cotidiano das pessoas, deixando marcas na sensibilidade da população que vivenciou uma determinada época.

Durante a realização das entrevistas, ao serem perguntados sobre os ambientes de trabalho, os riscos da profissão e os acidentes de trabalho, os entrevistados desviaram-se dessa questão, focando em outros tópicos relacionados a si, sem se estender nas respostas ou rememorar eventos presenciados por eles mesmos, ou por seus colegas de trabalho. Era um

trecho da história, a qual não tiveram interesse em comentar, ou se ater ao assunto, na tentativa de não lembrar ou não perpetuar essas memórias. No último momento da entrevista, quando todas as perguntas já tinham sido feitas, permaneci ouvindo as memórias que fluíam ainda em decorrência do exercício de rememoração iniciado com os questionamentos, enquanto o senhor Miguel mostrava o quadro de fotografias da sua família, ele trouxe uma recordação importante, que as perguntas não conseguiram provocar. Era sobre os acidentes de trabalhos que haviam tido um desfecho trágico.

Uma lembrança é diamante bruto que precisa ser lapidado pelo espírito. Sem o trabalho da reflexão e da localização, seria uma imagem fugidia. O sentimento também precisa acompanhá-la para que ela não seja uma repetição do estado antigo, mas uma reaparição (Bosi, 1987, pag. 39). O senhor Miguel Vitalino recordou: “Tinha Josimar que morreu, uma pedra no alto do Cortume, matou ele. Josimar trabalhava comigo também, mais morreu de um acidente, uma pedra caiu em cima dele, esbagaçou. Fiz o enterro dele aqui, foi em 82. Não, em 78.”<sup>36</sup> (Medeiros, 07/07/2023).

Sobre a recuperação de depoimentos, Pesavento (2007) nos fala que:

(...) recuperando depoimentos e relatos de memória, que retraçam uma experiência do vivido e do possível de ser recuperado pela reminiscência, transmitindo do presente aqueles que não estiveram na cidade do passado. Fala-se e conta-se, então, dos mortos, dos lugares que não mais existem, de sociabilidades e ritos já desaparecidos, de formas de falar desusadas, de valores desatualizados. Traz-se ao momento do agora, de certa forma o testemunho de sobreviventes de um outro tempo, de habitantes de uma cidade que não mais existe (Pesavento, 2007, p.20).

Os acidentes de trabalho nos garimpos, aconteciam com grande recorrência, os trabalhadores ao longo da história da atividade mineral estiveram expostos a inúmeros fatores de riscos, de caráter insalubre, ergonômico, químico, físico e biológico. Esse fator de risco teve uma maior intensificação, na medida que, os trabalhos eram realizados de maneira informal, condição que marcou a atividade mineral em Picuí-PB e em toda região do Seridó.

Sobre os riscos no manuseio dos materiais explosivos o Sr. Miguel Vitalino relatou:

Todo cuidado era pouco. O mais risco era sobre os explosivos, não era todo mundo que sabia lutar com explosivos não. Mas, muitos se acidentaram, eu dei cobertura. todos que se acidentaram dentro do meu trabalho eu encostei graças a Deus. Lutar com explosivo não é todo mundo que sabe lutar não, por isso que andava todo documentado, para saber quem vendia o material. Agora esse povo do brejo tudinho vinha comprar aqui.<sup>37</sup> (Medeiros, 08/07/2023)

---

<sup>36</sup> Trecho da entrevista realizada com o ex garimpeiro Miguel Vitalino de Medeiros em: 07/07/2023.

<sup>37</sup> Trecho da entrevista realizada com o ex garimpeiro Miguel Vitalino de Medeiros em: 07/07/2023.

Um aspecto crucial da dinâmica do garimpo, é sua natureza predatória e ao mesmo tempo fascinante para os trabalhadores envolvidos nas atividades minerais. Tendo em vista que, mesmo um trabalhador tendo a sorte de encontrar uma pedra valiosa com um bom retorno financeiro, a probabilidade de abandonar a atividade mineral é baixa, devido à atração contínua que o garimpo exercia sobre esses trabalhadores.

Essa atração é alimentada pela perspectiva de encontrar mais minerais valiosos, o que cria uma espécie de ciclo vicioso, em que os trabalhadores sentiam a necessidade de continuar buscando, na esperança de alcançar uma maior lucratividade. Em Picuí-PB o garimpo foi e continua sendo uma atividade econômica significativa. Para muitos garimpeiros, essa atividade tornou-se parte integrante de sua identidade e modo de vida. Por isso, é importante analisar não apenas os aspectos econômicos do garimpo, mas também as questões sociais, ambientais e de segurança, relacionadas a essa atividade, a fim de compreender a sua dinâmica produtiva.

O depoimento do Sr. Nozinho Santos<sup>38</sup> oferece uma visão perspicaz sobre a dinâmica emocional dos trabalhadores do garimpo. Apesar de conscientes dos riscos envolvidos nesse tipo de trabalho, eles mantiveram viva a esperança de uma mudança positiva em suas vidas através do garimpo, como se pode observar através do relato:

“Alimentados pela esperança, essa semana não, mas a semana que entra, que espero que essa frente de material aqui tá prometendo muito bem. Então ele vive de esperança, quando surge alguma coisa que faz ele viver feliz com essa atividade, apesar dos riscos que existe. Porque não é somente o explosivo arriar uma banquetta, barreiras ou poeiras que venham danificar a saúde, mas ainda acha muito divertido, um trabalho árduo e cheio de sacrifícios, de riscos, mas ainda é muito divertido. Pode se tornar até ocorrer alguma sorte que ele melhore de vida.”<sup>39</sup>

A crença na possibilidade de uma extração lucrativa, capaz de gerar um grande retorno financeiro, reflete a busca por uma oportunidade que possa transformar radicalmente suas condições de vida. Essa aspiração evidencia a persistência da esperança, mesmo diante das dificuldades e dos desafios enfrentados no dia a dia do garimpo.

Essa motivação não apenas provocava os trabalhadores a continuarem seu árduo trabalho, mas também servia como uma espécie de válvula de escape para as adversidades e incertezas que enfrentavam, assim, demonstravam determinação em prosseguir na busca por um futuro melhor, mesmo em meio à circunstâncias difíceis.

---

<sup>38</sup> Nozinho dos Santos (in memoriam) foi garimpeiro, comerciante, agricultor, vereador e vice-prefeito de Picuí, faleceu em 30 de junho de 2014.

<sup>39</sup> SOBRINHO, Antônio de Pádua, O GARIMPO: MARCO DA HISTÓRIA MINERAL DE PICUÍ- ENTREVISTA NOZINHO DOS SANTOS. YouTube, 14 de jun. de 2017.

No entanto, também é importante reconhecer que essa esperança muitas vezes era frágil e estava sujeita a decepções, especialmente em uma atividade tão imprevisível como a atividade de garimpo. Mesmo assim, ela manteve-se sendo uma força geradora que impulsionou os trabalhadores a persistirem em sua busca por uma vida melhor.

Ao mesmo tempo que o sr. Nozinho Santos descreve a atividade mineradora como uma atividade arriscada, o depoente também destaca que era algo que proporcionava momentos de diversão. Durante a sua fala ao longo do vídeo o depoente não deixou explícito quais eram esses momentos, mesmo que houvesse péssimas condições de trabalho e altos riscos, os depoentes buscavam destacar as boas memórias vivenciadas nos garimpos.

No decorrer do relato do Sr. Nozinho Santos, que nos foi compartilhado, assim como a aparente ambivalência entre os riscos e as experiências positivas vivenciadas no garimpo, suas falas oferecem uma visão complexa da realidade dos trabalhadores. Mesmo que a atividade mineradora fosse claramente percebida como arriscada e desafiadora, o depoimento sugere que também havia momentos de diversão e companheirismo entre os trabalhadores. Esses momentos podem ter sido proporcionados pela convivência com colegas, superação de desafios ou até mesmo as histórias e experiências compartilhadas durante o trabalho.

É notável que, apesar das péssimas condições de trabalho e dos perigos envolvidos, os depoentes, optaram por destacar as boas memórias vivenciadas no garimpo. Isso pode refletir uma tentativa de encontrar significado e valor nas experiências passadas, mesmo que essas tenham sido difíceis ou traumáticas. Além disso, ressaltar os momentos de diversão e companheirismo pode ser uma forma de lidar com as adversidades e encontrar alguma medida de conforto ou consolo na lembrança do passado.

Essa dualidade entre os aspectos negativos e positivos do trabalho no garimpo, elucida a complexidade da experiência humana, assim como a capacidade das pessoas de encontrar momentos de alegria e significado mesmo em meio às dificuldades. Ao longo dos depoimentos, observou-se que as memórias sobre o trabalho pesado dos homens e mulheres do garimpo, foram preponderantes pela ocorrência dos danos causados à sua saúde e até mesmo a própria vida. Isso ocorria em virtude dos riscos que os trabalhadores dos garimpos estavam expostos na sua rotina, o trabalho manual e sem proteção alguma, fazia do ambiente de trabalho um local totalmente inseguro.

Durante os depoimentos no Documentário *Urânio Picuí*, o Sr. Nozinho Santos relatou:

“Eu me precipitei, a vista não ficou tão boa, foi uma das minhas coisas, da minha herança, o saldo, hoje por causa dessa atividade que eu explorei, a vista ficou um pouco danificada, mas... sempre agradeço a Deus por tudo.”<sup>40</sup>

Ao decorrer do diálogo com o depoente, este destacou os problemas de saúde que adquiriu ao longo da sua atividade produtiva enquanto garimpeiro, colocando como resultado do trabalho realizado, problemas de visão. O trabalho pesado e a exposição a substâncias tóxicas acabaram desencadeando uma série de problemas de saúde, desde casos mais simples, a casos de saúde mais complexos, como é o caso da mutilação e até mesmo a morte dos trabalhadores, como foi enfatizado pelo sr. Nozinho Santos.

“muitos, muitos garimpeiros. Uns morreram, uns perderam a visão total, outros mutilaram as mãos, então outro morreram soterrados em barreiras arriado.”<sup>41</sup>

Os trabalhadores dos garimpos, ao longo da história desta atividade econômica, sempre estiveram sujeitos a uma série de riscos e perigos em virtude das condições precárias, nas quais a grande maioria operava. Dentre os principais fatores de risco enfrentados pelos trabalhadores dos garimpos estavam os acidentes físicos, acarretados pelo trabalho manual, muitas vezes sem o uso de equipamentos de proteção adequados, elevando significativamente o risco de lesões, como cortes, fraturas e até mesmo amputações.

Os garimpeiros experienciaram os perigos de desabamentos e soterramentos, os quais eram considerados um constante risco, tendo em vista que as galerias e túneis escavados nos garimpos, na grande maioria, não possuíam estruturas de apoio adequadas. Sobre o fato em questão, o garimpeiro, popularmente conhecido por Bododa, relatou o medo que existia durante a execução do seu trabalho. Em virtude do iminente perigo de desmoronamento de paredões de rocha, soterramentos ou explosões, que eram as causas mais temidas, uma vez que eles estavam no subsolo sem condições mínimas de segurança, dessa forma, qualquer manuseio inadequado poderia ser fatal.

“300 metros de profundidade não é brincadeira. A gente quando está trabalhando em uma banqueta dessa debaixo do chão, só pensa, o, toda hora tá pedindo felicidade a Deus, pra nada acontecer com a gente.”<sup>42</sup>

---

<sup>40</sup> SOBRINHO, Antônio de Pádua, O GARIMPO: MARCO DA HISTÓRIA MINERAL DE PICUÍ- ENTREVISTA NOZINHO DOS SANTOS. YouTube, 14 de jun. de 2017.

<sup>41</sup> SOBRINHO, Antônio de Pádua, O GARIMPO: MARCO DA HISTÓRIA MINERAL DE PICUÍ- ENTREVISTA NOZINHO DOS SANTOS. YouTube, 14 de jun. de 2017.

<sup>42</sup> Trechos de relatos de memórias contidos no Documentário “URÂNIO PICUÍ” Documentário, 2011 Dir. Tiago Melo / Antônio Carrilho.



Além dos acidentes de trabalho que resultaram em deficiências e mutilação, existiam os casos de morte de homens, pais de família que perderam sua vida nas banquetas. Ao relatar sobre sua vivência no garimpo, foi impossível não relatar a perda do seu pai. Assim, o depoente Bododa, afirma:

Eu mesmo, me lembro como hoje, era dentro de uma banqueta dessa aqui, mas eu me lembro que meu pai, eu filho de garimpeiro, meu pai morreu dentro de uma banqueta, eu era menino é foi uma mão de obra medonha para tirar ele.<sup>43</sup>

A retirada das riquezas do subsolo foi a custo de muito trabalho e vidas. Muitos carregam em seus corpos as marcas dos riscos aos quais estavam expostos diariamente no exercício do seu trabalho. Além das marcas físicas, carregam também as lembranças das suas trajetórias nos garimpos. Os riscos constantes representaram situações traumáticas para alguns garimpeiros, uma vez que o ambiente de trabalho ocasionou experiências trágicas, nas quais os trabalhadores tiveram o curso de suas vidas alterados por acidentes nos seus ambientes de trabalho.

Por sua vez, as explosões também representavam uma atenção a mais nos garimpos, ao serem responsáveis por graves acidentes, ocasionados pela utilização e manuseio inadequado dos explosivos. O relato do Sr. Antônio é um dos tantos que tiveram sua vida totalmente modificada por um acidente de trabalho no garimpo, que resultou na perda da sua visão.

“Quando foi um dia... botei fogo e corri... Não detonou, falhou. Mas desde que os pedacinho de fogo ficou lá dentro. Peguei um pau e quando encostei detonou. Quando encostei, bum. Fiquei cego, minha visão é a metade de um por cento, é só no claro.”<sup>44</sup>

A exposição às substâncias tóxicas no dia a dia dos trabalhadores em determinados setores da mineração, também ocasionaram a exposição dos garimpeiros a substâncias químicas perigosas, que trouxeram danos irreversíveis à saúde dos garimpeiros, incluindo problemas neurológicos, respiratórios e câncer. As condições insalubres também permeavam os espaços dos garimpos, considerando as condições precárias de trabalho dos garimpeiros, ambientes nocivos, pela falta de ventilação adequada, altas temperaturas, umidade e poeira, acarretando problemas respiratórios, como pneumoconiose.<sup>45</sup>

---

<sup>43</sup> Trechos de relatos de memórias contidos no Documentário “URÂNIO PICUÍ” Documentário, 2011 Dir. Tiago Melo / Antônio Carrilho.

<sup>44</sup> Trechos de relatos de memórias contidos no Documentário “URÂNIO PICUÍ” Documentário, 2011 Dir. Tiago Melo / Antônio Carrilho.

<sup>45</sup> Doença pulmonar causada pela inalação de poeira mineral.

Esses constituíram os riscos mais comuns enfrentados pelos trabalhadores ao longo da história da extração mineral, no cotidiano de trabalho dos garimpeiros. As atividades de garimpo na região são historicamente marcadas pela ausência de equipamentos de segurança, como o uso de capacetes, luvas, óculos e botas. A inexistência de regulamentação, fiscalização e acesso a equipamentos de proteção adequados, agravavam esses perigos inerentes ao exercício dessa atividade, tornando o ambiente de trabalho nos garimpos um lugar inseguro. Isso decorria de fatores como, a falta de orientação dos profissionais, fiscalização e capacitação.

A Figura 14 mostra trabalhadores picuienses em uma banqueta, evidenciando o cotidiano e o ambiente de trabalho nos garimpos. Ao analisarmos a imagem, é possível observar trabalhadores com vestimentas inadequadas, expostos a acidentes físicos, bem como sem equipamentos de proteção.

**Figura 14:** Garimpeiros picuienses



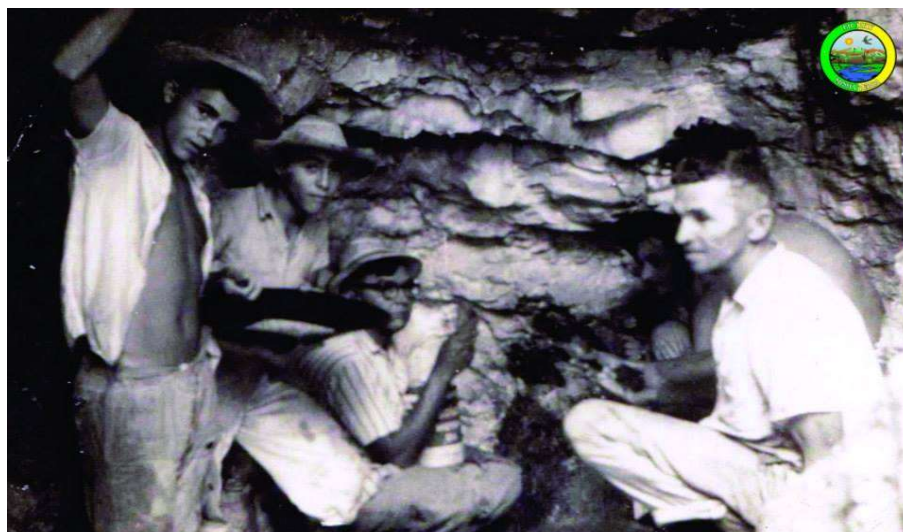
**Fonte:** Museu Virtual Picuí Antigo

Também é possível observar mais uma vez, os trabalhadores realizando o uso de ferramentas rudimentares. O senhor no centro da fotografia, apontando para um ponto específico, parece repassar um saber para os demais trabalhadores, além de mostrar um achado significativo que requeria atenção no momento. Com esta ação subentende-se que este senhor detinha uma maior experiência no reconhecimento dos tipos de minérios.

A fotografia mostra que os trabalhadores estavam em uma banqueta, o que é evidenciado pela altura do paredão rochoso ao fundo da fotografia, o que indica que esta área passou por um intenso processo de extração.

A Figura 15 ilustra o processo de busca por minerais nos garimpos picuienses, observando trabalhadores com uma roupa inadequada para o desempenho das suas funções. Na fotografia, é possível notar a presença de homens com idades mais avançadas e jovens, evidenciando que a faixa etária nos garimpos variava, permitindo a entrada de indivíduos de diferentes idades nos trabalhos de extração mineral. As fotografias foram publicadas em uma página do Museu Virtual Picuí Antigo, as mesmas não contêm os nomes dos trabalhadores nem suas respectivas datas. Ambas constituem uma fonte histórica de grande relevância, considerando a escassez de fontes existentes acerca do período elencado pela referida pesquisa.

**Figura 15:** Garimpeiros picuienses



**Fonte:** Museu Virtual Picuí Antigo

A organização dos trabalhadores fotografados denota que os mesmos estavam cientes da fotografia. Nas imagens, é possível observar que estes estavam em uma banqueta, fazendo a extração manual dos minérios. As rochas com algumas crateras e relevos e texturas diferentes evidenciam que já havia sido feita a retirada de uma quantidade considerável de minérios.

Em virtude das consequências enfrentadas pelos trabalhadores dos garimpos ao longo da história, a implementação de medidas de segurança adequadas e o cumprimento das regulamentações foram fundamentais para proteger a saúde e a segurança dos trabalhadores nessas atividades.

**Figura 16:** Garimpeiros Picuienses



**Fonte:** Museu Virtual Picuí Antigo.

Assim, considerando que “toda fotografia foi produzida com uma certa finalidade”<sup>46</sup> e que esta “é, pois, o documento que retém a imagem fugidia de um instante da vida que flui ininterruptamente”.<sup>47</sup> A figura 16 trata-se de uma fotografia dos trabalhadores do garimpo. A mesma retrata a intencionalidade do autor de demonstrar o grupo de trabalhadores ao lado do produto do seu trabalho, no sentido de que houve uma organização dos elementos, arranjados pelo autor, na qual demonstra que os trabalhadores estavam conscientes do registro.

No primeiro plano da fotografia, podemos observar um bloco de uma rocha no seu centro, o que possibilita entender que teria sido retirada pelos trabalhadores. No segundo plano, pode-se observar um grupo de trabalhadores, com uma composição preponderante de homens de todas as idades, com as ferramentas de trabalho em mãos, direcionando a nossa atenção para a presença de uma única mulher entre os demais trabalhadores, assim como de duas crianças do sexo feminino.

Os trabalhadores estão vestidos com camisas de manga, alguns com botões semiabertos, a grande maioria usava chapéus. Na imagem, é possível apreciar o relevo do local, através da presença de rochas ao fundo da imagem, denotando sua localização em uma área rural. Como aconteceu na maioria dos garimpos.

O trabalho nos garimpos era uma atividade associada ao trabalho agrícola, no qual durante os períodos chuvosos, as atividades eram divididas entre a agricultura e o garimpo.

---

<sup>46</sup> (KOSSOY, 2021, p. 51)

<sup>47</sup> Ibidem, p. 172

Assim, como a agricultura consistia em um ofício familiar, os garimpos também passaram a envolver a força de trabalho de homens, mulheres e crianças.

Apesar da presença feminina nos garimpos ter acontecido em menor escala, em virtude de uma maior dedicação feminina as lavouras, houve uma participação expressiva do trabalho feminino nos garimpos. Este foi realizado principalmente na exploração mineral que ocorria nos córregos e riachos, uma atividade, a qual requeria menor esforço. Isto tem ligação direta com as ferramentas de trabalho, conseqüentemente, com o processo de trabalho. Os homens geralmente realizavam um tipo específico de garimpagem com a utilização, o desempenho de funções, como a de “virar a caixa” e a “corrida”, funções que necessitavam de uma força maior para a sua execução. Por sua vez, as mulheres, desenvolviam normalmente a garimpagem com o uso da bateia. O que não significa que não houvessem mulheres que garimpassem a tantalita/columbita, “virando caixa”, sem que houvesse qualquer distinção entre os trabalhos masculino e feminino.

As mulheres que desempenhavam atividades nos garimpos, não eram excluídas dos afazeres domésticos, sendo uma tarefa imposta a estas, as quais além do trabalho agrícola e de garimpagem, necessitavam realizar suas funções no lar, como o cuidado doméstico e o preparo da alimentação da família. O que distinguiu da experiência de trabalho dos seus companheiros, ponderando que estas mulheres enfrentavam cotidianamente uma dupla jornada.

## **2.4 À margem da inovação: os impactos ambientais do atraso tecnológico nos garimpos**

De acordo com especialistas da área da mineração, a cidade de Picuí-PB, ainda desfruta de um grande potencial mineralógico, entretanto, em virtude da intensa exploração mineral nas décadas passadas, o processo de extração desses minerais ponderando ainda mais complexa, pois esse processo requer equipamentos eficientes, já que o trabalho manual é praticamente inviável, pela dificuldade de acesso, além da necessidade de garantir a segurança dos trabalhadores. O potencial mineralógico de uma região como Picuí-PB é um recurso valioso para o seu desenvolvimento econômico, entretanto é crucial abordarmos os desafios associados à intensa exploração mineral do passado, tal como às demandas existentes por métodos mais eficientes e seguros de extração.

A mineração realizada nas últimas décadas resultou em um terreno degradado, juntamente com questões sociais e ambientais negativas, que dificultam ainda mais o processo de obtenção de outros minerais. A adoção de maquinários eficientes e atualizados tem se

mostrado requisito indispensável para viabilizar economicamente a extração mineral na região de Picuí-PB. Através da implementação de tecnologias mais avançadas, é possível aumentar a eficiência do trabalho e reduzir os riscos para os trabalhadores.

Além disso, é importante implementar práticas de mineração responsáveis e sustentáveis, que minimizem os impactos ambientais e sociais, para promover o desenvolvimento sustentável da região, por meio da recuperação de áreas degradadas, do uso eficiente dos recursos naturais, da proteção da biodiversidade local e do envolvimento da comunidade no processo de tomada de decisões relacionadas à mineração.

Embora o potencial mineralógico de Picuí-PB ofereça oportunidades para o desenvolvimento econômico, é fundamental abordar os desafios e complexidades associados à extração de minerais na região, garantindo ao mesmo tempo a proteção do meio ambiente e o bem-estar das comunidades locais.

Em suma, é necessário que a região adote práticas de mineração responsáveis e sustentáveis, que levem em consideração as consequências ambientais, bem como, as sociais, ao mesmo tempo que estimulem o desenvolvimento sustentável. Logo, é indispensável a restauração de terras degradadas, assim como, o uso criterioso dos recursos naturais, a preservação da biodiversidade local e a partilha do poder de decisão com a comunidade em relação à mineração.

### **CAPÍTULO 3: PERSPECTIVAS E NARRATIVAS: AS REPRESENTAÇÕES DOS GARIMPEIROS DE PICUÍ-PB**

*Aqueles que escreveram a cidade,  
eternizados em praça pública, são as  
referências para as gerações futuras.  
São eles que têm autoridade para  
escrever e contar o seu passado. Quiçá,  
ainda teimam em escrever o futuro.  
(Walter Benjamin, 2012)*

A criação de museus locais, busca fortalecer a história e a identidade de um território, por meio de recordações do passado. Assim, o museu colabora com a exposição do material, do imaterial, mas também contribui com os símbolos para a história, bem como, as memórias para as gerações posteriores.

Para adentrar na temática do Museu, utilizaremos La Grand Combe, como exemplo dos povos mineiros, habituados a transmitir os conhecimentos e práticas de trabalho, através do Museu, contribuindo, dessa forma, com a criação do Museu do Carvão e Salão Cultural do Carvão, onde foram expostas as técnicas e o conhecimento do trabalho deles, transformando daquela forma, em patrimônio cultural (Eckert, 2012, p. 67).

Em contrapartida, faremos referência ao museu mineral e do memorial de Brejuí, localizado na cidade de Currais Novos–RN, local dedicado à rememoração da família Salustino. De acordo com Bezerra (2014, p.143), o único objeto que faz referência ao trabalho dos mineradores é uma bateia que está exposta, nada mais faz referência ao trabalho dos mineradores. Ainda, mediante Bezerra (2014), no mesmo museu também existe uma homenagem a Seu Gentil, em que foi afixada uma placa que está escrito “Uma homenagem a José Gentil Cortêz, funcionário mais antigo, a pedra mais preciosa da Mina Brejuí”. O escritor salienta que, o depoente, apesar de se dizer orgulhoso com o reconhecimento, confessa preferência a uma homenagem que tivesse acontecido mediante uma forma mais concreta, como um “aumento no salário”. Isso demonstra a subjetividade das memórias, a dualidade entre o material e o imaterial.

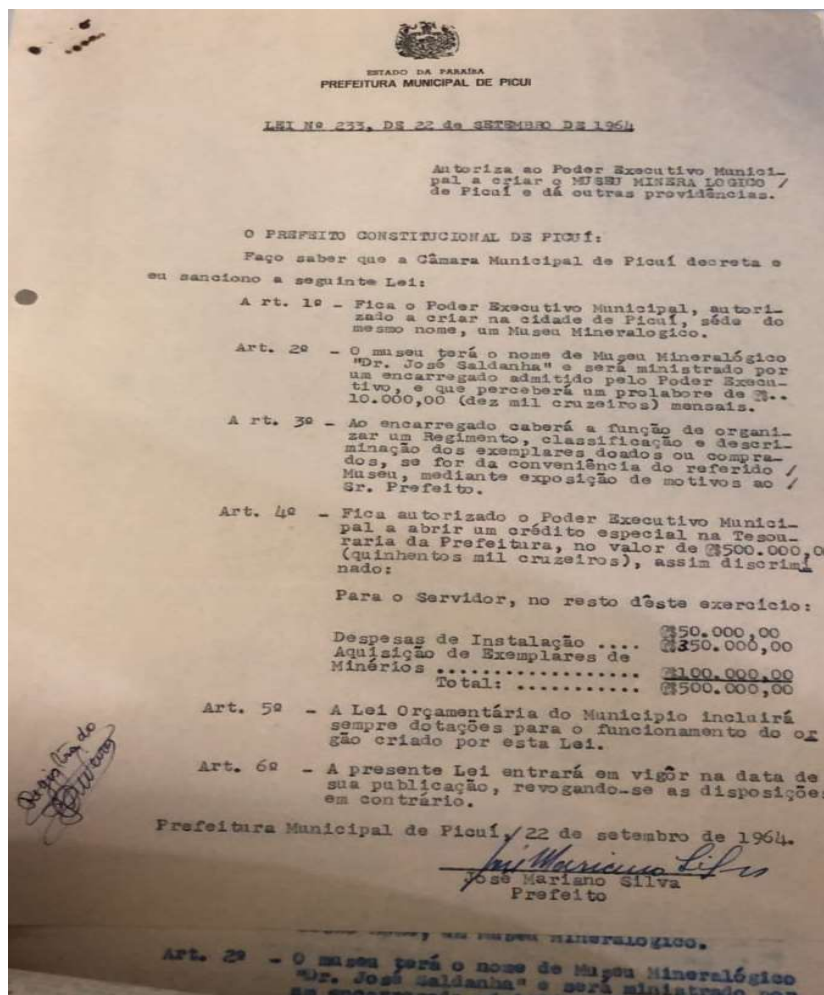
Na cidade de Picuí-PB, observou-se um movimento distinto na qual houver impulsos para a criação de museus em homenagem ao período áureo da mineração, entretanto os museus não tinham o intuito de homenagear diretamente os garimpeiros picuienses, pois a ênfase seria as riquezas do subsolo, deixando as vivências dos trabalhadores em segundo plano.

Em 22 de setembro de 1964, o prefeito constitucional José Mariano Silva, sancionou o projeto de lei que autorizava a criação de um Museu Mineralógico na cidade de Picuí-PB, conforme transcrito abaixo:

Art. 1 - Fica o poder Executivo municipal, autorizado a criar na cidade de Picuí, sede do mesmo nome, um Museu Mineralógico.

Art. 2 - O museu terá o nome de Museu Mineralógico "José Saldanha" e será ministrado por um encarregado admitido pelo poder Executivo, e que perceberá um prolabore de 10.000,00 (Dez mil Cruzeiros) mensais.

Figura 17: Decreto municipal de autorização da criação de um museu mineralógico na cidade de Picuí-PB - 1964



Fonte: Acervo próprio, 2024.

De acordo com os documentos da câmara municipal de Picuí, foi autorizada a construção desse museu, entretanto não há registros da construção de tal museu, nos livros, fotografias e nos relatos de memória dos moradores mais antigos da cidade. A intencionalidade



dessa obra, evidencia a visão que já existia sobre a importância do setor mineral para a história do município de Picuí. Assim como, o desejo de preservar essa identidade cultural para que as gerações futuras obtivessem o conhecimento deste momento histórico, assim como do potencial econômico do território.

A criação de um museu mineralógico para Picuí, também foi uma aspiração para o Sr. Nozinho Santos, um estudioso da história e riquezas do município de Picuí. Ele iniciou o projeto de um museu mineralógico na região, com recursos próprios, a partir do seu acervo pessoal, com objetos adquiridos ao longo da sua vida. Em entrevistas é possível ver imagens do museu registradas em arquivos do YouTube, entretanto o museu não chegou a ser aberto ao público, após o seu falecimento, o museu particular teve seu acervo preservado pela família, sem que houvesse indícios de torná-lo acessível para visitação.

**Figura 18:** sr. Nozinho Santos em seu museu particular



**Fonte:** Acervo de Antônio de Pádua Sobrinho

Apesar da idealização de alguns picuienses, o museu mineralógico não tornou-se uma realidade para a cidade, assim, este não transformou-se em um meio de propagar as riquezas minerais da região, e nem tão pouco, um lugar de conservação de memórias.

Contudo, o potencial mineral da cidade de Picuí-PB foi eternizado nos símbolos oficiais do município. A bandeira da cidade incorpora referências ao minério, representado pela cor amarela, assim como a riqueza do subsolo de Picuí, enquanto no centro da bandeira, alguns metais são retratados, simbolizando o período áureo da economia local, marcado pela produção de algodão e pela mineração, como também no centro, a bateia, o algodão e o sisal representam o trabalho do povo picuiense, uma vez que, a produção e comercialização gerou o sustento de

muitas famílias picuienses por décadas. O verde representa a riqueza agrícola produzida no município. O branco da bandeira simboliza a bravura, o heroísmo e o civismo do seu povo, em homenagem aos picuienses que lutaram pela paz mundial durante a Segunda Guerra Mundial. Abaixo observamos a imagem da bandeira aqui representada na figura 19.

**Figura 19:** Bandeira da cidade de Picuí - PB



**Fonte:** Acervo pessoal,2024.

De acordo com Agra (2015) A bandeira da cidade foi hasteada pela primeira vez na posse do então prefeito da cidade, Amauri Sales. O hino da cidade, escrito por Abílio César de Oliveira, também exalta o potencial mineralógico da cidade. As duas últimas estrofes, destacam a participação da cidade na Segunda Guerra Mundial, através dos materiais mineralógicos utilizados para fins bélicos pelas potências aliadas, enfatizando as riquezas minerais do seu subsolo. Assim, se a produção mineral da cidade estava voltada para os esforços de guerra, logo constituiu-se em uma atividade beligerante.

Terra feliz, de luz, de paz, de céu azul  
Teu seio esconde em minerais grandes tesouros  
E a luz astral, bênção do Cruzeiro do Sul,  
Vai transformando teus metais em fino ouro.

E quando a Europa nos chamou lá pra guerra  
Mandaste logo este tântalo bendito. Glória e riqueza extraído dessa terra. O talismã  
tão revelado do infinito.  
(Hino oficial da cidade de Picuí-PB)

A partir da estrofe do hino picuiense é possível observar a ênfase dada as questões minerais do município, mostrando a relevância desse contexto histórico, a fim de enaltecer o

sentimento de pertencimento local. Desse modo, o registro feito no hino ficará gravado na história e na identidade do seu povo. Pierre Nora (1993) nos fala que a memória é um elemento vivo, presa num acontecimento histórico, porém, repleta de interpretações e representações.

Em 1963, Abílio Cesar de Oliveira, publicou a obra *Esboço Histórico*, esta consiste nos primeiros escritos sobre a história da cidade de Picuí-PB, desde o seu processo de fundação, realizando um compilado de informações sobre a cidade e a região. No decorrer de sua obra, Oliveira (1963), no capítulo VII, intitulado “Riquezas do Subsolo”, propõe fazer um levantamento sobre a história da mineração, assim como, enfatizar os estudos geofísicos realizados ao longo do tempo. No decorrer do capítulo, o autor buscou exaltar as riquezas minerais, destacando as suas principais jazidas.

O escritor evidenciou os principais marcos ao longo da história da mineração. Os nomes citados foram de geólogos, engenheiros e cientistas que se dedicaram a escrever sobre os estudos minerais, como também, de comerciantes que foram pioneiros na comercialização destes recursos minerais. Entretanto, não foi enfatizado, a realidade vivenciada pelos trabalhadores nos garimpos, as suas condições de trabalho e a sua importância para o desenvolvimento deste setor.

Acerca das representações dos garimpeiros picuienses, também foi produzido o documentário *Urânio Picuí*, com 51 minutos de duração, aborda a existência de urânio na região de Picuí, na Paraíba, fronteira com o Rio Grande do Norte. Esse filme foi dirigido por Tiago Melo e Antônio Carrilho. Os trabalhos de pesquisa e filmagem do documentário foram realizados, coletando depoimentos de antigos garimpeiros que conviveram com geólogos e militares norte-americanos, instalados em Picuí, Parelhas e Carnaúba dos Dantas, durante a década de 1940.

A abordagem do documentário, trata sobre a descoberta de urânio no interior da Paraíba, durante a Segunda Guerra Mundial, contexto em que os americanos teriam se instalado na cidade de Picuí, extraíndo uma parte do urânio para utilização da fabricação de armamentos nucleares. Desse modo, com a comprovação da presença de tais minerais, os americanos aproximaram-se da região, exploraram e extraíram minérios em larga escala. A partir da constatação desse comércio e de fortes indícios dessa exploração, os garimpeiros e moradores de Picuí começaram a questionar se a bomba de Hiroshima não teria sido produzida com o urânio retirado em solos do Seridó.

Sabe-se que durante o período de beligerância mundial foi retirada uma quantidade expressiva de Tantalita e Columbita. Através do processo de beneficiamento desse minério, se

extraiu o tântalo, um material indispensável para a produção de armas de fogo. Durante o documentário, é possível observar o depoimento de muitos mineradores americanos que relataram sobre as doenças que surgiram na época, a partir do contato com os materiais radioativos, além dos acidentes de trabalho.

O longa metragem foi filmado no cenário da cidade durante o ano de 2010, e consiste em um importante registro para a história da cidade, evidenciando, dessa forma, os relatos de memória dos trabalhadores dos garimpos, as suas representações e a importância da conservação destas memórias, sobretudo, pelo fato de que, muitos destes depoentes já vieram a óbito, logo, o documentário é de grande relevância para a história da cidade, uma vez que apresenta uma percepção da história da mineração, cujo estudo ainda não havia sido aprofundado.

Em suma, o vídeo registrou depoimentos, desde homens que administraram garimpos, até os trabalhadores que dedicaram anos da sua vida ao trabalho de garimpagem. O mesmo resgatou as memórias de um contexto histórico, que marcou o imaginário, a economia, a política, dentre outros aspectos da sociedade picuiense. Através deste, tem sido colocado em evidência, as vozes que estavam esquecidas e que puderam ser ouvidas pelos mais diversos públicos. “*Urânio Picuí*”, pretende, assim, documentar essas falas “esquecidas” pelas histórias oficiais sobre a mineração em Picuí, através das imagens e entrevistas gravadas.

### **3.1 Guardiões do tempo: lugares de memória e a construção da identidade coletiva**

A prática de preservar memórias e eternizá-las através da construção de lugares de memória, é bastante comum em várias culturas ao redor do mundo. Esses lugares podem assumir diversas formas, como museus, memoriais, monumentos, sítios arqueológicos, entre outros. Estes desempenham um papel fundamental na preservação da história e na transmissão de conhecimento às gerações futuras, servindo como pontos de encontro para comunidades, nas quais as pessoas podem refletir sobre o passado, bem como, aprender com os eventos históricos.

Os lugares de memória, muitas vezes, desempenham um papel importante na celebração de conquistas e marcos significativos. Ao visitar esses locais, as pessoas podem se conectar com suas raízes e entender melhor sua história e herança cultural.

De acordo com Nora (1993), os lugares de memória, “nascem e vivem do sentimento que não há memória espontânea nas sociedades atuais, que é preciso criar arquivos, organizar celebrações, manter aniversários, pronunciar elogios fúnebres, notariar atas, porque estas operações não são naturais”.

Na cidade de Picuí-PB, as praças que fazem parte da urbanização da cidade, também são lugares de memórias. Para Nora (1993, p.21) “São lugares com efeito nos três sentidos da palavra, material, simbólico e funcional, simultaneamente, somente em graus diversos.” Isto implica que são lugares materiais, nos quais a memória social se sustenta e pode ser aprendida pelos sentidos, são lugares funcionais, os quais tem a função de consolidar as memórias coletivas, e são simbólicos, em que a memória expressa um acontecimento ou experiência vivida. Alguns desses lugares fazem referência a trajetória de vários picuienses que se destacaram em diversos campos da sociedade, desde políticos, trabalhadores, músicos e educadores.

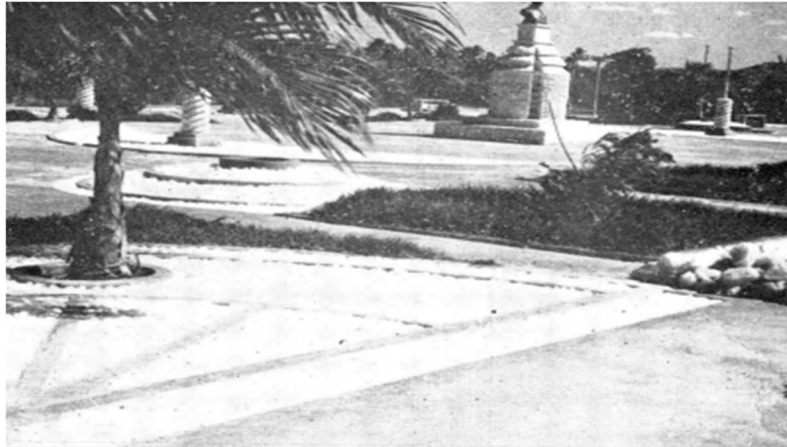
Para Sandra Pesavento:

A cidade sempre se dá a ver, pela materialidade de sua arquitetura ou pelo traçado de suas ruas, mas também se dá a ler, pela possibilidade de enxergar, nela, o passado de outras cidades, contidas na cidade do presente. Assim, o espaço construído se propõe como uma leitura no tempo, em uma ambivalência de dimensões que se cruzam e se entrelaçam. (Pesavento, 2007, p.16)

Na cidade, há dois locais de memória que remetem diretamente ao período áureo da mineração e ao potencial mineralógico da região. Desde as primeiras construções das praças em Picuí-PB, é comum o uso de materiais minerais encontrados localmente. Por exemplo, o quartzo foi utilizado inicialmente de forma bruta, com poucos acabamentos, mas ao longo do tempo, deu lugar a pedras mais elaboradas, com acabamento industrializado. Na imagem a seguir é possível observarmos a utilização de quartzo branco e rosa na estrutura da praça Getúlio Vargas, localizada no centro da cidade. A aplicação desse elemento natural em sua forma bruta, tinha o viés meramente decorativo, fazendo referência ao seu potencial mineral da região.

A utilização destes minerais foi bastante recorrente nos paisagismos das praças do centro da cidade. Nesse contexto, as localizações mais afastadas da cidade, não possuíam praças, movimento que vai ser observado apenas a partir do início do sec. XXI, com a construção de praças e lugares recreativos para os bairros mais distantes da cidade.

**Figura 20:** Praça Getúlio Vargas, em Picuí. A base do monumento constituída por quartzo branco e rosa, a base do busto de cristais de ortose branca.



**Fonte:** Rolff (1946)

**Figura 21:** Busto da praça Getúlio Vargas



**Fonte:** Acervo pessoal, 2024

### **3.2 Construindo com História: O Legado dos Garimpos no paisagismo das praças picuienses**

Além de utilizar materiais mineralógicos nas estruturas, foram erguidos monumentos que fazem referência direta ao ciclo da mineração em Picuí. A Praça dos Garimpeiros, inaugurada em 18 de março de 2012 durante as festividades de emancipação política de Picuí, é um monumento significativo, que presta homenagem ao ciclo da mineração na região. Recebendo o nome do senhor Severino Pereira Gomes, ex-garimpeiro e ex-prefeito de Picuí, a

praça é uma homenagem ao legado histórico dos trabalhadores dos garimpos, cujo trabalho foi fundamental para impulsionar a economia local por décadas.

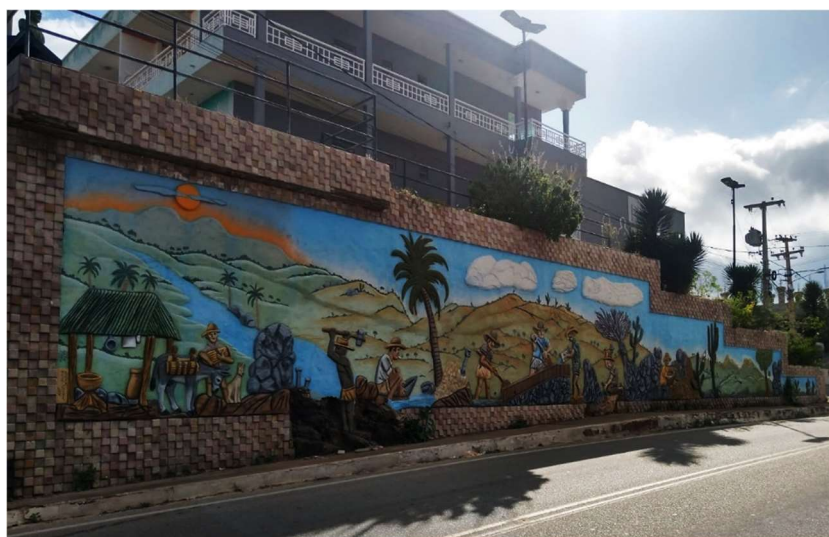
**Figura 223:** Praça dos garimpeiros (Severino Pereira Gomes)



Fonte: Acervo pessoal (2023).

Além de servir como um espaço de memória e reconhecimento, a Praça dos Garimpeiros também se destaca como um dos principais pontos turísticos de Picuí–PB. Sua construção e design inclui elementos que evocam a atividade da mineração, seja através de esculturas talhadas na própria rocha, no busto e placa informativa, seja em outros recursos visuais que contenham a história e a importância desse setor para a comunidade local. Dessa forma, a Praça dos Garimpeiros não apenas celebra a história e contribuição dos trabalhadores da mineração, mas também, se torna um símbolo representativo da identidade e cultura da cidade de Picuí.

**Figura 23:** Pannel da praça dos garimpeiros



Fonte: Acervo pessoal, 2023.

É a história narrada através da arte, fundamental para dar visibilidade, não apenas aos personagens que eles representam, mas, sobretudo, pelo gesto que fez esses monumentos serem escritos na cidade e na própria sociedade, representando a memória de um lugar. Através deles, tem-se acesso às narrativas, as quais são construídas segundo a perspectiva de quem narra os eventos, aqueles que conseguiram criar uma narração e aprimorá-la ao longo do tempo. É importante lembrar que as pessoas, culturas e lugares têm diferentes interpretações, dependendo da perspectiva de quem descreve os eventos.

A praça conta com um painel esculpido em um paredão de pedra, obra realizada pelo artista local Manoelzinho<sup>48</sup>, retratando todos os processos da extração mineral, destaca a intensa atividade de mineração já desenvolvida no município. O painel representa a extração de forma manual, rudimentar e com o auxílio de animais, como ocorria ao longo da maior parte do período produtivo das minas em Picuí.

Além de homenagear a classe de trabalhadores, em sua maioria anônimos, o painel serve como um registro duradouro do conhecimento e habilidades desses homens para as gerações futuras. Ao representar os métodos e técnicas utilizados na mineração, este preserva a memória e a tradição da atividade mineradora em Picuí, contribuindo para a conservação da história local e seu legado cultural.

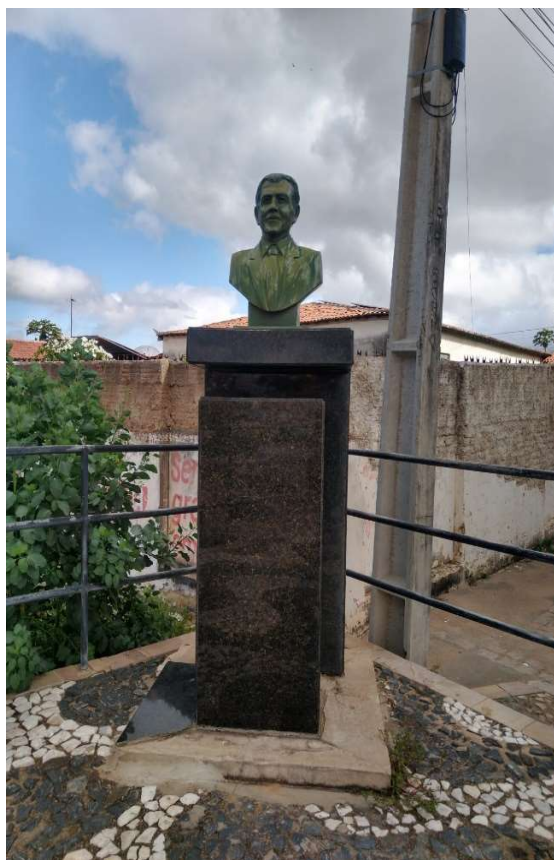
A praça recebeu o nome de Severino Pereira Gomes, o mesmo trabalhou no setor agrícola e adentrou ao trabalho nas minas, ainda durante a sua infância, tornou-se um dos maiores mineradores e comerciantes do setor mineral na região, foi Prefeito da cidade de Picuí, por dois mandatos e faleceu no dia 15 de julho de 2010.

---

<sup>48</sup> Manoel de Lima Dantas (in memoriam) , foi um artista plástico picuiense, faleceu no dia 05/04/2024.



**Figura 24:** Busto da praça Severino Pereira Gomes



**Fonte:** Acervo pessoal, 2023.

Apesar de ser pouco visitada pelos moradores da cidade, a Praça dos Garimpeiros, como é conhecida, faz parte da paisagem urbana da cidade e tornou-se um dos cartões postais para os turistas que visitam Picuí. Localizada ao lado da praça temática José Líbio Dantas (Praça do Boi), que faz referência à produção tradicional de carne de sol na cidade, a Praça dos Garimpeiros adiciona outra dimensão à identidade turística de Picuí. Embora a história mineral da cidade seja significativa, Picuí é amplamente reconhecida em todo o estado como a "terra da carne de sol".

A proximidade da Praça dos Garimpeiros com a Praça do Boi destaca a diversidade da história e cultura local, esses pontos de interesse não apenas celebram as tradições locais, mas também contribuem para o desenvolvimento do turismo na região, promovendo Picuí como um destino turístico dentro da Paraíba.

As duas praças fazem referência a dois setores importantes da economia do município, contudo, é relevante olhar para além, percebendo que ambas têm um intuito de preservar e difundir uma identidade cultural. Picuí, por vezes, é colocada como a terra da carne de sol,

outras, como a terra do minério. Ambos os discursos são mais salientados pelos líderes políticos, que pela própria população.

Logo, é possível compreender que cada tempo presente cria e delimita os seus monumentos celebrativos, que são instrumentos de comemoração real, plausíveis de rememoração, de tal modo que, toda sociedade tem o encargo da transmissão, através das gerações, daquilo que ela considera suas conquistas culturais (Ricoeur, 2007, p.75).

Ao nos propormos a analisar e interpretar as histórias dos monumentos, percebemos as marcas deixadas pelos diferentes modos de vida, crenças, ideologias e contextos históricos em que foram criados. Os monumentos estão longe de serem apenas estruturas físicas estáticas, eles são artefatos carregados de significado e simbolismo, que refletem as ideias e os valores das pessoas que os construíram em um determinado contexto, bem como, dos eventos que desejavam comemorar ou perpetuar. Através da análise dos monumentos históricos, podemos compreender não apenas as realizações materiais de uma sociedade, mas também, seus conflitos, suas mudanças culturais e políticas, suas visões de mundo e até mesmo suas contradições.

Os monumentos são interpretados de diversas formas ao longo do tempo e por diferentes grupos sociais, refletindo sobre as transformações na sociedade e nas perspectivas históricas. Além disso, também são alvos de contestação e reinterpretação em decorrência das mudanças na consciência histórica ou na compreensão dos valores e ideais que eles representam. Em síntese, estes testemunham a história humana, sua relevância e interpretação estão sempre em constante mudança.

O relógio de “Pedra” inaugurado em 18 de janeiro de 2014, durante as festividades do padroeiro São Sebastião, pelo então prefeito Constitucional de Picuí, o engenheiro de minas, Acácio Dantas, é mais do que um simples marcador de horas. Localizado no centro da cidade de Picuí, o relógio foi construído no local onde ficava o antigo prédio, popularmente conhecido como “Ferro de engomar”, na praça João Pessoa, e alinhado com os demais monumentos que compõem a praça, o mesmo desempenha um papel significativo na cidade. Grande parte deste é constituída de granito Bordô, rocha extraída no município e região para fins ornamentais.

Além de sua função prática de marcar o tempo, o relógio de "Pedra" tem uma finalidade simbólica relevante: enaltecer o potencial mineralógico da cidade e da região. Sua presença na praça não apenas serve como um ponto de referência para os moradores e visitantes, mas também destaca a história e a identidade da comunidade em relação à sua riqueza mineral.

Como um dos principais cartões postais da cidade, o relógio de "Pedra" não apenas representa a passagem do tempo, mas também simboliza a força e a resiliência da comunidade de Picuí. Sua inauguração, que contou com a presença de populares, autoridades políticas e religiosas, marcou um momento de celebração e orgulho para a cidade, destacando a importância de valorizar e preservar seu patrimônio histórico e cultural.

**Figura 25:** Relógio de Pedras, Picuí - PB



**Fonte:** Acervo pessoal, 2024.

Percebe-se através da elevação da praça, que em certa medida houve uma preocupação em representar esse período através de monumentos que compõem o urbanismo da cidade. Para NORA (1993) “Mesmo um lugar de aparência puramente material, como um depósito de arquivos, só é lugar de memória se a imaginação o investe de uma aura simbólica.” Logo, concordamos com Pollack (1989) quando enfatiza que os lugares de memória somente se constituírem em espaço de preservação de uma memória, se assim a comunidade os reconhece como tal, pois não é apenas sobre construir monumentos e um discurso sobre essas memórias, é sobre a população reconhecer essas memórias como algo que precisa ser conservado.

Ao longo das histórias, os monumentos são marcados pelos diferentes usos, que vão dos abusos aos desusos. Durante o período da sua construção e inauguração, os seus idealizadores, iniciam um trabalho de rememoração que proporciona um excesso de memória. (Ricoeur 2007, p.92). Esses espaços são para Pesavento (2007),

Cidades sonhadas, desejadas, temidas, odiadas; cidades inalcançáveis ou terrivelmente reais, mas que possuem essa força do imaginário de qualificar o mundo. Tais representações foram e são capazes de até mesmo se imporem

como as ‘verdadeiras’, as ‘reais’, as ‘concretas’ cidades em que vivemos.  
(Pesavento, 2007, p.11)

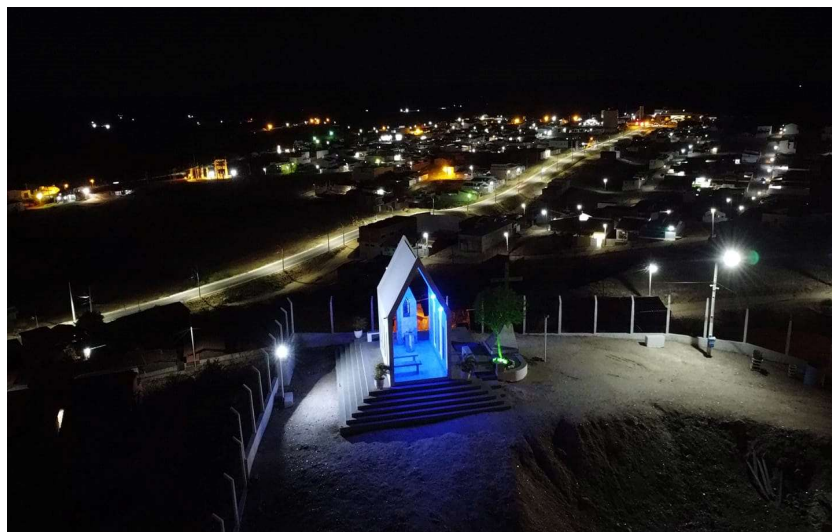
Algumas localidades de exploração comercial passaram a fazer parte do perímetro urbano da cidade, enquanto houve a expansão e os avanços urbanísticos. Em Picuí, uma das minas ao ar livre mais antigas do Município é o garimpo alto do cruzeiro. Datada da década de 40, os trabalhos foram iniciados no contexto da Segunda Guerra Mundial. Nesta localidade, assim com tantas outras, é possível observar como a extração mineral transformou as paisagens naturais ao longo do tempo. Nas proximidades desta localidade foi construído um monumento religioso.

**Figura 26:** Alto do Cruzeiro



Fonte: Rolff (1946).

**Figura 27:** Capela de Nossa Senhora Aparecida, construída sobre o Alto do Cruzeiro.



**Fonte:** Olivanio Remígio, 2021.

Em sua obra, *Esboço histórico Município de Picuí*, Oliveira (1963, p.49), destaca a colocação de Rolff, em seu boletim de N° 80, página 11, na qual ele destacou que,

“No futuro, Picuí, por certo, será lugar obrigatório para excursões de estudantes de geologia, de professores das ciências da terra e de investigadores delas, porque a permanência no município de Picuí durante uma semana ensinará, aos interessados das ciências, mais que concerne a pegmatitos e no esclarecimento da fase pegmatita e drúzica da consolidação dos magnos ácidos”

Oliveira, (1963) ressaltou que os escritos do engenheiro Rolff, atingiram a verdadeira profecia e esta realizou-se ao “pé da letra.” Ao enfatizar que:

Efetivamente, em novembro de 1946, aqui estiveram, em excursão, diversos professores e alunos da escola Politécnica de Pernambuco, tendo um daqueles proferido uma Conferência mineralógica, na jazida alto do Urubu, sob o título “ O pegmatito e seus derivados”, a que tivemos a satisfação de assistir, em nome do Sr. Prefeito Municipal, ao lado do Sr. Vicente Ferreira de Macedo, um dos pioneiros da mineração nesta terra.” (Oliveira, 1963, p.49)

Ao longo do tempo, Picuí continuou sendo lugar propício para o desenvolvimento de pesquisas e estudos na área da mineração, a cidade foi contemplada com a expansão dos Institutos Federais de Educação e no ano de 2008, a cidade contou com a implantação do campus do IFPB, o mesmo, oferta cursos do nível técnico e superior. Dentre os cursos oferecidos pela referida instituição de ensino, disponibilizam-se os cursos técnicos em Mineração e Geologia. Responsáveis pelo desenvolvimento de estudos e análises da região, a implementação destes cursos tem ligação direta com os fatores culturais, sociais e econômicos da região. Portanto, a profecia de Rolff, de fato, se realizou literalmente.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base nos estudos desenvolvidos ao longo desta pesquisa tivemos a oportunidade de observar o processo de intensificação mineral na cidade de Picuí, a partir das fontes elencadas pela referida pesquisa, as quais nos permitiram conhecer as nuances, tramas e enredos. Ao voltarmos nossos olhos para o contexto de intensificação mineral e o seu processo de regressão tecnológica. As lembranças dos antigos garimpeiros, permitiram escrever sobre a história da mineração na cidade de Picuí-PB. Em uma conjuntura, na qual a valorização do potencial mineralógico do território, não proporcionou o reconhecimento dos profissionais desse setor mineral, em virtude da forma pela qual esse processo produtivo foi conduzido na cidade de Picuí.

O valor deste processo histórico está indissociável à trajetória de vida destes trabalhadores, por ser por meio do trabalho e esforços destes homens que se dedicaram ao ofício do garimpo que foi possível o envio de toneladas de minérios para o comércio externo, portanto esta pesquisa tem a missão de deixar registrada as memórias de alguns garimpeiros, dentre tantos que passaram pelas minas picuienses.

No primeiro momento nos aprofundamos na análise acerca do período áureo da mineração picuiense, atrelado a isso buscamos compreender as mudanças operacionais e tecnológicas, ocorridas com Brasil e Estados Unidos, bem como as permanências na exploração do trabalho, em virtude dos esforços de guerra. Observamos as mudanças socioculturais e econômicas, que ocorreram na cidade de Picuí, devido à intensificação da extração mineral no contexto de beligerância mundial, como também o contexto de regressão tecnológica no período pós-guerra.

O processo produtivo foi marcado pela presença de atravessadores que compravam o material dos garimpeiros e comercializavam em outras regiões, refletindo sobre a prática da informalidade, no processo de compra e venda, por vezes, tal ação contribuiu para que o município de Picuí não usufrísse do seu potencial mineral, da produção de riquezas retirada do seu subsolo.

Os garimpeiros atuaram nos garimpos picuienses, em sua maioria na clandestinidade, sem capacitação técnica durante o período abordado. Percebe-se que ocorreu uma relação desfavorável durante esse recorte temporal, entre os pequenos garimpeiros e atravessadores no processo de compra e venda da produção mineral. Os compradores pagavam baixos valores aos garimpeiros pelo seu produto, e a comercialização era elevada conforme o valor de mercado para as indústrias de beneficiamento.

Constatamos que a indústria mineral em Picuí foi marcada pela incorporação de diversas tecnologias, incluindo modernização e regressão tecnológica em seu processo produtivo. Entretanto, uma das particularidades da extração mineral local foi a manutenção de condições precárias de trabalho, que não tiveram nenhuma alteração ao longo da história. Deste modo, representa-se um dos maiores desafios para o desenvolvimento sustentável, tendo em vista que o garimpo realizado de modo predatório, foi responsável pela degradação do ambiente, desperdícios dos minerais, problemas socioeconômicos e de saúde do trabalhador. A realização da extração mineral sem planejamento ocasionou problemas ambientais, impactos sociais e problemas de saúde.

Apesar da cidade estar ligada ao setor mineral e ter marcado significativamente a história do município, é importante ressaltar que os trabalhadores deste setor não foram valorizados ao longo dos anos. Por décadas, eles desempenharam seus trabalhos de forma precária, sem haver uma preocupação mínima com sua segurança. Outro ponto de extrema relevância é que o município não enriqueceu com a venda dos minerais. Picuí, assim como outras cidades produtoras da região, viram suas riquezas minerais levadas para longe. Isso é particularmente significativo, considerando que a região possui um grande potencial mineral, ainda não explorado em sua totalidade em virtude do atraso tecnológico e ambiental.

Foi através das memórias de garimpeiros que analisamos o seu cotidiano, desse modo, os aportes teóricos contidos na referida pesquisa, sejam eles obtidos por fontes audiovisuais, fotografias, recortes de jornais, bibliográficas, documentais e as vozes dos sujeitos dos garimpos, nos auxiliaram nesse fazer historiográfico, nos dando subsídios de pensar um recorte temporal de uma cultura mineira intensificada no contexto da Segunda Guerra Mundial.

Do exposto que compreende as intensas e tênues relações existentes no setor mineral, esta dissertação nos leva a compreender que houve alterações de hábitos e costumes, em virtude da intensificação da extração mineral, que alteraram significativamente a dinâmica social e econômica da cidade.

A história da mineração é ampla, ao longo dos seus mais de 100 anos de funcionamento, muitos acontecimentos e personagens compuseram esse enredo. Esperamos que nesse emaranhado de histórias possam ser tecidos novos fios, os quais possibilitem outras perspectivas e questionamentos. Destacamos a importância de pesquisas que tratem sobre como um evento histórico de proporções mundiais pode alterar o curso da história de lugares interioranos.

Em suma, compreendemos que não existem temas esgotados, portanto, essa é mais uma porta aberta no universo de possibilidades e linhas de estudo sobre a história da cidade de Picuí. Neste momento, nos contentaremos em discorrer sobre essa história, na busca por resgatar a atividade mineral que sempre foi uma importante fonte de renda para muitas famílias picuienses. Garimpar estas memórias e dinâmicas que permearam o setor mineral foi pertinente e desafiador.



## REFERENCIAS BIBLIOGRAFICAS

- AGRA, Fabiana de Fátima Medeiros: **Picuí do Seridó Século XX**, volume I, 1900-1950. João Pessoa: A União, 2014.
- AGRA, Fabiana de Fátima Medeiros: **Picuí do Seridó Século XX**, volume II, 1951-2000. João Pessoa: A União, 2016.
- AIRES, José Luciano de Queiroz. **Cenas de um espetáculo político: poder, memória e comemorações na Paraíba (1935-1945)**. 2.ed.- João Pessoa: Editora do CCTA, 2015.
- ALBERTI, Verena. **Histórias dentro da História**. In: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). Fontes históricas. São Paulo: Contexto, 2005.
- ALBERTI, Verena. **"Idéias" e "fatos" na entrevista de Afonso Arinos de Mello Franco**. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; ABREU, Alzira Alves de ... [et al.]. Entrevistas: abordagens e usos da história oral. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1994.
- ALMEIDA, Sandoval Carneiro de; JONSTHON JR., W. D.; SCORZA, Evaristo P.; LEONARDOS, Othon H. **Pegmatitos com Berilo, Tantalita e Cassiterita da Paraíba e do Rio Grande do Norte**. Revista Mineração e Metalurgia, Vol. VII, Nº39. Rio de Janeiro, 1943.
- ANDRADE, Manoel Correa. **Mineração no Nordeste: Depoimentos e Experiências**. Brasília: MCT/CNPQ/Assessoria Editorial e Divulgação Científica, 1987.
- ARENDDT, H. **A condição humana**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2016.
- BARROS, José de Assunção. **O campo da história: especialidades e abordagens**. Petrópolis: Vozes, 2011.
- BAZAGA, R.G.; ROMANO, C. C. **O Jornal Como Fonte Da História Política: O Papel Da Imprensa na Construção das Representações Políticas Do Movimento Das "Diretas Já"**. Anais do III Congresso Internacional de História da UFG/Jataí: História e Diversidade Cultural. Realização Curso de História. 2012.
- BENJAMIM, Walter. **Magia e Técnica, arte e política: ensaios sobre a literatura e história da cultura**. Tradução Sergio Paulo Rouanet e Jeanne Mary Gagnebin. 7. Edição. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- BOSI, Alfredo. **O tempo e os tempos**. In: NOVAES, A. (org.). Tempo e história. São Paulo: Companhia das Letras, 1992, p.19-33.
- BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. São Paulo: Cia das Letras, 1992.
- BURKE, Peter. **O que é História Cultural?**. Trad. Sergio Goes de Paula 2ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora. 2008.
- CANDAU, Joel. **Memória e identidade; tradução Maria Leticia Ferreira**. 1.ed. São Paulo: Contexto, 2012.
- CERTEAU, M. de. AGIARD, Luce; MAYOL, Pierre. **A invenção do cotidiano: 2, morar, cozinhar**. Petrópolis: Artes de Fazer, 1996.
- CHAUIR, Marilena de Souza. Apresentação. In: BOSI, Ecléa. **MEMÓRIA E SOCIEDADE: lembranças de velhos**. São Paulo, EDUSP, 1987.
- FERREIRA, Marieta de Moraes. **História oral: um inventário das diferenças**. In:

- FERREIRA, Marieta de Moraes; ABREU, Alzira Alves de ... [et al.]. *Entre-vistas: abordagens e usos da história oral*. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1994.
- HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. Trad. de Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2006.
- HELLER, Agnes. **O Cotidiano e a História**. São Paulo: Paz e Terra, 1998.
- KOSSOY, Boris. **Fotografia & história**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2021.
- LEITE, Carlos Henrique Ferreira. **Teoria, Metodologia E Possibilidades: Os Jornais Como Fonte E Objeto De Pesquisa Histórica**. *ESCRITAS* Vol. 7 n.1.2015. Disponível em: <https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/escritas/article/view/1629/8314>. Acesso em : 29 Jan. 2024.
- LIMA, Helder Cordeiro. **A Trajetória do Setor Mineral no Município de Pedra Lavrada – PB: Uma Análise das ações públicas para pensar o desenvolvimento**. Dissertação (Pós-Graduação em desenvolvimento regional) Campina Grande, p. 127. 2013.
- LINDEN, M. V. **História do trabalho: o velho, o novo e o global**. *Revista Mundos do Trabalho*, vol.1, n. 1, janeiro-junho de 2009
- MARX, Karl. **O capital: a crítica da economia política**. São Paulo: Nova Cultural, 1988, p. 142. v. 1
- MATOS, Maria Izilda Santos de. **Cotidiano e cultura: História, cidade e trabalho/ Maria Izilda Santos de Matos**. Bauru, SP: EDUSC, 2002.
- MEDEIROS, Coriolano de. **Dicionário Corográfico do Estado da Paraíba**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Departamento de Imprensa Nacional, 1950.
- NAPOLITANO, Marcos. **FONTES AUDIOVISUAIS: A História depois do papel**. IN: **Fontes históricas**. PINSKY, Carla Bassanezi Pinsky (organizadora). 2ª Ed. São Paulo: Contexto, 2008.
- NÓBREGA, Elielma da Silva. **SEGUNDA GUERRA MUNDIAL E O IMPACTO NA HISTÓRIA DE PICUÍ - PB: MEMÓRIA, MODERNIDADE E MINERAÇÃO (1943-1945)** 2021. 70. TCC (Graduação). Curso de História, Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande. 2021.
- OLIVEIRA, Abílio César de. **Município de Picuí: Esboço Histórico**. Natal: Tipografia Santa Terezinha, 1963.
- PETERSEN, Sílvia. **“Dilemas e desafios da historiografia brasileira: a temática da vida cotidiana”**. In: MESQUITA, Z. e BRANDÃO, C. (org.) *Territórios do cotidiano*. Porto Alegre: UFRGS; Santa Cruz do Sul: EdUNISC, 1995.
- PROST, Antoine. **“Social e cultural indissociavelmente”**. In: Jean-Pierre Rioux; JeanFrançois Sirinelli (orgs.). *Para uma história cultural*. Lisboa: Estampa, 1998, 123-137.
- RICOEUR, Paul. **La mémoire, l’histoire, l’oubli**. Paris: Éditions du Seuil, 2000.
- ROLFF, Paulo Aníbal Marques de Almeida. **Reservas Minerais do Município de Picuí - Boletim N°80**. Rio de Janeiro: Divisão de Fomento da Produção Mineral - Departamento Nacional da Produção Mineral - Ministério da Agricultura - República dos Estados Unidos do Brasil, 1946.
- SCORZA, Evaristo Penna. **Província Pegmatítica da Borborema (Nordeste do Brasil)**. Rio

de Janeiro: DNPM, 1944, 57 p. (Boletim nº 112).

SONTAG, S. **Sobre fotografia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

SHARPE, Jim. **A história vista de baixo**. In: BURKE, Peter. (Org.). *A escrita da história: novas perspectivas*. São Paulo: UNESP, 1992. p.39-62.

SILVA, C. B. & PAULILO, M. I. **História Oral e memória: movimentos sociais de mulheres camponesas**. In: *Revista História Oral*. Rio Grande do Sul, v. 11, n. 1-2, p. 43- 60, jan-dez. 2008.

SILVA, M. R. R. da; DANTAS, J. R. A. **A Província Pegmatítica da Borborema – Seridó nos Estados da Paraíba e Rio Grande do Norte**. In: **Principais depósitos do Nordeste Oriental**, DNPM, 1984. P. 235-303.

THOMPSON, E. P. **A formação da classe operária inglesa**, vol.1. *A árvore da liberdade*. São Paulo: Paz e Terra, 2017.

TOMPSON, E. Paul. **A voz do passado: história oral**. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1992.

## **FONTES**

### **Cinematográfica:**

**Curta - Documentário Urânio Picuí**, 2011 | Direção e Roteiro: Tiago Melo e Antônio Carrilho. Disponível:

[https://vimeo.com/45176655?fbclid=IwAR0RwSQWgrQE\\_KMeDj1YLBmLwv3YmZJ7LFRZ\\_TGkMcQj2is9FpLS\\_KT3orE](https://vimeo.com/45176655?fbclid=IwAR0RwSQWgrQE_KMeDj1YLBmLwv3YmZJ7LFRZ_TGkMcQj2is9FpLS_KT3orE) Acessado: 30 de agosto de 2023.

**Documentário Urânio Picuí**, 2011 | Direção e Roteiro: Tiago Melo e Antônio Carrilho. Disponível em: <https://youtu.be/Q9SV0LfyNWk>. Acessado: 20 de fevereiro de 2021.

SOBRINHO, Antonio de Pádua Caetano de Lima, **O GARIMPO: MARCO DA HISTÓRIA MINERAL DE PICUÍ- ENTREVISTA NOZINHO DOS SANTOS.**

YouTube, 14 de junho de 2017. Disponível em: <https://youtu.be/p-KdHiv69AQ?si=xNRqj6JrvrTa6b2H>. Acessado: 30 de maio de 2024.

### **Legais:**

SENADO FEDERAL. Decreto nº 12.105, de 26 de março de 1943, Art.1º

### **Periódicos:**

A UNIÃO. João Pessoa: Patrimônio do Estado, 22.07.1942, p.6.

A UNIÃO. João Pessoa: Patrimônio do Estado, 09.08.1944, p.3.

A UNIÃO. João Pessoa: Patrimônio do Estado, 04.12.1962, p.15.

DIÁRIO DA BORBOREMA. Campina Grande, 13.08.1964, p.3.